



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 180 anos do Jornal do Commercio**

Rio de Janeiro – RJ, 1º de outubro de 2007

Senhor Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal,
Senhor Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
Exterior,

Senhor Márcio Fortes, ministro das Cidades,
Desembargador José Carlos Schmidt, presidente do Tribunal de Justiça
do Rio de Janeiro,

Maurício Dinepi, presidente do Jornal do Commercio,
Edson Zenóbio, presidente do condomínio acionário dos Diários
Associados,

Álvaro Teixeira da Costa, presidente da Comissão Executiva dos Diários
Associados,

Senador Marcelo Crivella, aqui presente,
Deputados federais, deputadas,
Ministro Marcos Vinícius Vilaça, por meio de quem cumprimento todos
os homenageados com o Troféu 180 Anos,

Meu caro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,
Secretários de estado,

Meus amigos e minhas amigas,

O aniversário de um órgão de imprensa é sempre uma reafirmação do
espaço de liberdade na vida de um povo. E quando o veículo carrega consigo a
história e a tradição construídas em 180 anos de circulação ininterrupta, essa
afirmação ganha relevo e densidades adicionais.

Testemunha de tantas conquistas da nação brasileira, o fim da odiosa



escravatura, a proclamação da República e a longa caminhada que resultou na sólida democracia em que vivemos, o Jornal do Commercio enfrentou também os muitos reveses de nossa história, felizmente hoje superados. Estou falando dos períodos onde a prática do bom jornalismo e o exercício da liberdade de imprensa eram cerceados por práticas autoritárias e das crises econômicas que solaparam, inúmeras vezes, os passos que o Brasil vinha dando no sentido de fortalecer sua indústria e seu mercado.

Refiro-me também à falta de estratégia sólida de desenvolvimento nacional com inclusão social, uma lacuna política responsável por aumentar, em muito, a pobreza e a desigualdade em nosso País e que, por isso mesmo, constrangeu historicamente nossa economia. É impossível pensar em uma economia sólida sem justiça social. Onde imensas faixas da população estão abaixo da linha da pobreza, não há mercado interno sólido. E quando educação é um privilégio de poucos, inexistente sequer mão-de-obra qualificada para os setores industriais, comerciais e de serviços que hoje enfrentam uma competição global.

O Jornal do Commercio chega aos seus 180 anos, portanto, em um momento no qual uma grande conjugação de forças políticas e econômicas nacionais possibilita ao Brasil enfrentar o seu maior desafio, que é crescer com justiça social.

Nesse contexto, o nosso jornalismo e em especial o jornalismo econômico, deve ser livre e plural para exercer com equidade o papel de grande praça de debates, onde os diferentes anseios e demandas da nação sejam representados.

É fundamental, portanto, que a prática jornalística agregue à liberdade a consciência histórica do que significa construir um novo ciclo de desenvolvimento num mundo volátil da globalização.

O jornalismo em que predomina a abordagem econômica tem ampliado, e muito, o acesso do cidadão não especializado às questões que determinam



tanto o destino do País, quanto a sua vida cotidiana, principalmente quando fornece informações objetivas, análises qualificadas e um debate sério e construtivo sobre a economia nacional e internacional. Sem ele, o crescimento derrapa no paradoxo da riqueza que não reparte, e inviabiliza a formação dos grandes consensos que marcam os ciclos duradouros de prosperidade e progresso humano.

Não falo apenas do ponto de vista de um governo, tampouco de um partido ou de um presidente. Falo da necessidade de uma nação reconquistar o direito de ter uma política soberana de desenvolvimento no século XXI. O desenvolvimento, como entendemos, não é uma resultante apenas técnica, nem é fruto de ciência pura mas, sim, de um processo de transformação das estruturas de uma sociedade, e isso não está isento de contradições, exceto em regime de força.

Idéias e interesses distintos estão presentes na construção do desenvolvimento. Não podem e não devem ser evitados ou discriminados, ao contrário, o equilíbrio emerge da transparência, do diálogo e da negociação política. Também é assim no caso do jornalismo e da necessária isenção informativa. Por isso, é preciso sempre vacinar as decisões econômicas contra o simplismo das soluções pré-fabricadas e dos esquematismos doutrinários que rejeitam o debate democrático.

A política criativa contribui sempre para erguer ideais, libertar as potencialidades do País e a energia do nosso povo. Estamos trabalhando duro nesse sentido. E felizmente, os resultados concretos já estão aparecendo aos olhos da nação.

Minhas senhoras e meus senhores,

Tanto a imprensa livre como o desenvolvimento sustentável serão cada vez mais rigorosos no nosso País se a cidadania continuar se fortalecendo. E não existe cidadania forte sem mobilização da vontade da opinião pública.

No embate democrático de idéias e propostas, tenho certeza de que se



consolidará não apenas uma economia mais sólida, mas também um jornalismo ainda mais relevante, independente e, acima de tudo, um Brasil melhor e cada vez mais justo para todos os brasileiros e brasileiras.

Eu queria, meus caros companheiros diretores dos Diários Associados e do Jornal do Commercio, convidados e premiados nesta noite, dizer para vocês que eu espero que o Jornal do Commercio possa publicar, ainda em 2010, uma obra que dom Pedro tentou fazer em 1846 e 1847, a famosa transposição das águas do rio São Francisco, e que nunca conseguiu fazer. Finalmente, Álvaro, nós vamos fazer essa obra para levar água para, pelo menos, 12 milhões de famílias no semi-árido nordestino, tão bem defendidos aqui pelo nosso querido presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça.

Mas não é apenas isso, eu penso que é importante a gente atentar para o que significa para o Brasil, para a nossa democracia, um jornal completar 180 anos. Talvez o mais antigo leitor dele não esteja aqui, o Oscar Niemeyer, que vai fazer 100 anos de idade. Um jornal que completa 180 anos de idade num País de política tão complicada quanto o Brasil, tem que ter uma razão muito especial para sobreviver tanto tempo. Eu acho que os dirigentes do condomínio dos Diários Associados e o Jornal do Commercio têm que ter consciência de que só é possível sobreviver tanto tempo porque vocês nunca fizeram a prática da imprensa marrom e nunca fizeram a prática da imprensa chapa-branca. Vocês fizeram, no fundo, no fundo, a prática de diretores de jornais, de diretores de redação, de jornalistas, que compreendem uma coisa que deveria ser simples de ser compreendida por todo mundo, mas nem sempre é: é que apenas a verdade, publicada com a isenção desapaixonada de quem tem o poder de escrever uma notícia ou um artigo que bate fundo na cabeça do leitor ou da leitora, e que convence o leitor e a leitora de que aquilo é a mais pura verdade, somente isso pode justificar a sobrevivência de um jornal que completa 180 anos de vida.

No Brasil, nem sempre é assim. O Brasil tem jornais regionais que



pensam que são nacionais. Tem jornalista que escreve um artigo achando que 190 milhões de brasileiros irão lê-lo. Tem jornais que preferem a quantidade de publicidade do que a qualidade das notícias publicadas no seu jornal. Todos esses, Álvaro, têm vida curta. Sobrevive aquele que adquire consciência de que não basta quantos leitores leram aquele artigo, sobrevive aquele que, mesmo escrevendo menos artigos, mesmo tendo uma tiragem menor, os leitores conseguem ver naquilo uma verdade e conseguem interpretar o que o texto quis dizer. Quando se conta a verdade, as pessoas entendem, as pessoas percebem. Quando não se conta a verdade, também as pessoas percebem.

De vez em quando, as pessoas falam: “o presidente Lula é contra ou a favor da liberdade de imprensa?” Eu sou o resultado da liberdade de imprensa neste País. Eu não seria presidente da República se não tivesse liberdade de imprensa.

A minha tranquilidade, todo santo dia, é saber que todos nós temos um juiz, e não é o julgador do júízo final, não. É um juiz que todo dia está interpretando o que fez o presidente da República, mas também está interpretando o que está escrito nos jornais. É esse leitor que, no fundo, no fundo, nos dá a garantia de que ele é o grande fiscal da liberdade e da independência da imprensa publicada neste País.

Pobre do governante que se preocupar com uma notícia negativa demais, e pobre do governante que acha que aquilo que está falando bem dele é a pura verdade. Os dois extremos não permitem que um governante possa governar com a sobriedade de quem exerce um cargo de presidente da República ou um cargo de governador de estado. Para nós, e eu quero dizer aqui mais uma vez com toda a força do meu pulmão, o que importa não é que tenha uma imprensa que fale bem do governo. Para nós, o que importa não é que tenha uma imprensa que fale mal do governo. Para nós, o que tem interesse, na verdade, é que tenha uma imprensa que seja imprensa, uma



imprensa capaz de informar os fatos concretos e objetivos.

Isso garantido, a gente pode ter a certeza de que as instituições democráticas, que já estão consolidadas, podem garantir que este País nunca mais tenha experiências de rompantes autoritários, de gente que achava que há saída para o Brasil fora da democracia. E somente por esse procedimento é que o jornal do Commercio consegue chegar aos seus 180 anos com a cara de menino que nasceu em 1827.

Meus parabéns à direção do condomínio, parabéns à direção do Jornal do Commercio, e que Deus permita que vocês continuem com essa lisura, falando de tudo, sobre tudo, mas falando com a serenidade e a objetividade com que vocês se pautaram até agora. Parabéns e espero estar vivo para comemorar os 200 anos do Jornal do Commercio.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Centro de Produção de Antígenos Virais**

Rio de Janeiro - RJ, 1º de outubro de 2007

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,

Eu posso chamar de meu querido companheiro Akira Homma, diretor da Bio-Manguinhos,

Senhor Diego Vitória, representante da Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil,

Deputados federais Chico D'Ángelo e Felipe Pereira,

Quero cumprimentar os companheiros secretários e secretárias de Estado do Rio de Janeiro,

Cumprimentar os servidores da Fundação Oswaldo Cruz,

E dizer para vocês que toda vez que eu venho aqui, o nosso companheiro Akira está com um entusiasmo tão grande que nós precisamos uma hora, Paulo, nem você falar, nem eu falar, tem que deixar o Akira falar. Eu não conseguirei, eu certamente não conseguirei passar para a imprensa o significado do que nós viemos inaugurar hoje, depois da apresentação que você fez. Então, eu vou repartir o meu tempo com você.

O meu tempo é livre, mas eu acho que seria extremamente importante você dizer, sobretudo para a imprensa, o que significa o que está acontecendo hoje aqui em Manguinhos, porque certamente vai levar algum tempo para as



peças descobrirem que o Brasil está ficando adulto, que o Brasil conquistou a sua maioria e que o Brasil, que já foi economicamente subordinado, politicamente subordinado, intelectualmente subordinado, hoje quer ser economicamente soberano, politicamente soberano, intelectualmente soberano na produção e na criação da nossa indústria de aviões, na nossa indústria de fabricação de remédios, de fabricação de vacinas. Nós estamos dando hoje um passo também para sermos soberanos. Ou seja, aquilo que vai cuidar das nossas crianças, nós não queremos ficar dependendo de ninguém.

Por isso eu acho importante, Akira, você utilizar este microfone, eu fico aqui do seu lado para você falar, mas dirija-se, sobretudo – o pessoal que está aqui já deve conhecer – tem que se dirigir à imprensa, para a imprensa poder saber o que está acontecendo.

Akira Homma, diretor da Bio-Manguinhos: Presidente, eu espero estar à altura de falar alguma coisa em seu nome, mas com certeza eu queria dizer que o nosso presidente da Fiocruz e o nosso Ministro da Saúde poderão, certamente, falar melhor do que eu. Mas, como o senhor está me solicitando pessoalmente, eu vou dizer o seguinte: o senhor falou, acabou de dizer e eu vou traduzir o que o senhor falou, porque é exatamente isso o que estamos fazendo. Nós estamos garantindo o acesso aos imunobiológicos, às vacinas para a população em geral, porque a população que mais precisa, os que têm menos acesso, estarão contemplados com essa capacitação em produção de vacinas essenciais do Programa Nacional de Imunização do Ministério da Saúde. No momento em que nós nacionalizamos toda a produção de vacinas que estão contempladas no Programa Nacional de Imunização, nós estamos garantindo o acesso para essa população que precisa. Os mais ricos conseguem imunizar, proteger a sua criança nas clínicas privadas, mas a população geral, o mais pobre, não. É o Programa Nacional de Imunização do Ministério da Saúde que leva a vacina e dá o acesso. Esse acesso somos nós,



o senhor e o governo que estão proporcionando.

Portanto, estamos produzindo essas vacinas aqui no Brasil, internalizando as tecnologias de que precisamos. E são internalizadas porque os laboratórios que estão aí, parceiros nessa internalização, também estão vendo que tem um mercado importante aqui e eles ganham. Não fazem de graça, eles ganham. O Brasil é um mercado de 180 milhões de habitantes. Poucos países no mundo têm esse mercado e, em função disso e da capacitação tecnológica hoje existente, apoiada pelo governo, e que está sendo fortalecida ainda mais pela política de inovação tecnológica do seu governo. Aqui está nosso Reinaldo, que tem que trazer mais dinheiro ainda para essa área, certamente. Enquanto nós não tivermos, não vou dizer o mesmo nível de investimento que é feito no exterior, nessa área – dois bilhões e meio de dólares por ano é o que é feito em investimento em pesquisa e desenvolvimento tecnológico de novas vacinas, e nós fazemos ainda poucos milhões de reais, que sabemos que é o possível – a competição será desigual.

Portanto, nós estamos aqui mostrando que se fizermos uma infraestrutura adequada, uma capacitação tecnológica forte e moderna, nós vamos dando essa resposta e vamos incorporando aquilo que é necessário, sobretudo necessário para a população mais carente, dando acesso a essas vacinas imunobiológicas. Certamente, o seu governo é um governo que tem, realmente, dado um reforço substantivo nessa área. Aqui está, nós estamos vendo tudo, não preciso realmente falar muito, porque o senhor está vendo o resultado de uma política permanente em busca de uma capacitação tecnológica para atividades essenciais do País.

Presidente: Isso é importante porque, se sou eu que falo, é política; se é o Paulo Buss, é política; se é o governador, é política. Então, é importante a gente ouvir a fala do nosso cientista “vendedor de geladeiras no Pólo Norte”. O dado concreto é que nós estamos vivendo, aqui em Manguinhos, uma coisa



importante. Eu já tive oportunidade de inaugurar, aqui, um Centro de Produção de Vacinas Bacterianas, em 5 de agosto de 2004 e, na ocasião, nós assumimos o compromisso de construir este Centro de Antígenos Virais. Estamos aqui agora inaugurando, nós também inauguramos o Complexo Tecnológico de Medicamentos, em Jacarepaguá, e agora já temos um outro compromisso aqui, já me bateram que nós temos que construir – deixe-me ver o que estão pedindo aqui – o Centro Integrado de Protótipos, Biofármacos e Reativos para Diagnóstico. Então, eu já vi o prédio ali e já precisamos inaugurá-lo até 2009. É bom em 2009 porque é um ano em que não tem eleições, ninguém vai poder dizer qualquer coisa, que é época de eleição.

O dado concreto, meu caro Paulo Buss, meu caro governador do estado e companheiros da Fiocruz, é que o Brasil está vivendo um momento que se nós soubermos aproveitar, nós poderemos fazer, possivelmente, nos próximos três anos, coisas que pareciam impossíveis de serem feitas. Todas as vezes em que se fala em fazer investimentos em alguma coisa, em contratar funcionários, as pessoas têm uma predisposição de ser contra. Vocês viram que, esses dias, o Senado – eu ainda não sei qual a razão – votou contra uma medida provisória que nós mandamos, e o pretexto era que estava evitando que o governo contratasse mais cargos. Agora, ninguém atentou para saber quantos professores deixaram de ser contratados para as universidades novas que estamos fazendo neste País. Se nós quisermos fazer escola técnica, se nós quisermos fazer novas universidades, se nós quisermos fazer novos laboratórios, nós vamos ter que contratar mais gente.

É preciso parar com a mania de achar que contratar gente para trabalhar para o Estado brasileiro é inchaço de máquina, porque se vendeu uma falsa idéia, num período não muito distante, de que todo servidor público brasileiro era marajá. O que aconteceu de lá para cá? Nós temos verdadeiros centros de excelência neste País, a Fiocruz é um deles, e nós temos outros centros de excelência espalhados por todos os Ministérios, normalmente, funcionários de



alta qualificação intelectual, científica, tecnológica, e mal-remunerados. Qualquer empresa privada pagaria o dobro do que a gente paga para qualquer funcionário nosso, seja da Petrobras, seja da Receita, seja do Inmetro, seja da Fiocruz, esse é o dado concreto. E as pessoas passam para a sociedade uma idéia de que é possível fazer um choque de gestão, diminuindo o número de pessoas que trabalham. Na verdade, o choque de gestão será feito quando a gente contratar mais gente, mais qualificada, mais bem-remunerada, porque aí a gente vai ter, também, serviço de excelência prestado à sociedade brasileira.

Para reverter essa situação, é preciso que a gente tenha coragem de ser ousado. Eu, por exemplo, já consegui tirar das reuniões do governo a palavra “gasto” com dinheiro em educação, porque se entrar a palavra gasto, nós não faremos absolutamente nada. É por isso, governador, que nós vamos chegar em 2010 com 10 universidades federais novas, com 48 extensões universitárias e com 214 escolas técnicas profissionais novas. Elas vão precisar de professores, vão precisar de técnicos administrativos, vão precisar de funcionários de tudo quanto é tipo e, se a gente quiser recuperar o atraso a que o Brasil foi submetido, nós vamos ter que contratar mais gente.

Da mesma forma, o Temporão está apresentando uma proposta de PAC para a saúde. Obviamente que nós nunca vamos ter condições de ter todo o dinheiro para fazer o investimento necessário. Possivelmente, o que o Temporão pensa em fazer em quatro anos, a gente vai ter que propor para fazer em mais tempo. Mas o dado concreto é que nós temos que fazer alguma coisa, a começar, Temporão, regulamentando a Emenda 29, porque é preciso ficar bastante definido o que é investimento em saúde. Tem governo no Brasil que investe apenas 4%, tem outros que investem 6%. E depois, você sabe que a culpa recai nas costas do ministro da Saúde. Historicamente é assim, não é porque nós estamos no governo, não. Quando tudo dá certo, o mérito é do prefeito, o mérito é do governador, o mérito é do administrador local. Quando dá errado, seja o Temporão, seja qualquer outro ministro da Saúde, recai



exatamente nas costas do ministro da Saúde.

Você está lembrado, Sérgio, que nós tentamos, antes de você chegar ao governo, dar um conserto na saúde da cidade do Rio de Janeiro. Vocês viram as implicações que nós tivemos, o que aconteceu, porque quando há um antagonismo político, eu diria, má vontade política, as coisas têm mais dificuldades. É só ver o que acontece nesses oito meses de relação entre o Sérgio e o governo federal, e o que acontecia antes. Aquela história que eu dizia: “quando um não quer, dois não brigam”, fez com que o Rio de Janeiro passasse quatro anos, eu diria, num dilema, em que havia pouco espaço para que nós pudéssemos trabalhar juntos. Com o Sérgio, nesses oito meses, nós estamos produzindo muito mais do que se produziu nos quatro anos passados, porque há disposição política dele, há disposição política do governo federal e portanto, as coisas só tendem a melhorar. E quem vai ganhar com isso, quem é? É o povo do estado do Rio de Janeiro. Por isso, a questão da saúde é uma questão extremamente delicada.

Quero te dizer, Akira, que não é por causa de 20 ou 30 milhões que a gente vai deixar de fazer as coisas que têm que acontecer. O problema é que, às vezes, quando o número chega na área econômica de qualquer governo – pode ficar certo de que isso vale para mim, vale para vocês, vale até para o diretor financeiro da Fiocruz – toda vez que chega um problema de gasto no setor de contabilidade, se ele puder dizer não, ele vai dizer não. Por quê? Qual é o objetivo dele? O objetivo dele é chegar ao final do ano e mostrar que tem saldo de caixa, mostrar que economizou. Isso vale para um diretor do sindicato e vale para um ministro da Fazenda, isso vale até para um coordenador de uma associação de uma favela qualquer no Rio de Janeiro.

O diretor financeiro chega ao final do ano e quer mostrar que tem dinheiro em caixa. Nós é que temos que mostrar que não precisa ter dinheiro em caixa se esse dinheiro, em vez de estar em caixa, estiver prestando um serviço à sociedade brasileira. É isso que nós vamos continuar fazendo, Akira.



Nós viremos inaugurar aquele outro prédio ali daqui a um ano e meio, depois você começa outro prédio, nós vamos inaugurar, e começa outro, até que um dia a gente tenha todos os prédios que sejam necessários para produzir todos os remédios de que nós precisamos.

Eu quero, Sérgio, terminar dizendo o seguinte: a nossa política externa só foi criticada no começo porque, e eu compreendia bem, havia uma subordinação intelectual. Afinal de contas, o Brasil é um país colonizado, foi colonizado durante muito tempo e não é porque tem uma independência que nós deixamos de ser colonizados. O Brasil tinha uma subordinação muito grande a uma orientação eminentemente americana, o Brasil tinha uma subordinação, também, à Europa, e quando a gente fala Europa, a gente olha para os países maiores da Europa. E o Brasil não tinha a dimensão de fazer política pensando naqueles que são iguais e que podem crescer juntos com o Brasil. É por isso que o nosso Ministério das Relações Exteriores fez o trabalho que tinha que fazer. Hoje nós vivemos a melhor relação na América do Sul que já tivemos em qualquer tempo, hoje nós vivemos uma relação com a África de respeito e carinho, e o Brasil, mesmo sendo um país ainda pobre, a gente pode fazer muito mais. Se Deus quiser, estaremos em Maputo inaugurando o escritório da Fiocruz, se Deus quiser. Já abrimos o escritório da Embrapa em Gana e se nós pudermos vamos ajudar, porque os africanos nos ajudaram durante 400 anos, eu acho justo a gente devolver para eles um pouco daquilo que nós temos que devolver.

No mais, meu querido Paulo Buss, todas as vezes que eu venho aqui, eu recebo meio minuto de elogio e meio minuto de reivindicação. Os elogios eu agradeço, como sempre. As reivindicações – estou vendo ali o presidente do Sindicato – eu vou levar para discutir com o ministro do Planejamento e ver o que a gente pode fazer.

De qualquer forma, eu só quero que você saiba que eu tenho consciência de que não é possível, nem no Brasil e em nenhum lugar do



mundo, a gente manter pessoas de alta competência técnica trabalhando, se a gente não tiver um salário compatível com a grandeza que a função das pessoas exige. Nem sempre os cofres públicos podem dar tudo o que as pessoas precisam mas, no que depender de nós, iremos fazer o possível para reconhecer o mérito a que vocês têm direito.

Muito obrigado e, mais uma vez, parabéns aos funcionários e à direção da Fiocruz.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de liberação de recursos do BNDES para cooperativas de catadores de materiais recicláveis

Rio de Janeiro-RJ, 1º de outubro de 2007

Meu querido companheiro, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Meus queridos companheiros ministros de Estado Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES, Deputados federais Edmilson Valentim e Hugo Leal, Meu querido companheiro Júlio Lancelotti, coordenador da Pastoral de Rua,

Senhoras prefeitas, senhores prefeitos,

Minha querida companheira Maria das Graças Marçal,

Nossa querida dona Geralda, líder da Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis de Belo Horizonte,

Meu querido companheiro Roberto Lauriano da Rocha, presidente da Cooperativa de Reciclagem Unidos pelo Meio Ambiente, e também da entidade nacional que representa os catadores,

Companheiros e companheiras dirigentes e integrantes das cooperativas de materiais recicláveis,

Meus amigos e minhas amigas,

O problema de falar por último, depois de cinco ou seis discursos, é que as pessoas deixam a gente sem ter o que falar. Mas eu queria ter uma



pequena conversa com vocês, primeiro com o BNDES. Primeiro, uma palavra de agradecimento, Luciano, para os catadores saberem que esses companheiros do BNDES são gente da maior qualidade profissional, são economistas formados nas melhores universidades deste País, acho que todos com curso de pós-graduação nas melhores universidades do mundo. O Luciano Coutinho é um dos economistas mais respeitados do Brasil, conselheiro de grandes grupos econômicos que só o chamam quando estão quebrados para que ele tente ajudar a consertar.

E eu tenho certeza de que vocês ainda não tinham pensado em viver um momento como este: uma reunião com toda a direção do BNDES, com o governador do estado, com o presidente da República. Os clientes que estão hoje aqui, no Banco, não são os chamados clientes tradicionais que o Banco tem. Mas, certamente, são clientes que darão menos dor de cabeça a vocês do que qualquer outro cliente.

Se vocês repararem no discurso do Roberto, vocês irão atentar... e eu duvido que em algum momento que você tenha feito uma reunião aqui, alguém que tenha pego 500 milhões, 1 bilhão, 2 bilhões, tenha dito: "Olha, isso aqui é para pagar de verdade, precisa cumprir". Eu sei que não precisa pagar este empréstimo, porque isso faz parte do lucro do BNDES, uma pequena parcela que um dia pode ser aumentada, Luciano.

Mas vocês viram que a preocupação do Roberto, líder nacional dos catadores, era de dizer para vocês que é muito importante levar a sério o que está acontecendo aqui, hoje. Porque a partir do cumprimento das metas que vocês se comprometeram a cumprir, vocês terão novas conquistas, aumentará, certamente, o número de dinheiro emprestado e, certamente, vocês motivarão o aumento do número de cooperativas que aqui virão buscar dinheiro. Se não cumprirem a meta, vocês mesmos ficarão desestimulados, o BNDES ficará desestimulado, o Roberto ficará desestimulado, todo mundo ficará desestimulado e vamos chegar à conclusão de que não valeu a pena todo esse



trabalho maravilhoso. Portanto, Roberto, eu quero te dizer que não precisaria eu dizer mais nada, só as suas palavras de recomendação para tratar esse assunto com seriedade – e veja que você não precisa dizer isso, porque não vão ter que pagar esse dinheiro – são a demonstração de que vocês levam muito a sério o exercício da responsabilidade que foi delegado a vocês pelos catadores do Brasil inteiro. Muito obrigado.

Quero agradecer às cooperativas e aos companheiros catadores de materiais recicláveis. Agradecer porque vocês estão nos dando uma lição de vida, vocês estão conquistando os primeiros degraus da construção de uma cidadania. Qualquer um de nós que está aqui – jornalista, presidente da República e todo mundo que está de terno e gravata – certamente, se nós estivéssemos no Amarelinho tomando um chope e passasse um operário com um macacão, nós seríamos capazes de chamá-lo de companheiro. Mas, se passasse um catador com uma carroça, eu não sei se nós seríamos capazes de chamá-lo de companheiro. Porque foi criada, neste País, uma marca de que nós somos diferentes por aquilo que fazemos, pela ascendência social. O que vocês estão fazendo é consolidando um processo que, quando menos vocês esperarem, vocês passarão com a carrocinha de vocês num bar desses e terá alguém, como nós, tomando uma cerveja, que será capaz de dizer: “Companheiro, pare a carrocinha e venha tomar uma cerveja conosco”. Quando isso acontecer, nós teremos completado um ciclo de conquista de direitos humanos e conquista de cidadania neste País. Ainda teremos outras coisas para conquistar.

Mas eu lembro, Sérgio, que uma vez eu vim visitar um prefeito importante aqui, no Rio de Janeiro, não vou contar em que época, nem vou contar, para não macular. Eu estava com a Benedita da Silva, e a gente estava vindo de um comício na Baixada Fluminense. Naquele tempo, eu usava camiseta, não essa camisa de qualidade que as cooperativas estão usando agora, eram aquelas camisetas brancas que, depois de meia dúzia de



comícios, ficavam marrom. E eu lembro que cheguei com a Benedita no prédio e o porteiro falou assim para nós: “Vocês não podem entrar pelo elevador principal, têm que entrar pelo elevador de serviço”. Foi a primeira vez, já como político, que eu me senti um cidadão de terceira categoria. Porque, gente, se tem uma coisa abominável é você viver num país em que tem um elevador para um e um elevador para outro, que tem elevador para empregado (falha na gravação). Eu me lembro de que, na época, eu liguei para o prefeito e falei: “prefeito, eu não vou subir, porque eu não vou pelo elevador de serviço. Não é por nada não, é porque eu não estou trabalhando. Eu vim aqui fazer uma visita e eu quero entrar”. Então, o prefeito ficou nervoso e falou com o porteiro, porque certamente era uma figura simples, mas que tinha essa coisa: que pobre e preto têm que subir pelo elevador dos fundos e não pelo elevador da frente. Apenas para mostrar o quanto nós ainda temos que avançar. Nós temos que avançar muito porque nós retrocedemos.

Eu digo sempre que, quando eu era moleque, chegava um mendigo, barbado, mal-vestido, pedindo esmola na casa da gente, a minha mãe mandava ele entrar e dava comida para ele dentro de casa. Hoje, a gente bate o portão na cara e não atende, porque nós fomos doutrinados, eu diria quase que preparados, para ter medo, para achar que não podemos estar juntos com essas pessoas.

Quando, Roberto, você me diz que ainda tem cidade no Brasil em que, à noite, a forma que um prefeito utiliza para resolver o problema de um companheiro que está dormindo na rua é jogar um jato d’água gelado em cima dele, eu fico me perguntando como é que uma gente dessa é eleita prefeito, e como é que pode dar uma ordem para alguém jogar um jato d’água gelado num companheiro que está dormindo na rua porque, certamente, se tivesse um lugar melhor para dormir, ele não teria ido para a rua. Ali é um espaço que ele encontrou para dormir.

Então, se a gente vive num mundo como esse, o dia de hoje, meu caro



Luciano Coutinho, é uma marca. Você guarde este dia de hoje, o dia em que você comemora o teu aniversário no BNDES, porque eu sei que você fez aniversário no sábado, mas a festa vai ser hoje e eu não fui convidado. O dia de hoje é um dia que precisa calar bem fundo na tua consciência e na consciência dos companheiros diretores do BNDES, porque vocês estão fazendo uma página extraordinária da vida deste País. Afinal de contas, para que serve um governo?

Sérgio, você é governador, o Patrus já foi prefeito. Para que serve um governo? Tem uma parte da sociedade que certamente não precisa do governo. Eu, se não fosse presidente da República, um trabalhador qualificado pouco precisa do governo. Então, o governo precisa, além de induzir uma política industrial, induzir política científica, tecnológica, educação. O governo precisa atender exatamente aquela parte que mais necessita do Estado, aquela parte que não tem como reclamar, aquela parte que às vezes não tem nem sindicato. É para essa gente que o governo precisa se voltar e dar atenção.

Certamente a gente poderia citar três ou quatro grandes empresários brasileiros que precisam menos do governo do que uma mulher que sai de manhã, com a sua carroça, para catar não a sujeira que ela fez, mas que os outros que, muitas vezes, não gostam dela, fizeram, e humildemente vai catar e vai fazer daquilo o ganha-pão.

Eu dizia para o governador: muitas vezes a gente fica olhando as pessoas passando com a carroça na rua, às vezes, uma carroça pesada, às vezes, pessoas até com as crianças dentro da carroça e a gente não dá importância ao fato de que aquela pessoa está pacificamente exercendo a sua cidadania, ganhando o seu dinheiro e levando o sustento para casa, a gente não dá importância para ela. Agora, essa pessoa que não tem importância, exercendo a sua cidadania, certamente viraria manchete de jornal se em vez da carroça estivesse empunhando um revólver e assaltando uma pessoa nas principais avenidas deste País.



Então, na verdade, nós é que temos que agradecer a vocês, dar graças a Deus por vocês serem o que são, não terem vergonha de ser catadores de papel. Vocês não são menores do que ninguém, não são inferiores a ninguém, apenas não tiveram a oportunidade que outros tiveram, em outros momentos. E esse orgulho que vocês têm hoje, eu não tinha. Eu me lembro, Luciano, de que eu tinha mais ou menos uns nove anos de idade, vendia tapioca, amendoim, laranja, lá em Vicente de Carvalho, perto de Guarujá, e eu tinha vergonha de gritar: “olha a laranja, olha o amendoim, olha a tapioca”. E o meu irmão me dava cascudo porque eu tinha vergonha de gritar, porque tinha a vez de ele gritar e tinha a minha vez de gritar, e eu tinha vergonha. Então, vocês evoluíram muito mais do que eu, porque vocês têm orgulho de colocar a camiseta de vocês e falar: nós estamos trabalhando honestamente. E é com o suor e o sangue de vocês que vocês estão levando a comida para os seus filhos.

Mas eu queria, Luciano, dar um dado aqui, que eu achei extremamente importante. É que a reciclagem poupa energia e reduz o uso de recursos naturais em benefício do meio ambiente. O mercado brasileiro de sucata de alumínio, por exemplo, já garante mais de 50% do suprimento à indústria e gera 160 mil ocupações diretas e indiretas. Cada latinha de alumínio reciclada economiza energia elétrica equivalente a três horas de funcionamento de um aparelho de TV. Eu não sei se vocês sabem: as fábricas de alumínio consomem mais energia que bicho da seda, ou seja, são altamente gastadoras de energia. Então, veja a economia que esses meninos e essas meninas dão para o País. Na nossa casa, de vez em quando, alguém também não deixa a gente jogar fora a latinha, pega e guarda, porque todo mundo percebe que é importante para o País.

A liderança mundial do Brasil nessa atividade já proporciona ao País uma economia de energia elétrica equivalente ao consumo anual do estado do Pará inteiro. Todos vocês sabem: o Brasil é o campeão mundial de reciclagem.



Significa que nós temos uma atividade econômica, eu diria, extraordinária no País, que nem nós sabemos ainda que ela existe, mas ela existe. E ela é feita por essas mulheres, como a dona Geralda, como o Roberto, como essas meninas que vieram assinar o contrato aí, como esses meninos que vieram.

Eu queria dizer para vocês uma coisa: eu não sei se nós vamos poder fazer tudo que temos que fazer, porque essas coisas – fazer, aprovar leis, aprovar marco regulatório e concretizar – levam tempo e, às vezes, é mais fácil fazer um discurso e mais difícil concretizar uma lei. Mas eu queria dizer para vocês uma coisa: eu tenho mais três anos e meio, três anos e quatro meses, eu estou aumentando o meu mandato um mês. Eu quero aproveitar esse tempo, meus companheiros, para que a gente possa consolidar, para que a gente possa arrumar este País, porque é verdade que nós conseguimos arrumar a macroeconomia deste País. É verdade que qualquer economista de bom-senso neste País, por mais oposição que ele seja, por mais contra o governo Lula que ele seja, qualquer economista com um mínimo de honradez ao que ele aprendeu numa faculdade de economia, tem que dizer publicamente que este País nunca esteve tão arrumado como está agora, que nunca teve tanta solidez como tem agora.

Por isso é que nós temos condições de dar os passos seguintes. Nós agora podemos dar outros passos, nós agora poderemos fazer mais coisas. Aquilo que parecia impossível... Eu dizia ao Luciano, agora há pouco: “olhe, este País, durante três décadas, foi governado como se fosse um país que estava numa eterna UTI em estado de coma, tomando antibiótico pela veia, tomando antibiótico pela boca, ou seja, parecia em estado terminal, aquelas pessoas que ficam no tubo a vida inteira até morrer”. Este País estava assim, não é de um governo ou de outro não, há três décadas. São 30 anos de atrofiamento.

Então, nós conseguimos acertar o remédio, o paciente acordou do coma, o paciente levantou, recebeu alta do hospital. Então, nós, agora, temos



que convencer o presidente da República, o ministro da Fazenda, o presidente do BNDES, os ministros aqui presentes, o presidente do Banco do Brasil, da Caixa Econômica, de todas as instituições do governo e o próprio Congresso Nacional, nós temos todos que nos convencer que antibiótico a gente dá quando o paciente está muito enfermo. Quando ele está na rua, na Avenida Atlântica fazendo a sua ginástica, o seu cooper, ele não precisa mais de antibiótico, ele precisa de vitamina C. E vitamina C é isso que a gente está fazendo aqui, pegando as pessoas que precisam de empréstimo para progredir e dizendo: “Olha, não vai faltar dinheiro para a gente ajudar vocês”.

Eram 34 projetos aprovados e nós, hoje, Patrus, assinamos 24 projetos. Tem 10 que nos próximos dias sairão, e tudo o que for obstáculo nós vamos ter que ir tirando do nosso caminho, porque eu quero terminar o meu mandato com vocês sendo reconhecidos nacionalmente como uma profissão de verdade, de direito e de fato. Que ninguém olhe para uma mulher e para um homem que está na rua, transportando a sujeira que outros jogaram fora, com desdém, como se tivessem vendo uma pessoa menor, mais insignificante. Mas que as pessoas olhem para vocês e vejam em vocês brasileiros e brasileiras que fizeram uma opção de ganhar a vida honestamente, às custas do seu suor e do seu trabalho.

Muito obrigado, Luciano. Parabéns ao BNDES. Parabéns às cooperativas e parabéns ao Brasil.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura do Encontro Nacional da Indústria da Construção

Brasília-DF, 03 de outubro de 2007

Vocês viram que o Álvaro, quando foi me chamar, está tão tarde, que ele quase que falava: “Vai falar o Lula”. Essas coisas de fazer discurso às 11h da noite, Paulo, somente quando a gente vai pedir a namorada em casamento e, mesmo assim, o sogro não está disposto a ouvir com muita paciência.

Bem, eu quero primeiro cumprimentar os empresários, as empresárias e as esposas dos empresários que estão aqui, as empresárias e os esposos que estão aqui,

Quero cumprimentar a imprensa,

Quero cumprimentar os meus ministros,

Quero cumprimentar o vice-governador,

Quero cumprimentar os deputados, os senadores e a senadora Ideli, o senador Casagrande,

Cumprimentar o Meneguelli, o Hereda, são todos pessoas que eu cumprimento mais do que o normal, mas eu queria cumprimentar, Paulo, a Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil,

Quero cumprimentar o Élson Ribeiro, do Sinduscon, o Adalberto Cléber Valadão, presidente da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, e também Paulo Perez, presidente da Associação Brasileira de Construtores,

Prometo não fazer discurso, prometo não ler o meu discurso porque tem hora em que nem eu me agüento, quanto mais pedir para vocês terem paciência.

Também não vou falar de economia porque o Guido Mantega vem amanhã, às 5h30 da tarde, conversar com vocês.



Também não vou falar de números da construção civil, porque falar depois de três representantes dos empresários, que falaram, seria redundância.

Quero agradecer os elogios do Paulo Octávio.

Em verdade, quando nós fazemos um encontro como este, Paulo, nós precisamos levar em conta algumas coisas. Contra fatos, não há argumento. É visível, bastante perceptivo que o Brasil vive um momento importante, e vive para quase todos os segmentos da sociedade brasileira. Aliás, hoje, a indústria atingiu 87% da sua capacidade instalada e isso, para mim, é uma alegria e ao mesmo tempo uma preocupação, porque significa que precisa de mais investimentos para que as empresas possam crescer porque senão – na medida em que há procura, a demanda vai ficar maior do que a oferta – nós poderemos incorrer em erros de outros momentos históricos que nós vivemos.

Nós, hoje, vivemos uma contradição que para alguns parece importante e, para mim, preocupante. Eu, agora, estava em uma reunião com dez grandes empresários que fazem parte de um grupo que o presidente Bush e eu acertamos para melhorar o entrosamento entre os empresários brasileiros e os empresários americanos. Eu dizia o que está acontecendo em alguns setores da economia brasileira e o empresário dizia para mim: “Não, Presidente, é importante”. Isso é uma coisa de que eu sinto orgulho. “Está faltando coisa. Duro era quando a gente estava sobrando”. Eu acho que essa analogia não vale quando a gente trata de um país ou trata de um ser humano.

O Brasil hoje tem problemas de engenheiro, o Brasil tem problemas de especialistas em várias atividades. Ontem, por exemplo, eu chamei um setor do Ministério de Minas e Energia para discutir e estava dizendo para eles da necessidade de nós fazermos um levantamento geofísico do Brasil, porque até agora só temos 10% do Brasil, numa escala de 1 para 100, mapeado. É muito pouco para um país de oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Eu perguntava ao diretor do DNPM: Quanto vai ser necessário de dinheiro para



que a gente faça o levantamento no Brasil inteiro? Ele dizia: “Uns 300 milhões”. E eu disse a ele: pois eu vou colocar o dinheiro na sua mão, porque eu quero que a gente tenha em dois anos e meio o levantamento geofísico do País. “Não pode, Presidente, porque não tem geólogo. O Brasil precisa formar mil geólogos por ano e está formando 170”. E aí, outras profissões que estamos detectando, estamos detectando exatamente porque o crescimento da economia vai exigindo que algumas profissões sejam requisitadas. Em época de desemprego, ninguém notaria isso. Época de desemprego na construção civil, que não é uma época de um ano, de dois anos, são mais de duas décadas de estagnação. Duas décadas é uma geração inteira em que este País vive engatinhando, tentando dar um passo e não consegue dar esse passo.

Nós chegamos aqui hoje, Paulo, primeiro porque o governo ousou reconhecer que não era o dono da verdade e que precisava conversar com os setores produtivos para ouvir deles as necessidades do setor. E vocês, porque não se comportaram como aqueles que, muitas vezes, nem pedem uma audiência para o governo mas falam contra, apenas por uma questão de hábito. Vocês tiveram a coragem, a competência e a inteligência de, em todas as vezes que foram conversar com o governo, levar proposta por escrito. Certamente, o que nós estamos colhendo hoje neste País é resultado da humildade do governo, da humildade de vocês mas, também, da competência de vocês e da competência do governo de entender que a construção civil é um segmento muito importante para alavancar o desenvolvimento deste País. Agora nós precisamos correr atrás do prejuízo, porque daqui a pouco estará faltando vergalhão, daqui a pouco estará faltando cimento, daqui a pouco estará faltando até pedreiro. A gente não encontra mais um colocador de azulejos com facilidade. E isso é porque durante muito tempo este País passou por três preocupações: primeiro, a preocupação da inflação. Eu tinha apenas 20 e poucos anos de idade quando entrei no movimento sindical. Em trinta



anos, a gente não discutiu outra coisa neste País a não ser inflação. Depois que nós paramos de discutir a inflação, não porque acabamos com ela, nós passamos a discutir a dívida externa. Foram mais 20 anos em que não tinha candidato em campanha política que não colocasse como meta acabar com a dívida externa e, depois, a questão da política tributária.

Agora, vamos ver o que aconteceu de fato neste País. Este País nunca soube combinar, Paulo, crescimento econômico com inflação baixa. Havia um dogma, havia uma coisa na cabeça dos deuses que governaram este País, de que era proibido falar em crescimento sem levar a inflação junto. O período Juscelino foi um bom período da economia brasileira, o Brasil cresceu em média 7%, mas a inflação não pôde ser segurada abaixo de 21%.

Depois criaram um outro dogma: o Brasil não poderia exportar sem que tivesse que matar o mercado interno e, cada vez que decidia vender para o exterior, decidia asfixiar o mercado interno. E, ao mesmo tempo, havia uma síndrome de fragilidade nas pessoas que pensavam a economia neste País, que toda vez que apontava um pedacinho de inflação, a primeira coisa que eles faziam era reduzir a demanda, reduzindo o crédito. Portanto, um País capitalista, que não tem capital e muito menos capital circulante, não pode nunca dar o salto de qualidade que precisaria dar.

Foram 20 anos, certamente milhares de micro e pequenas empresas quebraram neste País. Certamente, milhares de trabalhadores entraram no desespero porque não tinham emprego. E vamos ser francos, Paulo, poucas vezes os empresários brasileiros encontravam um canal no governo para conversar, poucas vezes.

Por que nós mudamos esse padrão? Porque era necessário mudar esse padrão. O Brasil tem todas as condições de se consolidar enquanto uma forte economia mundial. As indústrias modernas no Brasil não têm medo de competir com nenhuma indústria moderna de nenhum país do mundo. A construção civil brasileira não tem medo de competir com nenhuma construção



civil de nenhum país desenvolvido do mundo, nenhum. A nossa qualidade pode ser até melhor, as nossas empresas de construção pesada não têm medo de disputar e não perdem para nenhuma em qualquer país do mundo.

Agora, imaginem o que são 20 anos paralisados. Imaginem o que é a quantidade de governos que vocês tiveram que enfrentar, de prefeitos a governadores de estado, a presidentes da República, que contratavam uma obra, sabiam o dia em que ela ia começar mas não sabiam nem o dia que iam pagar e nem o dia em que ela ia terminar. Quem não andou por este País e não viu, em vários lugares, dezenas e dezenas de máquinas paralisadas, enferrujando, porque a obra tinha sido contratada, o governo não tinha pago e as empresas, portanto, não podiam continuar trabalhando de graça? Se continuasse desse jeito, Paulo, o Brasil não teria solução.

Eu me lembro quando foi discutida com vocês e mandadas, para o Congresso Nacional, as primeiras mudanças na legislação. Aquela que permitia que o sistema financeiro pudesse financiar uma casa e, se o cidadão não pagasse, ele teria a sua casa tomada. Somente a insensatez pode permitir que alguém pode financiar alguém, ter um prejuízo e não acontecer nada. As pessoas pensavam que estavam fazendo um bem para o comprador de uma casa, quando estavam fazendo um mal. Porque é verdade que não pode tomar a minha casa, mas é verdade também que eu não tenho financiamento e, portanto, eu não vou ter casa. Essa era a lógica perversa deste País.

Pois bem, isso mudou. Mudou porque nós construímos juntos, tivemos a compreensão do Congresso Nacional e demos um passo importante. Agora, o que passou, passou, o que não foi feito, não foi feito, o que foi feito, está feito. É preciso agora pensar quais os próximos passos que vamos dar e eu, como já tenho 60 anos, não tenho muito tempo de ficar pensando em muito longo prazo, no máximo a médio. Dependendo, se o médio for uns 15, porque se o médio for uns 20 já estou, como eu diria, na curva. Acontece que eu acredito tanto nas nossas possibilidades, que eu não posso admitir um empresário ou



um trabalhador botar a mão no queixo e ficar dizendo “não vale a pena, está tudo perdido, eu não tenho sorte”. Não é possível que a gente fraqueje diante de qualquer dificuldade. Para os trabalhadores, eu utilizo sempre o meu exemplo. Se miséria, pobreza e fome fossem motivos para um ser humano desanimar de viver, eu não estaria aqui falando com vocês como presidente da República deste País. Estou aqui porque, como muitos de vocês, perseverei, acreditei. A gente tem que ter crença nos momentos difíceis, porque nos momentos fáceis a gente não precisa nem de fé, as coisas vão embora. Nos momentos difíceis é que nós temos que trabalhar.

Agora, nós temos que aproveitar este momento bom para dar os passos seguintes. O PAC, possivelmente, seja a mais importante obra de engenharia administrativa que um governo já fez neste País. E posso dizer para você, Paulo, que o Conselho Gestor funciona e a cada quatro meses tem que me prestar contas. Eu quero saber por que a 163 não está saindo, eu quero saber por que a ponte não sei de onde não está saindo, eu quero saber por que a “Sete Curvas” não saiu, eu quero saber de cada coisa. Não se iludam, também, que apenas criando uma secretaria de desburocratização vai acabar com a burocratização. Ela tende a fazer parte de mais um elo da burocracia do Estado. O problema é que nós criamos instrumentos que a gente pensa que são para facilitar as coisas e terminam atrapalhando as coisas.

Nós temos que rediscutir uma série de coisas que nós mesmos fizemos. Deputados que vocês ajudaram a eleger fizeram legislação que hoje nós achamos inadequada. Quantas vezes nós fazemos uma licitação, a empresa que perde entra na Justiça e a gente fica um ano brigando com liminar? Quantas vezes? Quantas vezes eu vou dar ordem de serviço para uma obra e, seis meses depois, eu pergunto: como está aquela obra? Está parada. O Tribunal de Contas foi lá e parou; ou está parada porque o Ministério Público parou; ou está parada porque o Lula perdeu para o Paulo, então o Lula entrou na Justiça e a juíza deu a liminar; ou porque o Ibama deu licença prévia, mas o



Ministério Público entrou com uma ação; ou o Ibama não deu licença prévia e a gente vai culpando cada órgão quando, na verdade, foram os marcos jurídicos que nós criamos que criaram todas essas possibilidades. Então nós temos, Paulo, um caminho a percorrer pela frente. Nós sabemos que a Lei de Licitação não é uma obra-prima e precisa ser adequada aos momentos que nós estamos vivendo. Eu acho que nós precisamos construir, aproveitando este momento bom, o que falta ser construído para que a gente possa tornar o Brasil um país ISO 14000 na execução das obras, na deliberação, na licitação.

Paulo, você tocou em quatro assuntos que eu considero importantes. Reforma tributária: Paulo, nós não podemos nos esquecer que, no dia 27 de abril de 2003, eu e 27 governadores fomos ao Congresso Nacional entregar uma proposta de política tributária feita por consenso entre o Presidente e 27 governadores. O que aconteceu? Ela não saiu. E não saiu, não porque não tinha proposta. Não saiu porque cada governador, cada prefeito ou cada deputado pensa na sua região e ninguém quer perder nada. Ninguém quer abrir mão de 50 centavos. É por isso que nós temos ICMS de 30% em um lugar, de 18% em outro, de 15% em outro, de 12% em outro, de 7% em outro.

Agora, Paulo, segundo informações que eu tenho – o Walfrido está do seu lado, pode cochichar no seu ouvido – nós estamos o mais próximo que já estivemos da construção de uma nova proposta de política tributária. A política tributária é difícil porque é como futebol, cada um tem seu time. Cada empresário aqui, se eu fosse perguntar para dez empresários diferentes qual seria a proposta de política tributária, elas não seriam iguais, cada um tem a sua. Agora, o que nós queremos construir é uma proposta tributária para este País, e ela só pode ser construída, Paulo, se houver um trabalho imenso, eu diria, um trabalho gigantesco de empresários, de governos – governo federal, governo estadual, governo municipal – em torno de algo que não seja perfeito, mas que seja o mais próximo das necessidades deste País.

A reforma trabalhista. A reforma trabalhista, como a reforma da



Previdência... Vejam, um país que passou 20 anos sem gerar a quantidade de empregos que acompanhasse o crescimento demográfico e aumentando, cada vez mais, o número de aposentados, só pode ter um déficit do jeito que tem. Cresça a economia brasileira quatro ou cinco anos seguidos, a 5%, para ver o quanto a gente vai diminuir o déficit da Previdência. O que não dá é, para tudo o que a gente quiser fazer, se apresentou uma crise, as pessoas jogam a culpa na Previdência. Jogam a culpa em quem? Nos aposentados. “Mas o governo está gastando muito”. Estamos gastando o necessário. Quando nós incluímos sete milhões de trabalhadores rurais na Previdência, na verdade, o que nós fizemos foi fazer sobreviver milhões de brasileiros que trabalharam no campo o tempo inteiro e não tinham como contribuir. Nós vamos deixar essas pessoas serem marginais? Ou o Estado brasileiro, a nação, aqueles que podem e precisam, arcam com o sacrifício?

A questão da reforma trabalhista. Companheiro Paulo, nós acabamos de aprovar a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas. A Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas estabelece uma outra relação, tanto nas contribuições quanto na relação com os trabalhadores. Ela ainda nem começou a funcionar direito, porque agora é que acabaram as inscrições, foram quatro milhões de pequenas e micro empresas que se inscreveram. Na medida em que isso começa a dar certo, a gente vai convencendo a sociedade, com exemplos, de que é plenamente possível discutirmos a questão trabalhista. Não é possível que uma lei feita em 1943 seja tão perfeita, com todos os avanços que houve no mundo do trabalho, que não possa mudar nada. Não é tirar direito de ninguém, é apenas adequá-la ao século XXI, à era da informática, à era da internet. É apenas isso, é discutir, e há um tabu para discutir isso, Paulo, e isso não pode ser feito na marra. Isso não passa no Congresso Nacional nem que vocês decidam aqui neste congresso, ir todo mundo para lá. Não passa. É preciso construir.

Aliás, meu querido Luís Roberto, que está aí, sabe como é difícil passar



as coisas no Congresso Nacional, é um trabalho de convencimento. Na marra, Luís Roberto, a gente não passa. Então, vamos construir juntos. Há um espaço enorme para a gente construir o que falta construir para este País. O que não dá mais é a gente ficar olhando o País como a gente olhava há dez anos, sem se dar conta de que mudou, e mudou muita coisa neste País, e os empresários sabem disso. E vai mudar mais. Eu estou convencido de que nós entramos num círculo virtuoso, que é a chance que o País tem (inaudível).

Um companheiro, empresário de Minas Gerais, dizia: “Este Presidente tem sorte, acho que Deus está com ele”. Deus está comigo porque eu sou católico e creio nele. Se Deus passou aqui em algum momento e tinha um ateu no governo, Deus não deu atenção. No meu caso, ele falou: “Bom, deixe-me ajudar esse cristão aqui, desse eu vou cuidar”. E as coisas começaram a acontecer.

Eu posso dizer para vocês que o Brasil nunca viveu um momento de credibilidade internacional como ele vive, posso dizer para vocês que não tem momento na história deste País. E isso foi uma conquista nossa, de 190 milhões de brasileiros, que fizemos sacrifícios como deveríamos ter feito. Vocês pensam que foi fácil sobreviver a 2003? Muito fácil? Aliás, tinha muita gente que achava “o Lula não passa de 2003. Ele chega a 2003, mas não chega a 2004”. As pessoas achavam que era um fracasso total e absoluto, e eu dizia no começo da posse: qualquer presidente deste País pode falhar. O cara falha, não deu certo, vai para Harvard, vai para Sorbonne, vai para não sei onde, passa dois anos fora, as pessoas esquecem e ele volta para cá. É verdade. Amanhã, assim que eu sair daqui, vou voltar para São Bernardo do Campo e ficar a 600 metros do Sindicato dos Metalúrgicos, que vai azucrinar a minha vida. E depois, aqui é uma chance histórica, porque eu sou a única alternância de poder que aconteceu em 500 anos. É o único segmento social diferente que chegou à presidente da República.

Então, mais do que governar, Paulo, eu me levanto todos os dias para



cuidar deste País e, ao mesmo tempo, eu me levanto para dizer o seguinte: todos os presidentes que erraram ou que acertaram foram mais um presidente. Se eu errar, vão dizer: “Trabalhador não sabe governar”. E eu quero sair daqui convencido de que o povo brasileiro, seja ele empresário ou trabalhador, se tiver compromisso com este País, se tiver amor a esta pátria e for, antes de qualquer coisa, brasileiro, verde e amarelo, ele não tem por que errar. A bola está comigo e com vocês, nós não podemos reclamar de ninguém. A bola é nossa.

Da parte do governo, eu quero assumir um compromisso aqui. Da parte do governo não haverá dificuldades para fazermos as mudanças que precisarmos fazer, não faltará crédito. Aliás, está bom de crédito, não faltará crédito. E Deus queira que por conta desses acertos nossos, não faltando crédito, não faltando disposição do governo e nem faltando empresário com vontade de investir, haja bastante comprador das coisas que a gente vai produzir.

Paulo, meus parabéns, quero agradecer as suas palavras elogiosas. Eu sei que o pessoal da construção civil sempre foi um parceiro que buscou encontrar soluções e eu quero repartir contigo: o sucesso que estamos tendo aqui não é um sucesso do Lula ou do governo, é um sucesso dos brasileiros e brasileiras que um dia ousaram acreditar neste País.

Muito obrigado e que Deus nos abençoe.



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura da reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia – 1ª parte

Palácio do Planalto, 03 de outubro de 2007

Eu não poderia deixar de dar os parabéns ao Ministério da Ciência e Tecnologia por ter nos apresentado esse Plano de Ação até 2010, porque antes o Ministério vivia apresentando um plano de sobrevivência a cada mês, pedindo para descontingenciar o dinheiro do Ministério. Na medida em que se coloca no PPA e se faz um projeto, definido como Plano de Ação até 2010, significa que nós temos agora uma meta concreta a ser atingida. Antes de devolver a palavra ao ministro e a vocês, eu queria dizer o seguinte: essas coisas que estão propostas aqui, para que elas aconteçam é preciso que haja disposição de vocês de fazer a coisa acontecer. Normalmente, nós aprovamos as coisas, definimos isso como política de Estado, o que é extremamente importante, porque significa que todo o conjunto do governo, do presidente da República, passando pelo ministro da Fazenda, passando pela Casa Civil, passando pelo Ministério da área, até os companheiros que são membros do Conselho e, mais do que isso, as pessoas interessadas em ciência e tecnologia, no Brasil, precisam acompanhar de perto o acompanhamento e a execução de um programa como este.

A verdade é que se a gente não acompanhar de perto, um mês de atraso na execução de uma das peças que estão colocadas no plano, às vezes, demora meses para a gente recuperar. Era preciso que houvesse um acompanhamento em tempo real, tanto do Ministério quanto dos membros do Conselho, e que fosse publicado isso aqui no site do Ministério, para que os cientistas, os interessados e os empresários possam acompanhar, para que a gente possa ter uma fiscalização, como nós fizemos para o PAC de infra-



estrutura. Nós temos que ter um conselho gestor dentro do Ministério. Tem que ter um conselho gestor que pode ser, Dilma, composto até de gente que participa do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, um conselho gestor que a gente possa acompanhar.

Às vezes acontece um problema no Tribunal de Contas, e se você não tiver, em tempo real, uma conversa com o ministro do Tribunal de Contas que criou o problema, aquele problema pode levar 6, 7, 8, 9, 10 meses para ser resolvido. E tudo isso, é um ano que se perde e é um programa que não se executa. Então, esse conselho gestor para acompanhar, de um lado, a liberação do dinheiro do Paulo Bernardo e do Guido Mantega e, de outro lado, a execução fiel do Ministério da Ciência e Tecnologia. Se a gente não tiver isso, a gente aprovou mais um plano que, na próxima reunião, vai vir aqui o Sérgio Resende dizer: “Olha, companheiros” – não tem nenhuma companheira aqui a não ser a Dilma, tem uma lá, menos machista este Conselho – se não, daqui a pouco o Sérgio vai se reunir aqui e vai dizer: “O Ministério da Fazenda contingenciou não sei o que, olha, companheiro; o Tribunal de Contas vetou outra coisa, olha, companheiro” – inclusive, se tiver coisa aqui para ser aprovada no Congresso Nacional, é preciso convidar o Sérgio Rezende, fazer uma exposição no Conselho Político, para que isso seja aprovado em tempo... como foi o PAC, na verdade, quase todas as medidas, o Fundeb, foram aprovadas num tempo razoável. Então, Sérgio, agora, depois do Conselho tomar essas informações, a minha idéia, eu tinha proposto ao Sérgio ontem que, como vocês já tinham recebido isso com uma certa antecedência, espero que tenham recebido isso com uma certa antecedência, é que a gente não demore muito para aprovar, fazendo as mudanças que entendermos que precisam ser feitas. Daqui a 15 dias – eu estou indo para a África no dia 12 e estaremos voltando no dia 18 ou 19, mas que na semana do dia 20 a gente possa convocar uma reunião com muitos empresários, com muitos cientistas, para a gente anunciar definitivamente o Programa não perder muito tempo.



Eu acho que, em 15 dias, com a boa coordenação do Conselho, a gente pode ter o programa definido e começar a executá-lo. Nós só temos 3 anos e 3 meses agora pela frente, meu caro, passa rápido que você nem vai ver.

Então era isso, Sérgio, eu queria agora abrir a palavra para os ministros falarem, para os nossos membros do Conselho falarem, mas eu quero dar os parabéns pelo seu aniversário e dar os parabéns pelo trabalho executado até agora.



Palavras finais do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia – 2ª parte

Palácio do Planalto, 03 de outubro de 2007

Sérgio, antes de terminar a reunião, quero dizer para os conselheiros uma coisa: a idéia da construção do PAC de infra-estrutura deu ao governo, nesses últimos oito meses, uma competência de construção gerencial que, certamente, a gente não teria aprimorado se nós não tivéssemos feito a experiência do PAC. Depois do PAC da infra-estrutura, nós começamos a cobrar dos vários ministros que, junto com os seus pares, construíssem os programas para o Estado brasileiro até 2010.

Eu confesso a vocês que algumas apresentações foram, para mim, uma obra-prima de perfeição, de teorização e de esquematização de coisas para o Estado brasileiro. Eu poderia pegar o exemplo de um ministério menor, o MDA, que construiu a idéia do Territórios da Cidadania, que é uma obra prima – se nós conseguirmos executar – e possibilitou o que está acontecendo no lançamento do Plano de Ação 2007/2010.

Havia uma coisinha aqui no Brasil ou, quem sabe, na cabeça das pessoas – quem sabe o Brasil nem tivesse tido culpa, porque nem soubesse que estava sendo feito – de cada ministro fazer o seu programa em função do pensamento da sua equipe. No fundo, no fundo, era uma coisa do ego intelectual: “Eu vou produzir o conhecimento que acumulei ao longo da minha vida, sem me importar com o que os outros vão estar pensando”. Então, isso aqui não é o programa de Ciência e Tecnologia para o Brasil, não é o programa da Educação para o Brasil, é o programa do Fernando Haddad, é o programa do Sérgio Rezende, é o programa de política internacional do Celso Amorim, é o programa agrícola do Reinhold Stephanes. Era assim que funcionava na



história do País.

O que nós estamos aprendendo? Que nós precisamos construir coisas, primeiro, que envolvam o governo, porque se não envolver o governo você não compromete os pares. E se você não compromete os pares, se o ministro do Planejamento não participa de uma reunião de elaboração de um plano e não está de acordo com ele ou, pelo menos, não o submete a uma votação, ou o ministro da Fazenda, a ministra da Casa Civil, ou um outro ministro que tenha ligação direta com um projeto desses, podem ficar certos de que o plano não anda, porque terá alguém sentado em cima. Se depender de um parecer de um companheiro que trabalha no Ministério ligado, contra, a coisa pára e fica um ano, dois anos, três anos, quatro, 10, 20, 30. Então, o PAC permitiu que a gente construísse, a partir dele, um conjunto de políticas para o Estado brasileiro.

Agora, prestem atenção numa coisa. Eu sou amante do futebol. Se eu fosse técnico de futebol, a minha palavra de ordem seria a seguinte: qual é a nossa meta, qual é o nosso objetivo superior? É marcar gol. Então, tem aquela trave lá, só marca gol quem chuta. Quem não chuta... Vocês viram o Brasil no Campeonato Mundial das mulheres, em que a gente tinha uma performance extraordinária até chegar o dia em que precisava ter uma performance boa e não tivemos, porque não chutamos a gol e não marcamos. O Corinthians está a três ou quatro jogos sem marcar um gol, porque não chuta. Não adianta dizer que o adversário é bom. Se chutar, tem chance de bater na mão do adversário, tem chance de bater na trave, tem chance de o goleiro jogar para escanteio. Mas se não chutar, não marca.

Por que eu estou dizendo isso? Porque esse programa é um time de futebol em campo. Se nós, no dia da apresentação desse programa, não tivermos construído um objetivo e um plano de metas para o cumprimento de cada uma das coisas que estão aqui, nós vamos ficar subordinados aos seus especialistas ou a algum especialista aqui que se interesse por um programa.



É preciso, Sérgio, que no dia do lançamento público a gente apresente à sociedade brasileira e à comunidade científica um plano de metas. O que nós queremos que aconteça até 2008? O que nós queremos que aconteça até 2009? Em cada área. E tem que ter esse conselho gestor para, a cada mês, cobrar. No caso do PAC, além de eles se reunirem todos os dias, a cada quatro meses eles têm que prestar contas à imprensa, porque fazem um comunicado à imprensa e prestam contas ao presidente da República.

Neste caso, Sérgio, se a gente não apresentar isso aqui combinado com um plano de metas, que cada membro do Conselho ou cada ministro aqui presente coloque na sua mesa e saiba, por exemplo, que no nosso Plano de Ciência e Tecnologia, até o dia 20 de agosto de 2008, tinham que acontecer tais coisas, se a gente não tiver isso, corre o risco de ter um baita de um programa, como o Corinthians tem uma baita de uma razão de existir, uma grande torcida, mas o time não marca o gol. Então, o que eu estou te propondo é o seguinte: você já escalou o time, a torcida está toda aqui, agora é preciso ter a meta a ser atingida. É preciso apresentar para o Conselho o seguinte: o que vai acontecer a cada semestre, até o dia 31 de dezembro de 2010? A partir daí, não é mais você, vai ser outro. Não sei, depende de quem ganhar, também, as eleições. Mas, de qualquer forma, a apresentação do plano de metas é condição *sine qua non* para que a gente possa cobrar, de nós mesmos, a execução de um programa como esse.

Portanto, eu quero agradecer a todos vocês pelos elogios ao programa, agradecer pelas sugestões ao programa, e dizer para vocês que agora não é apenas responsabilidade do Sérgio, não é apenas responsabilidade do presidente da República, mas é nossa responsabilidade fazer esse Plano acontecer.

Muito obrigado e parabéns.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do Programa Mais Cultura

Teatro Nacional de Brasília - DF, 04 de outubro de 2007

Eu estava olhando no relógio e vendo que, no próximo lançamento de um programa de Cultura, nós teríamos que nos fazer acompanhar, Patrus, de um marmitex, para que a gente fosse comendo...

Meu querido Sérgio Mamberti, eu sei que essa emoção que você demonstrou é uma coisa que eu já conheço há uns 20 anos. Portanto, eu sei que, como você, outros defensores de uma política de cultura estão sentindo parte do que você sentiu.

Quero agradecer ao ministro Gilberto Gil e ao Juca, à sua equipe e aos outros ministros, e à equipe do Ministério da Cultura, que elaboraram este Programa.

Quero dizer para vocês que a grande novidade deste Programa, na apresentação do Juca... primeiro que nós não temos medo de dizer como o Brasil é, para que a gente possa vislumbrar a possibilidade de fazer um outro país. E, por isso, é importante a presença aqui de governadores – Jaques Wagner, Wellington e Marcelo Déda –, é importante a presença de prefeitos e prefeitas, de deputados, secretários de Cultura de estados, secretários de Cultura municipais. O que nós estamos fazendo, na verdade, é tentar criar uma política de Estado para este País, não a política do ministro Gil, do presidente Lula. Isso tem que ser uma política de Estado em que qualquer governo que venha a governar este País faça o que ele quiser, mas a base de uma política cultural do Estado estará plantada, para que ele possa cumprir e atender uma demanda da sociedade.

Eu acho que esse é o grande feito, e eu queria... vou falar muito pouco hoje, Gil. Normalmente, eu tento improvisar para economizar tempo nos meus



discursos que são, não tão longos, mas médios, e o improvisado faz com que eu fale muito mais. Hoje eu vou realmente falar pouco aqui. Quero dizer que o Juca veio aqui, falou de milhões e milhões, mas ele não disse para vocês que o Ministério pode arrancar até 1 bilhão de reais a mais nas emendas parlamentares e, por isso, eu mandei logo chamar o Arlindo Chinaglia para a mesa, porque ele é o presidente da Câmara, grande liderança dos parlamentares. Mas, nessa questão cultural, acho que os deputados são todos sensíveis, eu acho que nós não teremos problemas.

Gil, eu vou dizer para você, para o Juca e para os companheiros do Ministério o que eu disse ontem, no lançamento do Programa de Ciência e Tecnologia para o País. Está uma coisa tão repetitiva, Marcelo Déda, esse negócio de que “pela primeira vez, nunca antes, nunca dantes”, mas é verdade. É verdade não por mérito do Gil, do Juca, do Lula, mas é porque nunca antes a sociedade brasileira teve uma participação na elaboração das propostas de políticas públicas, como ela teve nesses quatro anos e meio de governo. Só eu participei de 47 conferências nacionais. Só eu. Cada conferência dessas necessita de uma conferência estadual, e cada conferência estadual necessita de dezenas de conferências municipais. Então, são milhões de pessoas envolvidas em todas as definições das políticas públicas. É por isso que quando nós a apresentamos há uma enorme concordância da grande maioria das pessoas, porque cada um percebe que tem o seu dedo, tem a sua palavra, tem a sua proposta, tem a sua luta ali dentro. E certamente estamos longe de chegar à perfeição, mas certamente estamos fazendo mais do que já foi feito, com a certeza de que no ano que vem poderemos fazer mais, no outro ano poderemos fazer mais, até que a gente possa fazer tudo que nós sempre sonhamos fazer para todas as áreas deste País. Este é o compromisso.

E falando em cultura, quero dizer para vocês que é extremamente anti-cultural eu estar aqui sendo visto por todos e eu não poder ver vocês porque as luzes estão apagadas. Como eu não sou um artista, se o pessoal da luz



pudesse repartir a luz com o plenário, por que qual é a impressão? Eu vou sair daqui sem ver ninguém. Eu gostaria, como eu sou um cidadão motivado pelas emoções, eu precisava ver os rostos das pessoas aqui porque eu vou dizer: participei do ato de lançamento do Programa de Cultura que tinha cara. Mas se eu sair assim, eu não vou dizer que tinha cara, porque eu não estou vendo. Eu queria pedir ao pessoal que pudesse acender um pouco. Todos estes ministros e outros que não estão aqui assumem junto com o Ministro da Cultura para dizer em alto e bom som neste País, em qualquer parte do território nacional, que a política cultural do país não é mais apenas responsabilidade do Ministério da Cultura, é responsabilidade do presidente da República com os 190 milhões de brasileiros que ajudaram a construí-la. Essa é a novidade do lançamento deste programa, porque senão fica fácil. Alguém vem se queixar da cultura e fala: “Isso é com o Gil”. Alguém encontra com o Patrus e fala mal da cultura: “Isso é com o Gil”. Ou seja, fica uma transferência de responsabilidade quando todos nós somos governo. Um time de futebol quando perde, perdem todos. Não é isso? Um conjunto musical quando perde, perdem todos. Um grupo de teatro quando está fazendo uma peça, se a peça não der certo, perdem todos. Não tem um que vai escapar de uma peça. A peça só vai ser daquele ali, porque ele deu certo. No governo também, não tem governo de um. O governo é um conjunto de erros e acertos, e a gente consegue errar menos na medida em que a gente consegue envolver a sociedade na elaboração dessa proposta.

Então, companheiro Gilberto Gil, companheiro Juca, além de reconhecer a competência extraordinária do programa que vocês apresentaram aqui, eu quero terminar dizendo para vocês: sou cúmplice na vontade de fazer este programa, porque o Brasil, lamentavelmente, nunca teve uma política cultural. Ela tinha ações de ministros, ela atendia determinados públicos, às vezes, muito seletivos. Quando nós tentamos estender dinheiro da cultura para todo o território nacional, houve setores que reagiram, porque obviamente o bolo ia só



para um lado, e nós queremos que o bolo seja nacional. O estado de Roraima não vai receber a quantidade de dinheiro que vai receber o Rio de Janeiro ou São Paulo, mas ele tem direito, porque lá também tem cultura. Não a cultura da Avenida Paulista ou da Avenida Atlântica, mas a cultura do povo de Roraima, que tem que ser nacionalizada, divulgada, para que todo mundo saiba que existe. Porque essa é a cultura mais forte, ou seja, é a possibilidade de a gente conseguir construir uma expressão cultural a partir de mostrar este País como ele é por dentro, o que o povo sabe fazer, como sabe fazer e respeitando todo mundo. Eu sei o quanto o Gil sofreu com isso, eu sei o quanto apanhou, eu sei o quanto é triste. Nós tentamos fazer a Ancine e a Ancinave, era um pré-projeto, era uma coisa que não tinha nem sido discutida no governo, era um daqueles borrões que se faz. O Gil quase foi massacrado. Por quê? Porque estava mexendo em interesses de décadas, de poucas pessoas, que se beneficiavam das coisas neste País.

Então, eu quero, Gil, dizer para você: olhe, é gratificante governar um país num momento como este. Vocês podem ter certeza. Pode ser que tenha presidente que diga que “é duro ser presidente, que é sofrido ser presidente”. Eu gosto, Deda, porque estou realizando coisas nas quais eu acreditava e estou percebendo que é possível fazer as coisas que pareciam impossíveis porque as pessoas nem tentavam. O fraquejado é aquele que coloca obstáculo antes de tentar fazer as coisas. É aquele que se levanta de manhã “não posso, não dá, não vão deixar”, como se houvesse algum impeditivo maior do que a força motora produtiva da vontade de uma nação.

Nós estamos retratando um pouco isso aqui. Eu sei que isso não é tudo, falta muito, mas o País está arrumado. Nós temos muita, mas muita coisa para fazer ainda, mas o principal nós já fizemos: construímos a base para dar os próximos saltos. Eu quero confessar aqui que, desde o dia 22 de janeiro, quando nós lançamos o PAC e resolvemos criar o Conselho Gestor para fazer com que o PAC desse certo e, a partir daí, lançamos o Programa para a



Juventude Brasileira, o Programa de Segurança Pública, o PDE, da Educação, o Programa da Secretaria do nosso Paulinho, das Pessoas com Deficiência e o Territórios da Cidadania, que é uma coisa extraordinária, eu comecei a perceber que as pessoas tinham aprendido a fazer planejamento com consistência.

Então, vocês imaginem, quando nós decidimos fazer o PAC de urbanização de favelas e saneamento básico, a primeira decisão que nós tomamos foi a seguinte: não vamos pulverizar o dinheiro, vamos centralizar onde está o grande problema. Mapeamos as 11 principais regiões metropolitanas e vamos fazer o que nunca foi feito neste País. Agora, não adianta a gente fazer o esgoto, fazer a rua, urbanizar a favela, e não ter lá uma escola, não ter lá um ponto de cultura, não ter lá um lugar para as pessoas terem acesso à internet. Não adianta a gente tirar o pessoal da escuridão da cidadania urbana e deixá-lo na escuridão da cidadania cultural. É preciso que a gente faça com que as coisas aconteçam, e nós temos três anos e meio.

Se é verdade que todos nós acreditamos que a cultura é a expressão da alma de um povo, na verdade nós estamos aqui discutindo a nossa alma. E eu acho, Gil, que nós conseguimos fazer o que era certo: paciência para ouvir, para construir, para tirar de cada um de vocês, do muito que vocês podem dar, um pouco do que nós precisávamos para fazer uma mistura, uma miscigenação das idéias, porque senão ia pegar tudo só de um. Pegamos um pouco de cada um e conseguimos construir um programa.

Eu queria pedir para vocês: não permitam que nós não cumpramos este programa, cobrem. Cobrem do Juca, cobrem dos prefeitos, cobrem dos governadores, cobrem do Gil. De mim e do Gil vai ser mais difícil cobrar, porque a gente viaja bastante, mas cobrem. Porque se vocês não cobrarem, a gente pensa que está acontecendo. E, logo, logo, vai vir a TV Pública brasileira. E aí, a gente vai poder ter uma cara verdadeiramente brasileira, com defeitos e virtudes, com coisas boas e coisas ruins, mas, antes de tudo, uma



cara com orgulho, porque é a cara deste País.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus nos abençoe.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à visita às obras da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó Chapecó-SC, 05 de outubro de 2007

Excelentíssimo senhor Luiz Henrique da Silveira, governador do estado de Santa Catarina,

Companheiros ministros que me acompanham, Nelson Hubner, de Minas e Energia; Guido Mantega, da Fazenda; e Altemir Gregolin, da Aqüicultura e Pesca,

Senadora Ideli Salvati,

Senador Neuto de Conto,

Deputados federais Celso Maldaner e Valdir Colatto,

Senhor Moacir Dalla Rosa, prefeito municipal de Águas de Chapecó,

Meu caro Valdir Zasso, prefeito municipal de Alpestre,

Senhor Anacleto Rodrigues, prefeito de Pinhalzinho e presidente da Associação de Prefeitos do Oeste Catarinense, por meio de quem cumprimento os demais prefeitos presentes,

Meu caro Mário Márcio Rogar, presidente interino de Furnas,

Senhor Wilson Ferreira Júnior, presidente da CPFL,

Senhor Luiz Nascimento, conselheiro do Grupo Camargo Corrêa,

Senhor Ênio Schneider, diretor-superintendente da Foz do Chapecó Energia,

Senhor Delson Luiz Martini, presidente da Companhia Estadual de Energia,

Senhoras e senhores,

Trabalhadores,

Secretários,

Empresários do empreendimento,

Meus amigos e minhas amigas,

A questão energética tem sido motivo de várias reuniões das que tenho participado com outros chefes de Estado. Nos últimos 18 meses, já participei

de três reuniões para discutir a questão energética, ora na área de combustível, ora na área de energia elétrica.

E nós, brasileiros, e eu diria nós, latino-americanos e companheiros sul-americanos, temos uma situação muito privilegiada, se tivermos bom-senso, juízo e visão de futuro. O Brasil tem hoje, aproximadamente, 100 mil megawatts de energia funcionando. Se olharmos todas as bacias hidrográficas brasileiras que compõem essa imensidão de rios que nós temos, nós poderemos ter, a grosso modo – poderei estar errando aí, no número – aproximadamente 264 mil megawatts. Vamos supor que nós não tenhamos condições de construir os 264 mil megawatts. Mas, certamente, quem tem 264 mil megawatts pode ter possibilidade de construir pelo menos metade disso, o que já seria uma soma extraordinária de 130 mil megawatts. Ou seja, nós temos um potencial de construir mais do que nós construímos em todo o século passado.

Agora, construir não é uma coisa simples. Entre a vontade política, entre o fato de ter empresários dispostos a investir, de ter o governo disposto a financiar e ter uma decisão do governo de fazer, entre tudo isso acontecer e uma obra dessa magnitude sair, tem outros problemas que não estão relacionados ao poder de decisão de nenhum de nós aqui. Tem o problema ambiental que está subordinado a uma legislação, tem o problema do Ministério Público que, muitas vezes, aciona uma obra e ela leva alguns anos para que a Justiça julgue, e tem, muitas vezes, até entre os próprios empresários, divergências, se vão participar ou não do consórcio.

O dado concreto e objetivo é que quando a gente vem ver uma obra desta, e não precisava nem ter discurso aqui, só ver a obra, ver aquele guindaste jogar aquele primeiro container de cimento ali, a gente precisa despertar na sociedade brasileira que não existe milagre para produzir energia. Ou você faz de energia hídrica, que o Brasil tem um potencial extraordinário e no mundo não tem ninguém que possa ter as condições que tem o Brasil, ou você faz de energia nuclear, que muita gente não quer, embora seja uma energia limpa, ou você faz de termoelétrica à carvão, de termoelétrica à óleo diesel, ou você vai ter que fazer energia de biomassa, que ainda é uma coisa muito incipiente, muito desejada, mas com pequenas quantidades de megawatts produzidos que ainda não dá para suprir as necessidades do País.

Obviamente que nós temos a energia eólica, e alguns países estão mais adiantados do que nós. Mas é importante lembrar que uma usina de 400 megawatts de energia eólica, a gente produz, em média, apenas 30% disso e, portanto, não é uma coisa tão produtiva quanto uma usina como esta que vai ser construída aqui.

Um outro problema sério que nós enfrentamos no Brasil e aí, Luiz Henrique, é uma coisa grave, é que depois do governo Geisel, que foi o último governo que planejou este País, que teve obra de infra-estrutura de envergadura, certamente, hoje, nós não faríamos Itaipu do tamanho que ela foi feita, certamente não faríamos Tucuruí do tamanho que ela foi feita. Hoje nós teríamos muito mais problemas para fazê-las, pelo avanço da sociedade, pelo avanço da consciência ambiental, pelo avanço da legislação, nós teríamos muito mais dificuldades. Mas qual é o dado? Vocês estão lembrados de que nós tivemos “apagão” em 2001. E aquele “apagão” foi uma coisa até inexplicável, porque nós tínhamos excesso de água aqui no sul do País, portanto os reservatórios estavam cheios. Nós tínhamos falta de energia e os lagos vazios no Sudeste. E, por que, então, faltou energia? Porque não tinha linha de transmissão. Ou seja, não adianta você ter o lago, produzir energia se concomitantemente você não fizer os investimentos em linhas de transmissão para que você possa transportar energia para os centros consumidores deste País.

Uma outra coisa importante é que não tinha inventário. Quando eu falo que os últimos grandes projetos foram feitos na década de 70, é porque nós encontramos apenas 3 mil e 200 megawatts inventariados. E um país que não tem uma prateleira de projetos, na urgência de construir alguma coisa, a urgência acaba, porque você precisa começar praticamente do zero. Luiz Henrique, a coisa era tão grave que a Usina de Belo Monte, que eu ouço falar desde quando eu ainda não tinha barba branca, estava há 20 anos proibida de fazer estudo, não é de fazer a hidrelétrica, não. O governo estava proibido de fazer estudos. Somente agora, depois de muita briga, de muita conversa, é que nós conseguimos liberar a possibilidade de fazer estudos para construir Belo Monte, que era uma usina inicialmente prevista para 10 ou 11 mil megawatts, mas que pode diminuir para 6 mil megawatts.

O que é importante é que as pessoas adquiram consciência de que não

existem grandes alternativas. Para o Brasil, a mais interessante, a mais barata, é exatamente a energia hidrelétrica construída a partir dos nossos rios. Que nós temos que cuidar do meio ambiente, temos. Que nós temos que cuidar das pessoas que moram nos lugares que vão ser alagados, temos. Mas que nós temos que fazer as hidrelétricas, nós precisamos fazer.

Nós estamos trabalhando agora para deixar para o próximo governo pelo menos 32 mil megawatts inventariados. Ou seja, quando tiver dinheiro, vai lá, pega o projeto, chama a CPFL, chama a Camargo Corrêa, chama Furnas, vai lá e fala: “Está aqui o projeto, o BNDES tem dinheiro para financiar, vai lá e faz”. Duro é quando você precisa e você não tem projeto.

Então, é importante, e eu quero dizer para vocês da minha alegria de estar aqui neste local, aqui onde vai passar muita água, vendo o começo de uma obra gigantesca que vai produzir 855 megawatts, que vai gerar, no auge, quem sabe, uns 6 mil empregos, que vai ajudar financeiramente as prefeituras e os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Mas, mais do que isso, durante um bom tempo vocês estarão trabalhando, recebendo salário e sustentando a família de vocês. E é por isso que nós precisamos ter um conjunto de hidrelétricas sendo construídas, para que vocês possam se tornar grandes especialistas na produção de energia, para que a gente possa construir também em outros países da América do Sul e, quem sabe, a gente poder, com linha de transmissão, integrar também o Continente e não precisar mais ficar correndo o mundo atrás de energia.

Todo mundo sabe que o Brasil está fazendo um forte investimento para ver se consegue encontrar gás suficiente para fazer termoelétrica. Todo mundo sabe que nós poderemos fazer de carvão. Agora, definitivamente, nada é melhor para o País do que isso aqui, nada é mais limpo, energia puramente limpa, energia barata e energia que pode ser explorada por muito tempo se a gente tiver o juízo de fazer as coisas que precisam ser feitas. Da nossa parte, eu quero dizer aos empresários, nós ainda temos aqui... de 2007 a 2010 está prevista a construção de 62 hidrelétricas no valor de 33 bilhões de reais, dos quais 5 bilhões de reais envolvem o estado de Santa Catarina. O governo me dizia que tem possibilidade, aqui, de construir 170 PCHs, ou seja, pequenas hidrelétricas de 6 megawatts, de 10 megawatts, de 15 megawatts, de 8 megawatts. Então, nós precisamos sentar, governo estadual, governo federal,

Ibama estadual, Ibama federal, empresário estadual, empresário federal, e desmontar o labirinto de dificuldades que nós temos para que a gente possa produzir energia neste País.

Eu quero que os empresários do setor saibam. O Guido, vocês podem ver a fisionomia do meu ministro da Fazenda, a cara de tranqüilidade dele, com disposição para facilitar todo e qualquer financiamento para a gente construir. Vocês podem ver a cara do prefeito, aqui, com o dinheiro dos royalties, que nem chegou ainda, já comprou um lenço novo para colocar no pescoço, vermelho. Imagine quando começarem a sair os royalties. Então, eu quero que vocês saibam o seguinte: eu estou convencido de que o século XXI é o século que vai transformar o Brasil numa grande potência econômica. E que eu tenho mais três anos e três meses de mandato, e nesses três anos e três meses de mandato eu quero contribuir para deixar o Brasil muito mais preparado do que o Brasil que eu encontrei e, certamente, o governador, o estado muito melhor do que ele encontrou. Por isso, conte comigo, que nós vamos fazer o que precisa ser feito neste País.

Um abraço e meus parabéns!

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração do 35º aniversário do Sebrae**

Brasília - DF, 09 de outubro de 2007

Meu caro amigo governador do DF, José Roberto Arruda,
Companheiros e companheiras ministros e ministras de Estado,
Companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,
Senador Adelmir Santana, presidente do Conselho Deliberativo Nacional
do Sebrae,

Deputados aqui presentes,

Meu caro Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional
das Indústrias,

Senhoras e senhores integrantes do corpo diplomático,

Senhor Francisco Marinho de Oliveira, do Sebrae, o nosso
homenageado de hoje,

Vice-governador Paulo Octávio,

Ex-presidentes do Sebrae,

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje, eu não sei por que, acordei com uma premonição de que as coisas
iam ser boas e muito boas para o Brasil no dia de hoje. Na verdade, Paulo, a
agenda é feita de forma tão selvagem, que muitas vezes a gente se lembra das
coisas das quais a gente tem que participar faltando meia hora ou 15 minutos.
Mas o dia foi bom porque, hoje, depois de vencer todas as barreiras legais,
todos os casos criados, finalmente, nós tivemos o leilão de sete lotes de
rodovias brasileiras que estavam há muito tempo para serem privatizadas, para
se fazer a concessão, desde o mandato do presidente Fernando Henrique
Cardoso.

Eu me lembro de que quando eu cheguei aqui, tinha tido um problema
no Tribunal de Contas da União, e me lembro de que tinha tido uma votação
muito apertada e por conta dessa votação apertada, depois se tomou uma
nova decisão e anulou-se qualquer perspectiva de se fazer leilão. E hoje,
finalmente, foi feito o leilão.

Uma coisa interessante que aconteceu: primeiro, no processo nós tiramos a outorga, ou seja, nós evitamos que o governo determinasse um preço para que as empresas que ganhassem pagassem para o governo. Nós entendemos que a melhor forma de baratear o pedágio era o governo não ter cobrado a outorga e não cobramos a outorga. Mas vamos ver o que aconteceu no dia de hoje.

O trecho da Régis Bittencourt, que tinha um preço mínimo de 2,68 reais, foi leiloado por 1,35 real, um deságio de 49%. O trecho da Fernão Dias, que é uma obra que todo mundo esperava, tinha um preço mínimo de 2,88. Foi leiloado por 0,99 centavos, um deságio de 65%. O trecho Curitiba/Florianópolis tinha um preço mínimo de 2,75, foi leiloado por 1,028, um deságio de 62%. A BR-101, na ponte Rio de Janeiro/Niterói, de ponto a ponto, tinha um preço mínimo de 3,8, foi leiloadada por 2,25, um deságio de 41%. A BR-153, divisa de Minas Gerais/São Paulo até a divisa São Paulo/Paraná, tinha um preço mínimo de 4,08, foi leiloadada por 2,4, um deságio de 40%. A BR-116, Curitiba até a divisa Santa Catarina/Rio Grande do Sul, tinha um preço mínimo de 4,18, foi leiloadada por 2,50, 40% de deságio, e a BR-393, divisa Rio de Janeiro/Minas Gerais, tinha um preço mínimo de 4,037, foi leiloadada por 2,90, um deságio de 27%.

Por que eu disse que estou feliz? Eu estou feliz porque também na semana passada nós fizemos uma subconcessão para a Vale do Rio Doce construir 720 quilômetros da Ferrovia Norte/Sul, que começou há tantos anos. Eu era deputado Constituinte em 1987. De 1987 até chegarmos ao governo foram feitos 215 quilômetros, e nós vamos terminar 2010 construindo os 1.574 quilômetros da Ferrovia.

O que é interessante é que no leilão que nós fizemos, a Vale do Rio Doce compareceu sozinha e o quilômetro pago pela Vale do Rio Doce ficou em 1,08 milhão de dólares por quilômetro. Todo o restante da rede ferroviária brasileira, da qual foi feita concessão, mais as oficinas, mais os vagões, mais as locomotivas, mais o que vocês quiserem, todos eles saíram por apenas 70 mil dólares e a Vale do Rio Doce pagou 1 milhão de dólares por quilômetro. Isso demonstra que é plenamente possível nós resolvermos os problemas de infra-estrutura deste País se a gente trabalhar formando parceria com as pessoas sérias deste País que querem fazer parcerias.

No leilão, Armando Monteiro, seis lotes foram ganhos por um consórcio presidido por uma empresa espanhola. Nós agora estamos abrindo a dragagem dos portos brasileiros para que empresas estrangeiras venham concorrer e a gente acabar com o monopólio de três empresas que detinham o controle mas não faziam a dragagem de que o Brasil precisa e, portanto, a gente fica tanto tempo esperando uma dragagem que não consegue fazer.

Eu acho que outra forma de nós baratearmos também o custo das obras neste País é a gente não ter medo de fazer concorrência, de ter participação de quem quer que seja, porque em várias atividades o Brasil é competitivo, o Brasil pode ganhar, tanto aqui dentro como lá fora, sem nenhuma preocupação. Eu acho que um pouco de ousadia vai fazer bem ao País.

Também foi um dia importante para nós porque, finalmente, o Arruda e eu fomos inaugurar, junto com o governador de Goiás, a famosa BR-060, que tinha a famosa Sete Curvas, uma estrada que foi começada em 1988, tinham sido feitos 50 quilômetros, e finalmente hoje nós inauguramos, encurtando o percurso. Dizem que quem quiser comer um frango caipira aqui em Brasília, compra o frango, pega a BR-060, vai até a fronteira com Goiás e volta com o frango do interior. O que não é verdade, porque Brasília tem muitos pequenos agricultores que criam para poder vender as coisas.

Paulo, eu trouxe um discurso mas eu sei que o pessoal quer jantar. Duas coisas importantes para falar sobre o Sebrae: a primeira é que esta semana entrou a lei que facilita a participação das micro e pequenas empresas nas compras governamentais. Essa era uma necessidade de ajudar (inaudível). Também nós sabemos que por conta da aprovação da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas nós temos problemas em alguns estados, ainda, com o ICMS. Eu estava dizendo ao Paulo que nada mais fácil para resolver um problema do que juntarmos os governadores dos estados que têm problemas, fazer um levantamento da situação real dos problemas e tentar encontrar uma solução, porque micro e pequeno empresário e pobre, em época de eleição, não tem político que não queira tratar bem. Então, nós temos que aproveitar este momento para chamar os governadores e fazer um acordo, porque no fundo, no fundo, eu acho que o objetivo de todo mundo é fazer com que as micro e pequenas empresas tenham uma vida longa. Uma vida longa que antes de nós chegarmos ao governo, (inaudível) foram ditas aqui, 50% das

empresas sobreviviam e hoje nós estamos com 78% das empresas sobrevivendo e Deus queira que a gente um dia chegue se não a 100%, chegue a 98%, já está bom, 99% está bom porque também tem que ter algum problema para poder existir a eficácia do Sebrae.

A terceira coisa que eu acho importante é que o Sebrae é tão eficiente que a gente pensa que aquele programa que tem na Rede Globo, “Pequenas Empresas Grandes Negócios”, é do Sebrae. Todo mundo que assiste pensa que é do Sebrae e não é, o Sebrae mal paga um pouquinho de publicidade ali para sair propaganda do Sebrae.

Então eu quero terminar, Paulo, dizendo a vocês, do Sebrae, o seguinte: eu acho que o Sebrae é daquelas coisas que o Brasil fez e deu certo. É daquelas coisas que foram construídas... não é dizer que todo mundo do Sebrae é uma maravilha, que o Sebrae não tem nenhum defeito. Acontece que o Sebrae é uma daquelas coisas tão importantes, tão necessárias e tão úteis ao País, que os defeitos, Paulo, ficam pequenos diante da grandeza da qualidade que tem o Sebrae para ajudar a micro e a pequena empresa neste País.

Portanto, eu queria dar os parabéns a todos vocês: aos funcionários do Sebrae, à direção do Sebrae, aos dirigentes estaduais do Sebrae, aos dirigentes do Conselho Nacional do Sebrae, e dizer para vocês: eu penso que quem chegou aos 35 anos, aumentando a cada ano que passa a sua eficácia... o Sebrae é uma instituição que eu acho que conquistou aquela coisa chamada ISO, qual é a mais importante ISO? Quatorze mil? ISO 15 mil? Eu acho que o Sebrae chegou a conquistar uma excelência nas suas funções, que não tem como retroceder.

Então, eu queria desejar à direção do Sebrae, aos profissionais do Sebrae espalhados pelo Brasil inteiro, que vocês, pelo amor de Deus, continuem aprendendo com vocês mesmos e fazendo cada vez mais e cada vez melhor, que o Brasil agradece.

Parabéns, Paulo.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da duplicação do trecho final da BR-060**

Anápolis – GO, 09 de outubro de 2007

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Goiás,
Queridos companheiros e companheiras da cidade de Anápolis e das
cidades vizinhas,

Meu caro governador de Goiás, Alcides Rodrigues,

Meu caro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,

Meu companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu caro Ademir Menezes, vice-governador de Goiás,

Deputados federais Alberto Fraga, Chico Abreu, Jovair Arantes, Leandro
Vilela, Luiz Bittencourt, Pedro Chaves, Pedro Wilson, Roberto Balestra, Rubens
Otoni e Sandro Mabel,

Meu caro Íris Rezende, prefeito de Goiânia,

Meu caro Pedro Fernando Sahium, prefeito de Anápolis,

Prefeitos da região,

Meu caro Luiz Antonio Pagot, diretor-geral do DNIT,

Companheiro Maguito Vilela, ex-senador e hoje diretor da área de
governo do Banco do Brasil,

Senhor Wilmar dos Santos, superintendente regional do DNIT em Goiás
e no Distrito Federal,

Meus companheiros vereadores,

Meus companheiros deputados estaduais,

Secretários de Brasília,

Secretários de Goiás,

Companheiros trabalhadores,

Eu não sei se é o pessoal dos Correios que está tão eufórico,

Meus amigos e minhas amigas,

É importante que a gente transforme um ato como este numa afirmação
daquilo que o Brasil está se propondo a ser no futuro. Eu vejo o momento que
o Brasil está vivendo como se a gente estivesse cortando as correntes que

durante tantas décadas amarraram este País, e não permitiram que ele andasse com a pressa que ele precisava andar e que não fizéssemos a distribuição de riqueza das coisas produzidas por nós também com a rapidez que o Brasil precisava.

Inaugurar uma rodovia como esta, no dia 9 de outubro de 2007, é dizer para vocês que nós estamos cumprindo um sonho de Juscelino. Mas nós estamos concluindo uma obra que começou em 1988, portanto, há 19 anos. O presidente Fernando Henrique Cardoso concluiu 50 quilômetros desta obra e nós concluimos 121 quilômetros.

Agora os deputados não vão mais precisar ficar em filas nos aeroportos, porque o que demorava 3 horas vai demorar 1h30, o que demorava 2 horas vai demorar 1 hora. Sempre tomando o cuidado para não ultrapassar os limites de velocidade permitidos por lei, porque o resultado de quem ultrapassa os limites de velocidade, todo mundo sabe o que é, é não poder ir mais a Brasília ou não poder vir mais a Goiás.

Nós estamos concluindo uma obra, e eu posso dizer a vocês que voltarei aqui, ainda não sei se em Anápolis, mas voltaremos nesta avenida no dia em que a gente tiver que anunciar, ainda no meu mandato, a ligação de Goiás ao Porto de Santos, porque nós vamos fazer esta rodovia chegar até o Porto de Santos até 2010. Eu não quero precisar data, mas eu quero dizer para vocês que nós vamos, ainda no meu governo, inaugurar esta rodovia, definitivamente, até o porto de Santos.

Uma coisa extremamente importante, meus companheiros e minhas companheiras de Goiás, é que nós precisamos analisar o que está acontecendo no Brasil. Vocês estão lembrados de que, há 30 anos, qualquer cidadão do mundo que passasse por este estado ou que passasse pela região Centro-Oeste do Brasil diria que isto aqui era uma região imprestável, que não se podia plantar absolutamente nada, porque a gente tinha aprendido desde pequeno que terra em que dá árvore muito torta é terra que não presta para a agricultura.

O que aconteceu nesta região? Depois de muito investimento em pesquisa, depois de muita gente acreditar que era possível transformar a região Centro-Oeste numa região altamente produtora, hoje a gente pode dizer que tem poucos lugares do mundo com qualidade para produzir qualquer coisa

como tem a região Centro-Oeste deste País, que está se transformando num grande celeiro de produção de alimentos, sobretudo grãos e agora, mais importante, também na produção de etanol e de biodiesel aqui nesta região.

É por isso que a região Centro-Oeste merece do governo federal um olhar, não carinhoso, um olhar responsável de um governo federal que tem que olhar o mapa do Brasil e ver o que significa o estado de Goiás, que tem que olhar o mapa do Brasil e saber o que passa por este estado de Goiás. E foi isso que nos levou a tomar a decisão de anunciar no PAC a construção do álcoolduto, levando o álcool produzido no Centro-Oeste até o Porto de Santos, para embarcar para os países que quiserem comprar álcool do Brasil.

Logicamente que nós temos consciência de que ainda falta muito para fazer porque, afinal de contas, eu estou falando de quase duas décadas e meia de atrofiamento de investimentos em infra-estrutura neste País. É só olhar a história do Brasil que vocês vão analisar que, depois do governo Geisel, se fez muito pouco em infra-estrutura neste País. Parece que o País ficou atrofiado, amarrado, impedido de ser do tamanho que ele é.

O que nós estamos fazendo não é nenhuma mágica, nenhum milagre. O que nós estamos fazendo é como um bebê quando quer andar: em vez de a mãe ficar com medo que ele ande, tem que soltar a criança para ela aprender a andar. Vai levar um tombo? Vai, mas vai aprender a andar. O Brasil já é adulto, o Brasil já é um País de envergadura mundial, a gente não poderia continuar sendo um país analisado como se fôssemos pequenos, a gente não pode ser um país analisado apenas do ponto de vista das divergências políticas que acontecem diariamente. É preciso a gente olhar para as coisas boas que acontecem neste País.

Eu não tenho dúvida, governador Alcides, não apenas no estado de Goiás, pode mapear cada estado deste País, pode ir para São Paulo, pode ir para Minas Gerais – que são estados governados pelo PSDB – e vocês vão perceber que nós estamos colocando muito mais dinheiro lá do que já foi colocado em qualquer outro momento de outro governo. E por que fazemos isso? Porque eu não quero saber se o governador é do PFL, se é do PT, se é do PP, se é do PSDB, eu quero saber que o povo daquele estado é brasileiro e merece o respeito de quem governa este País. A obra não é para o governo, a obra é para o povo, e é assim que a gente vai fazer este País crescer.

Logo, logo, eu virei aqui outra vez, ao estado de Goiás, dar ordem de serviço numa coisa extraordinária de que o Alfredo falou aqui. A Ferrovia Norte/Sul começou a ser feita em 1987, quando o presidente Sarney era presidente da República. Pois bem, entre o presidente Sarney e 2003 foram construídos 215 quilômetros da Ferrovia Norte/Sul. Eu virei aqui, no meio de 2010, para dizer para vocês que nós vamos entregar em oito anos mais 1.234 quilômetros da Ferrovia Norte/Sul, levando-a até Palmas. Assim como vamos entregar, até 2010, 1.900 quilômetros da Transnordestina, ligando Pernambuco, Ceará e Piauí. Assim como vamos levar a ferrovia até Rondonópolis. Este País, durante 40 anos, não investiu em ferrovias e o pouco que a gente tinha foi privatizado. Em muitos casos, não se exigiu a responsabilidade daquele que privatizou para fazer os investimentos necessários.

Então, este País deixou de ser um país de “faz de conta”, este País deixou de ser um país onde cada um fazia o que queria e a maioria não queria fazer. Este País, agora, tem uma direção, este País tem um projeto. É por isso que nós anunciamos o PAC, com 504 bilhões de reais, até 2010, para que a gente dote este País da infra-estrutura necessária para que este País se transforme, definitivamente, numa grande economia mundial e possa ser um país cada vez mais competitivo. Eu digo sempre que nós jogamos fora o século XX, não porque não crescemos, tivemos momentos extraordinários no século XX. Entretanto, todas as vezes que parecia que o Brasil ia para a frente, acontecia uma desgraça e o Brasil desandava. Agora nós estamos aprendendo a lição da história. Não faremos nenhuma mágica, não faremos nenhum gesto de irresponsabilidade, mas também não cederemos a nenhuma atitude política pequena, de quem quer que seja, para nos tirar desse rumo de levar o Brasil a se transformar numa grande nação. Afinal de contas, o governador, o prefeito, o presidente da República, a gente não governa para a gente.

O que marca a passagem da gente pelo governo não são os quatro anos em que a gente ficou lá, é a qualidade de vida que a gente conseguiu dar para o povo no período em que a gente governou. E eu estou convencido, meus companheiros e companheiras, que a inauguração desta estrada, a entrega definitiva dela... estrada esta que já fez tanta gente chorar as mortes acontecidas nesta estrada, quantos acidentes, quantas centenas de pessoas

morreram, deixaram suas famílias. Todo mundo sabia que era preciso melhorar a estrada, mas ninguém tinha coragem de fazer. Custa caro? Custa. Nada é mais caro do que perder dezenas e dezenas de vidas nas estradas brasileiras por falta de cuidado.

Quero parabenizar o ministro Alfredo que, de forma muito gentil, foi eleito senador e poderia estar no Senado. Eu falei: Alfredo, o seu mandato não é no Senado, o seu mandato é junto comigo. Ele largou o Senado e veio ser ministro para ajudar a concluir uma obra que ele ajudou a começar em 2003, quando nós ganhamos as eleições.

Governador do DF, nós sabemos o que representa Brasília para o Brasil e nós sabemos que Brasília é a cara daquilo que nós queremos para o Brasil. Por isso, nós queremos tratar Brasília com o carinho de um chefe de Estado que reconhece a importância política da capital. E queremos dar a Brasília as condições para que Brasília tenha em torno dela as melhores rodovias, para que Brasília possa ver o trânsito das cargas brasileiras não precisar atravessar dentro do centro de Brasília.

Eu quero dizer para vocês, com muita alegria, que nós temos 27 governadores de estado, todos eleitos agora em 2006. Eu não sei se houve outro momento da história deste País em que tivemos a chance de trabalhar de forma tão harmônica entre governo federal e governos estaduais. Da minha parte, o meu compromisso: não quero saber que religião vocês freqüentam, não quero saber o clube de vocês e não quero saber o partido de vocês. Eu quero saber quais os projetos que vocês têm para que a gente possa fazer parceria e dizer ao povo brasileiro que valeu a pena a gente governar Goiás, Brasília e o Brasil.

Muito obrigado, parabéns a todos e bom trânsito na BR-060. Um abraço.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega das insígnias da Ordem Nacional do Mérito Científico 2005 e 2006

Palácio do Planalto, 10 de outubro de 2007

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,
Companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,
Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão,
Senador Inácio Arruda, que acaba de se retirar,
Meus companheiros deputados federais: Ariosto Holanda, José Geraldo,
Lobbe Neto, Rodrigo Rollemberg e o companheiro Vicentinho,
Senhor Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências,
Meu caro Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,
Meu caro Otávio Azevedo Mercadante, diretor do Instituto Butantan,
Senhores e senhoras agraciados, familiares,
Meus amigos e minhas amigas,

Condecorar todos vocês que tanto contribuem para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia é um motivo de especial orgulho para mim, seja como Presidente, seja como cidadão. Este é, afinal, um reconhecimento público da sociedade brasileira à dedicação de todas as pessoas que transformaram suas vidas em um constante processo de alargar as fronteiras do conhecimento humano.

Foram os senhores e as senhoras, cientistas e pesquisadores, que semearam – muitas vezes com recursos materiais escassos – idéias inovadoras e até incompreendidas. Idéias que, no entanto, frutificaram em novos conhecimentos e novas tecnologias que podem ser absorvidos pela sociedade e elevar a qualidade de vida de todos os cidadãos e cidadãs.

Sem a pesquisa aplicada, dificilmente teríamos hoje a capacidade de explorar o petróleo em águas profundas. Não teríamos conquistado a auto-suficiência em petróleo, não seríamos os maiores produtores de etanol e nem

pensaríamos em exportar projetos de motores que usam mais de um tipo de combustível.

Sem o mesmo esforço não estaríamos hoje produzindo biodiesel em larga escala. Teríamos, assim, perdido a oportunidade de começar a substituir uma fonte de energia fóssil e de difícil obtenção por uma fonte renovável, limpa e que promove forte inclusão social, sobretudo no campo.

Os exemplos na área de energia demonstram claramente a capacidade da ciência e da tecnologia no Brasil, mas estão longe de serem os únicos. Temos centros de excelência na pesquisa e desenvolvimento nos mais diversos setores. É o caso da Embrapa, fundamental para que a nossa agricultura e nossa pecuária estejam entre as mais competitivas do mundo. E de duas instituições da área da saúde que estão recebendo a Medalha Nacional do Mérito Científico: a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Butantan.

Juntas, a Fiocruz e o Butantan provaram, ao longo de todo o século XX, que os pesquisadores brasileiros são os mais capacitados para conhecer os problemas de saúde típicos de seu país. Mais do que isso, mostraram que o Brasil consegue desenvolver soluções tecnológicas como soros, vacinas e medicamentos e aplicá-las imediatamente em benefício de toda a sociedade.

Minhas amigas e meus amigos,

Hoje, mais do que nunca, a ciência e a tecnologia fazem parte do eixo básico do modelo de desenvolvimento que está sendo implantado com sucesso no Brasil. E é exatamente por esse motivo que estamos dedicando uma atenção a essa área.

O Brasil ampliou a sua capacidade de formar pesquisadores. No ano passado, foram titulados 32 mil mestres e 9 mil e 300 doutores – em ambos os casos, os números tiveram um aumento superior a 30% em relação a 2002. Tal crescimento também ocorreu nos recursos aplicados em bolsas pelas nossas duas principais instituições de amparo à pesquisa: o CNPq e a Capes. Em 2006, foram investidos R\$ 1 bilhão e 307 milhões em bolsas pelas duas instituições – valor mais de 50% superior ao início do nosso governo. O nosso empenho na formação e na capacitação dos pesquisadores ocorre no mesmo momento em que buscamos fortalecer e tornar cada vez mais integrada nossa estratégia para a ciência e a tecnologia.

Quero lembrar que, na semana passada, durante a reunião do Conselho

Nacional de Ciência e Tecnologia, tive a oportunidade de debater com o companheiro, ministro Sérgio Rezende e com os demais conselheiros, o Plano de Ação para o setor nos anos de 2007 a 2010. Um Plano, elaborado com a participação de mais de 100 instituições e entidades governamentais e privadas, que expressa claramente este momento virtuoso vivido hoje em nosso País. Um momento em que o desenvolvimento demanda mais ciência e tecnologia e o avanço da ciência e da tecnologia funciona como indutor do próprio desenvolvimento. Digo isso porque o Brasil voltou a contar com aquele que é um dos maiores incentivos para a inovação: o investimento produtivo, expresso tanto na retomada do crescimento das empresas privadas em nosso país quanto no Plano de Aceleração do Crescimento, o PAC.

Estamos empenhados em fazer com que, por meio de mecanismos de apoio e incentivo, as empresas possam desenvolver e absorver inovações. Ao mesmo tempo, buscamos expandir e consolidar o Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para que suas ações tornem-se cada vez mais integradas e eficientes. Essas medidas – trabalhadas de forma integrada – devem resultar na elevação do investimento em ciência, tecnologia e inovação em, aproximadamente, 50%, chegando a 1,5% do Produto Interno Bruto em 2010. No ano passado, como se sabe, esse investimento foi da ordem de, praticamente, 1,02% do PIB.

Minhas amigas e meus amigos,

O desenvolvimento científico e tecnológico exige cada vez maior volume de investimentos, tanto estatais como privados. É, contudo, na capacidade criativa e no esforço das mulheres e dos homens que se dedicam à ciência e à pesquisa que reside a principal fonte desse desenvolvimento.

Quero, portanto, dar meus parabéns a todos vocês que foram condecorados neste dia. E conclamá-los – juntamente com toda a comunidade científica – a contribuir cada vez mais para o desenvolvimento social e econômico deste nosso grande Brasil.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu tive o prazer de participar, na semana passada, da apresentação que o ministro Sérgio Rezende fez, no Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, do Plano de Ciência e Tecnologia para o triênio 2007/2010. E posso dizer aos cientistas e aos pesquisadores aqui presentes que poucos presidentes tiveram

o prazer ou tiveram a satisfação que eu tive de assistir, possivelmente, ao mais bem elaborado plano para a ciência e tecnologia neste País, fundamentado tecnicamente, sustentado economicamente, porque serão, aproximadamente, 41 bilhões de reais que vamos investir.

E, pela primeira vez também – quando eu falo pela primeira vez, não assustem, não – porque pela primeira vez os pedágios ficaram baratos, ontem, neste País. Não se assustem, eu vou continuar falando. Pela primeira vez, nós conseguimos apresentar um plano de ciência e tecnologia que não era um rompante intelectual de um ministro da ciência, não era alguém que pensou, elaborou e apresentou para que os cientistas engolissem aquele plano como se fosse a verdade absoluta do Brasil.

O Sérgio Rezende teve dois compromissos. Primeiro, juntar todos os ministros do governo que tinham alguma coisa a ver com ciência e tecnologia para que cada ministro desse a sua contribuição e se sentisse cúmplice pela elaboração desse programa de ciência e tecnologia. E, ao mesmo tempo, teve a sensatez de ouvir a sociedade. Lamentavelmente, uma parte da classe política, ao longo da história do Brasil, não percebeu a sabedoria infinita e superior de Deus quando criou o ser humano. Na sua sabedoria científica, ele fez apenas uma boca para a gente falar, mas ele fez duas orelhas para a gente escutar. Era um sinal: ouçam mais do que falem, e aí vocês vão perceber que vai ficar muito mais fácil governar.

Eu estou dizendo isso, Paulo e o nosso presidente, eu estou dizendo isso, José Alencar, porque eu fiz uma reunião em que falaram 12 pessoas, alguns cientistas, alguns ministros, e olha que não são pessoas fáceis, eu diria, com facilidade para discutir, ou seja, são pessoas que cobram muito. Eu saí de lá convencido de que o Sérgio Rezende tinha sido um mestre na coordenação desse processo, porque os 12 oradores que falaram nesse encontro, ou deram sugestões para que a gente aprimorasse o programa, ou elogiaram o programa como o mais bem elaborado no Brasil para a área de ciência e tecnologia.

Eu quero, na frente dos cientistas brasileiros, aqui, Sérgio, te dar os parabéns. Porque as coisas saem ruins, a gente cobra, a gente xinga, a gente fica perturbando, mas quando as coisas saem boas, a gente é obrigado, com muita humildade e compreensão, a dizer parabéns pelo trabalho extraordinário que você fez e pelo que vocês contribuíram na apresentação desse programa.

O companheiro Paulo Bernardo está aqui, é o companheiro do Orçamento. É o companheiro que, no final das contas, é que manda a emenda para o Congresso para eu assinar para liberar ou não o dinheiro. E eu queria dizer para vocês uma coisa. Tem gente que acha que 40 bilhões é pouco, que poderiam ser 50, que poderiam ser 60. O fato concreto é que num País que ficou tanto tempo desabitado a gastar dinheiro em pesquisa, em investimento em ciência e tecnologia, não adianta ter um montante de dinheiro, porque nós não podemos inventar pesquisas, nós precisamos ter os projetos bem elaborados daquilo que a gente vai pensar.

De uma coisa eu quero que os cientistas e os pesquisadores brasileiros tenham clareza: nunca mais neste País, dinheiro para pesquisa, dinheiro para a ciência será tratado pelo ministro do Planejamento ou pelo ministro da Fazenda como se fosse: “Ah, eu não vou dar dinheiro porque vai gastar muito o Ministério”. Gastar é aquilo que nós vimos, antes de ontem à noite, um preso custando quase 2 mil reais por mês na cadeia, enquanto um trabalhador ganha 400 reais por mês, ganhando o salário mínimo. O que a gente investir em pesquisas, a gente está investindo em esperança. E quando a gente vende esperança, a gente passa otimismo; e quando a gente passa otimismo, as pessoas que virão depois de nós começarão a acreditar que nós estamos deixando para eles um mundo melhor do que aquele que nós recebemos dos nossos pais.

Eu quero dizer a todos vocês, que é com muita alegria, mas com muita alegria, que eu posso afirmar que este País finalmente compreendeu que ou nós investimos o que temos e, às vezes, até o que não temos, em ciência, em pesquisa, em tecnologia, ou o Brasil perderá, no século XXI, todas as chances que perdeu no século XX. Eu não quero passar para a história como o presidente que contribuiu para o País não avançar. Eu quero passar para a história como o presidente da República que reconheceu e fez o que era necessário para que este País, definitivamente, entrasse na era do conhecimento, não apenas para vendê-lo, mas para produzir os seus efeitos aqui dentro.

Que Deus abençoe todos os premiados, os familiares e você, Sérgio Rezende, pelo extraordinário trabalho produzido.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa Social: Direitos de Cidadania – Criança e Adolescente

Brasília – DF, 11 de outubro de 2007

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,
Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,
Tarso Genro, da Justiça,
Fernando Haddad, da Educação,
Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,
Orlando Silva, do Esporte,
Luiz Antônio Souza, interino da Integração Nacional,
Luz Dulci, da Secretaria-Geral,
Matilde Ribeiro, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,
Companheiros e companheiras deputados e deputadas que estão aqui presentes,

Minha querida companheira Marisa,

Minha querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Carlos Henrique Almeida Custódio, presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos,

Carmem Oliveira, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente,

Senhora Silvana Galina, presidente do Fonacriad,

Senhora Taíza Lima, representante do Serviço Federal de Processamento de Dados,

Senhora Karine Wernz, gerente de Cidadania Empresarial do Banco do Brasil,

Nosso querido companheiro Marcos Frota,

Nosso companheiro Roberto da Silva,

Meu querido companheiro Moisés,

Meus amigos,

Minhas amigas,
Adolescentes, crianças, pais, avós,
Companheiros e companheiras,

Eu queria primeiro pedir para o Roberto, se estiver aqui ainda, e para o Moisés, virem aqui para perto de mim. Vocês tiveram, na apresentação inicial, a vida do Moisés, que fez um pronunciamento. Vinte e seis anos de idade, ex-interno da Febem e, hoje, vigilante. Portanto, eu não vou dizer o que o Moisés passou. Vocês viram também a vida do nosso companheiro Roberto, ex-interno da Febem, em São Paulo, e hoje professor da USP. Eu, que não estive interno nem na Febem e nem em outro lugar, estive interno na minha casa apenas, hoje presidente da República.

Paulinho, com todo o carinho aos companheiros que trabalharam nas informações, eu não gostaria de ler o meu discurso, porque tudo que está no meu discurso já foi dito pelos companheiros que me antecederam, pelas medidas que eu assinei aqui e, portanto, eu queria me dirigir um pouco à juventude que está aqui presente.

Amanhã é Dia da Criança. Nós somos educados de que o Dia da Criança é um dia para as crianças ganharem presentes. Eu não sei quantos presentes você ganhou quando era criança. O meu primeiro presente fui eu mesmo que comprei, aos 17 anos de idade. Naquele tempo, a gente chamava bola de capotão e, como eu não podia comprar uma bola de capotão, comprei uma bola de borracha que, quando bateu no primeiro espinho, furou. O meu segundo presente foi aos 18 anos de idade, já com o meu salário. Comprei uma bicicleta, que era um sonho que eu tinha, uma bicicleta velha. Essa desgramada dessa bicicleta tinha um problema na corrente, eu dava duas pedaladas e tinha que descer para consertar a corrente da bicicleta. Eu passava mais tempo ajoelhado, tentando consertar a corrente, do que andando de bicicleta.

Eu estou dizendo isso porque amanhã é o Dia da Criança e muitas crianças, certamente, irão ganhar presentes. Outras crianças não irão ganhar presentes e, certamente, isso não pode e não deve mudar a vida das pessoas. Eu me lembro de um dia, Roberto e Moisés, eu morava em Vicente de Carvalho, entre Santos e Guarujá, era um bairro muito pobre e naquele tempo

a prefeitura dava presentes. Eu me lembro que a minha mãe, lá pelas 6h da manhã, pegou na minha mão e fomos para a prefeitura, para esperar o presente. Naquele tempo tinha uns carrinhos de corda, daqueles que nem abridor de lata, que você dava um pouquinho de corda, o carrinho andava meio metro, e já era uma maravilha do mundo. Eu sonhava com um carrinho daqueles. Nós ficamos até as 2h da tarde na fila e, quando chegou a minha vez, simplesmente minha mãe foi comunicada que tinha terminado os presentes.

Aquilo não mudou a minha vida e não mudou por quê? Porque para superar essa coisa material que tanto agrada a gente – agrada por um dia, por uma semana, porque depois os brinquedos ficam jogados num canto, quebram – para superar tudo isso é preciso uma palavra mágica, na verdade, duas palavras mágicas: carinho e afeto. É a gente saber que dentro de casa a gente tem muito carinho, muito afeto e muita compreensão entre a nossa família. O exemplo está aqui neste palco.

Eu sei que muitas meninas que estão aqui, muitos meninos, podem chegar às suas casas, hoje, e podem até ter desavenças entre o pai e a mãe. Alguém poderá estar desempregado, poderá ter problema financeiro dentro de casa, as pessoas não estão bem na escola e começam a ficar desesperadas. O que é sagrado é o exemplo destes dois jovens aqui. Eles tinham tudo para não dar cento. Todo ser humano nasce com um diabinho puxando a gente para fazer coisa ruim, de um lado, e um anjo puxando a gente para fazer coisa boa, do outro. Muitas vezes, a gente cede para aquele que oferece mais facilidade para a gente e, certamente, a droga oferece facilidade, porque ela te oferece o esquecimento dos problemas quando, na verdade, você não tem que esquecê-los, você tem que enfrentá-los, derrotá-los e se tornar um vencedor nessa luta cotidiana de cada um de nós.

Então, certamente a coisa ruim puxou o Moisés para um lado, e quem era o anjinho dele? Vocês viram a cara da mãe dele, a cara de uma mulher sofrida mas, ao mesmo tempo, uma mistura de sofrimento com uma mulher vitoriosa, porque ao invés de ficar desesperançada com o filho que tinha, que tinha procurado nas drogas a vida fácil, ela foi à luta para recuperar aquele que tinha saído de dentro da sua barriga e que, portanto, ela tinha responsabilidade sobre ele, não deixou apenas para o Estado cuidar. Certamente, mais do que

qualquer coisa que o Estado fez, foi o apego da mãe deste menino, e quem sabe, ele ficou apaixonado por aquela menina. Essas duas coisas motivaram o Moisés a dizer: “Eu não vou ser vencido pela droga, eu não vou ser derrotado pela polícia, eu vou vencer e vou vencer pelo amor da minha mãe, pelo amor da minha mulher, pelo amor da minha vida, e porque eu quero ser um brasileiro decente”. Essa é uma coisa marcante que pode ser contada para vocês como eu estou contando, porque, certamente, vocês conhecem pessoas, como o Moisés, que se levantam de manhã resmungando que nada dá certo, que a vida não presta, que o pai não está dando o que elas precisam, que não tem o presente que elas precisam, que não têm nada. Há sempre uma razão para a gente reclamar, mas haverá sempre uma razão maior para a gente vencer o desânimo e vencer na vida.

Por isso, eu queria render as minhas homenagens a este companheiro que muito cedo resolveu enfrentar a adversidade e hoje, com muito orgulho, apresenta o seu crachá de vigilante. Quem sabe, daqui a alguns anos, como eu, estará apresentando a sua faixa de deputado, de senador, de governador, até de presidente da República, de engenheiro ou de uma coisa muito mais importante. O importante, meu filho, é não parar. Eu posso te dizer uma coisa: o lado bom é infinitamente melhor do que o lado ruim que, muitas vezes, parece ser fácil para nós. Não tem coisa fácil na vida humana, nós temos que vencer cada minuto, cada segundo, cada obstáculo, vencer cada adversidade para a gente poder dar razão à coisa mais extraordinária que Deus criou, a nossa vida. Meus parabéns, meu querido, e parabéns à sua mãe, esta santa vencedora.

O Roberto nasceu com tudo que uma criança – neste País de algum tempo atrás, porque está melhorando – nasceu com tudo para não dar certo. Nasceu moreno, na verdade nasceu um negrão simpático. Eu imagino que quando criança era um negrinho muito bonito, gordinho, cheio de graça. Este homem, por razões que não são apenas econômicas... É importante lembrar que não são apenas as razões econômicas que levam uma família a desandar, que levam uma família a um processo de desagregação, porque se fosse assim minha mãe não teria criado oito filhos na maior miséria do mundo. Tem outra coisa mais forte do que a questão econômica que, na minha opinião, é a falta de harmonia entre a família, é a desagregação da estrutura da família, às

vezes o álcool, às vezes a brutalidade e, muitas vezes, causados pelas questões econômicas.

Este menino foi tirado de casa aos dois anos de idade. A ignorância do Estado achou que podia cuidar dele. Este menino tinha que escolher se apanhava com cassetete de borracha, se apanhava com cassetete de madeira ou se apanhava com corrente de motor. Aos 12 anos de idade ele tinha que escolher: “Você quer cassetete de borracha, quer cassetete de madeira ou você quer corrente?” E ele disse que preferia o cassetete de madeira porque não deixava marcas. Ele ainda queria apanhar. Não é que ele quisesse. Apanhar ele apanharia, querendo ou não querendo, mas ele escolhia o instrumento que iria fazê-lo sofrer. O que aconteceu com este moço? Ele poderia ter piorado, ele poderia ter virado um marginal, ele poderia ter ficado mais violento. Mas, em algum momento da vida dele, a coisa boa dentro dele venceu qualquer outra adversidade e fez este menino ir para a escola estudar. Hoje, talvez, qualquer diploma é bonito, mas o diploma de um negro que nasceu na miséria, abandonado aos 2 anos de idade, que virou doutor na universidade de São Paulo, é um diploma mais valioso do que muitos outros diplomas que são tão iguais neste País.

Pois bem, o que eu estou dizendo aqui é para passar uma mensagem para vocês. E eu vou passar essa mensagem enquanto eu puder passá-la. É que a vida é a coisa mais sagrada que o ser humano tem, a vida é a coisa mais extraordinária e, portanto, nós precisamos vivê-la com alegria, com prazer, com satisfação, praticando todo dia gestos de bondade e solidariedade, gestos de companheirismo. Os adolescentes deste País, por pior que seja a sua situação, precisam acreditar que serão capazes de vencer, como estes dois venceram, não podem se entregar. Se não estão bem na escola, vamos estudar, se não estão bem, vamos dedicar uma hora.

Eu não estou pedindo para as crianças passarem o dia inteiro deitadas numa cama com um livro, lendo, não. Podem brincar, relaxem, namorem, mas dediquem algumas horas para estudarem a sério, porque o que vocês não estudarem agora, vocês vão se arrepender quando estiverem mais idosos, quando vocês precisarem procurar o mercado de trabalho. Essa é a idade mais extraordinária da vida humana, entre 15 e 25 anos. A gente pode tudo, a gente tem saúde para tudo, a gente não pensa em morte, a gente não pensa em

dissabor, a gente não pensa em velhice, a gente não pensa em doença, a gente não pensa em nada. Às vezes, a gente não quer nem estudar, às vezes a gente não quer fazer nada sério porque a vida é muito boa. Ah, se a vida fosse só facilidades! Mas, para que a gente colha uma média, da vida inteira, de qualidade, é preciso que a gente aproveite cada etapa da vida. E tem uma etapa, que é a dos adolescentes, que é a de vencer as adversidades. Imaginem, vocês, quantas pessoas podem se espelhar nestes dois companheiros.

Eu quero dizer para vocês que não existe espaço para a gente fracassar. Se eu tivesse que desistir da vida a cada derrota que eu sofri na vida, eu não estaria aqui. A cada derrota que eu tinha, Roberto, cada coisa de ruim que me acontecia, cada coisa que parecia que o mundo ia acabar, era uma razão a mais para eu levantar a cabeça e lutar um pouco mais. Eu perdi três eleições para presidente da República. Qualquer outro teria abandonado a vida política. Eu entendia que eu ia chegar lá, era preciso lutar. A cada vez eu que eu perdia, eu criava mais coragem, eu me animava muito mais, eu viajava muito mais. Eu cheguei aqui e sei de onde eu vim, sei o que eu passei. É por isso que nós precisamos aproveitar esse mandato para a gente construir as coisas que precisam ser construídas. Nós não vamos recuperar os prejuízos causados a este País em apenas quatro ou oito anos, vai levar algumas décadas para a gente recuperar. O que é importante é que a gente faça juntos, o que é importante é que a gente construa juntos. O que é importante é que vocês olhem para o governo e percebam que o governo não vai resolver todos os problemas, mas o governo não é alheio aos problemas de vocês. O governo não quer ser pai nem mãe, o governo quer ser apenas o indutor de políticas públicas que possam ser aquela esperança, que possam ser aquela chance que vocês esperam na vida.

Meu querido companheiro Paulinho Vannuchi, mas uma vez eu quero te agradecer, agradecer à sua equipe, agradecer aos Ministérios que estão interagindo com a Secretaria dos Direitos Humanos, para dizer para vocês: Obrigado, Paulinho. Nós ainda não fizemos tudo, temos muita coisa para fazer mas, certamente, se todo mundo tivesse feito pelo menos o que nós estamos fazendo, o Brasil não teria tanta gente sofrendo neste País.

Muito obrigado, feliz Dia da Criança, e que Deus abençoe todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 16º Salão Internacional do Transporte –
Fenatran**

São Paulo - SP, 14 de outubro de 2007

Meus companheiros ministros Miguel Jorge, do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio Exterior; Luiz Marinho, da Previdência Social; Franklin
Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Meu caro Waldir Agnello, presidente em exercício da Assembléia
Legislativa de São Paulo,

Senador Eduardo Suplicy,

Deputado Walter Ihoshi,

Senhor Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

Senhor Luiz Carlos Bueno de Lima, secretário nacional de Transporte e
da Mobilidade Urbana,

Senhor José Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado Feira
de Negócios,

Senhor Geraldo Vianna, presidente da NTC Logística,

Senhor Jackson Schneider, presidente da Anfavea,

Senhor Juan Pablo De Vera, presidente da Reed,

Senhor José Lopes Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos,

Senhoras e senhores expositores,

Meus amigos e minhas amigas,

Meus companheiros e companheiras,

Eu ouvi atentamente o pronunciamento das pessoas que vieram a esta
Feira da Fenatran e, nesses quase cinco anos de governo, eu já participei de



muitas feiras aqui, dos mais diferentes setores da atividade econômica, já ouvi muitos discursos, também já fiz muitos discursos, e hoje, mesmo que eu não falasse nada, nós notamos, nos discursos, que as coisas mudaram. E mudaram, não por que mudou o presidente. Mudaram porque o Brasil, definitivamente, está encontrando o seu caminho. Um caminho que, durante décadas e décadas, o Brasil deu sinais de que ia dar um salto de qualidade e esse salto de qualidade nunca era um salto. Era, quando muito, um pulinho em que o País voltava à normalidade da mediocridade um mês depois do anúncio dos grandes ou dos megas planos.

O que nós estamos colhendo hoje não é mérito do governo apenas. É mérito do governo, é mérito dos empresários, é mérito dos trabalhadores, é mérito de cada um dos 190 milhões de brasileiros, é mérito daqueles que escreveram favoravelmente na imprensa, como é mérito também daqueles que escreveram contra na imprensa. É essa diversidade de pensamento e de comportamento que constrói uma verdadeira democracia. O que nós estamos colhendo é resultado do que foi plantado em 2003. Em 2003, quem lida com economia neste País, quem lida com a indústria neste País, sabe que o arrocho que nós fizemos em 2003 não foi coisa pequena. Foi uma dose de morfina que quase exageramos, porque era a única possibilidade que nós tínhamos de recuperar um paciente que há mais de duas décadas e meia dava sinais de não ir para frente. Era preciso construir dentro deste País uma política econômica dura que não fosse nenhuma mágica, mas que fosse feita com a seriedade necessária para conquistar os espaços que nós conquistamos, a credibilidade interna e externa que nós conquistamos, e é exatamente por isso que hoje nós podemos começar a mudar o padrão de governabilidade deste País.

Não foi o pedágio, o pedágio é o resultado. Uma coisa é você fazer leilão quando o paciente está moribundo, quando o paciente está agozinante, em que os oportunistas, imaginando que não tem salvação, oferecem propostas



abusivas e quem está moribundo não tem direito de reagir. Desta vez os leilões foram feitos num país com economia totalmente estável, um país dando passos extraordinários para consolidar um novo ciclo de desenvolvimento que, se depender de mim, será longo. Então, o País pode precisar regras, que talvez em outros momentos não puderam colocar, pudemos abrir para a participação de empresas estrangeiras, até porque era importante para a gente nivelar a boa intenção dos participantes dos leilões. Cansei de ouvir críticas, cansei de ouvir gente dizer que não ia acontecer mais o leilão, cansei de ouvir gente dizer que não ia dar certo, cansei de ouvir gente dizer que tinha sido um fracasso e, por último, pessoas dizerem que não iam aparecer empresas para participar do leilão.

O que aconteceu, de fato, é que Miguel Jorge tinha vindo comigo de uma viagem ao exterior, onde fomos à Finlândia, à Dinamarca, à Noruega, à Suécia, e depois fomos à Espanha fazer um trabalho sobre o PAC. Quando eu voltei, numa reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, eu chamava a atenção dos empresários que estavam presentes naquele evento, de que havia uma falta de sintonia entre o que eu ouvia no exterior sobre o Brasil e o que eu ouvia no Brasil, dos brasileiros. Havia uma falta de sintonia entre a crescente credibilidade, o crescente otimismo, os elogios mais eufóricos possíveis à economia brasileira, que a gente ouvia de todos os empresários, em todos os países em que nós fomos apresentar o PAC, apresentar o Programa do Etanol, apresentar o Programa do Biodiesel, porque um país que quer ocupar um espaço na geografia comercial do mundo não fica de braços cruzados sentado numa cadeira, esperando que os nossos competidores deixem que a gente ocupe esse espaço.

Hoje, num mundo globalizado, num mundo tecnologicamente competitivo, o Brasil não pode deixar um milímetro de espaço vazio, porque sempre haverá alguém para ocupar aquele espaço. É por isso que nós temos que andar, cada vez andar mais, e não apenas para os países ricos. Eu estarei



viajando daqui a pouco a Burkina Faso, que é o país mais pobre da África, a Angola, ao Congo e à África do Sul, para vender as coisas que o Brasil produz e para fazer parcerias com esses países, porque também não podemos ficar brigando apenas com os mercados já realizados, como o mercado europeu ou o mercado americano. Nós temos que procurar o mundo que está aí, à disposição de quem lhe oferecer os melhores produtos, com melhor qualidade e com melhor preço, e nisso o Brasil tem total condição de competir e vencer qualquer país que venha competir conosco.

Agora, para isso é preciso ter coragem, para isso é preciso colocar o pé na estrada, para isso é preciso viajar, para isso é preciso mostrar aquilo que nós produzimos, porque de vez em quando, lá fora, pensam que o Brasil é só carnaval, futebol e criança de rua. Não sabem que o Brasil tem uma indústria automobilística capaz de produzir obras como esses caminhões que nós vimos aqui hoje. Não sabem que nós temos uma Embraer, não sabem que nós temos empresas de ponta, que podem competir com qualquer outra. Porque, lamentavelmente, nós temos um agrupamento no Brasil que prefere fechar os olhos ao que está acontecendo no Brasil e ficar acendendo coisa negativa. Agora mesmo é se paga CPMF ou se não aprova a CPMF. Qualquer cidadão de bom senso sabe que neste País, desde que eu tomei posse, não se aumentou um único imposto, a não ser o IPI, sobre importação, a pedido dos empresários. A carga tributária cresce, sim, mas ela cresce, e os companheiros sabem, porque graças a Deus tem crescido de forma extraordinária o lucro das empresas brasileiras. Por isso o Feijóo está aqui fazendo discurso, e não houve um único protesto do Feijóo, nem tampouco o China hoje fez crítica, porque sabe que melhorou a coisa para ele.

Mas nós precisamos ter consciência de uma coisa. Tem que haver uma combinação perfeita entre aquilo que é intenção dos empresários, aquilo que é intenção do governo e dos trabalhadores, para que a gente possa construir definitivamente este País para se transformar numa grande nação, sendo uma



grande potência econômica. Eu estou convencido de que isso vai acontecer. Por isso, a indústria automobilística vai ser chamada para negociar outra vez, e nós não queremos ficar discutindo, porque desde 1975 eu convivo com a indústria automobilística. A indústria automobilística, vira e mexe os pátios estavam cheios de carro, vira e mexe, alguém dizia “ a indústria automobilística está enchendo os pátios de carros para o Lula fazer greve, para eles poderem conseguir o aumento que o governador quer”. Vivi isso durante todo o final da década de 70, e o Marinho e o Feijóo viveram toda a década de 80.

Hoje nós estamos vivendo que situação? Primeiro, a indústria automobilística brasileira tem que ter uma definição a partir das suas matrizes, de que o Brasil não pode ser tratado como um país secundário. Este País tem condições de produzir 5, 5 milhões e meio, 6 milhões de automóveis. Da parte do governo, nós vamos fazer, Schneider, o que estiver ao nosso alcance para que o Brasil possa se transformar num dos maiores países produtores de carro do mundo. Não tenha dúvida disso. Quando eu voltar da África, eu não posso nem falar em puxar a sua barba porque você não tem, mas a minha será colocada na mesa para que a gente construa essa nova indústria automobilística para servir de exemplo para o mundo e para o Brasil.

Ademais, é preciso combinar esse crescimento com política social. Ninguém, em sã consciência, dormia tranquilo, quando este País crescia, em 1973, a 14,3% ao mês e, lá fora, jovens abandonados, crianças passando fome, pessoas morrendo de fome. Nós não queremos repetir isso. Nós queremos que haja um crescimento da economia, crescimento do crédito, controle da inflação, crescimento da indústria, geração de empregos, mas também nós queremos estender a mão para aqueles que não tiveram oportunidade na década passada, para que eles venham junto e conquistem o início de uma cidadania. A partir dessa cidadania, ele vai se tornar um profissional e, tornando-se um profissional, vai fazer parte da sociedade que nós, juntos, estamos construindo.



É importante ficar muito claro. Nós temos três anos e dois meses de mandato, e eu dizia para vocês: não jogarei fora essa oportunidade. Farei o sacrifício que tiver que fazer, mas vamos transformar este País numa nação respeitada lá fora e respeitada aqui dentro, uma nação que possa garantir que todos nós... eu sei que o povo não vai vir aqui, mas eu acho que tem muitos presidentes no mundo, não é que tenham inveja do Brasil, mas que, no fundo, no fundo, desejariam ser presidente do Brasil, porque lá pode ter um país que tenha mais riquezas do que o nosso, pode ter um país que tenha não sei o quê mais do que o nosso, mas eu duvido que tenha um país que produza caminhões mais bonitos do que esses e de mais qualidade. Pode produzir igual, agora, por mais que ele produza um caminhão, não tem país que tenha o povo extraordinário que tem este País, e vocês, empresários, sabem que se tem uma vantagem comparativa no que eu estou falando, é a criatividade e a capacidade do trabalhador brasileiro, que é imbatível, e eu tenho ouvido isso de todas as empresas multinacionais atuantes no Brasil.

Quero dizer aos empresários e aos trabalhadores que está faltando cimento no País, está faltando vergalhão, está faltando pedreiro, está faltando engenheiro, está faltando geógrafo. Não sei se para o lado da imprensa está faltando jornalista, não sei. O dado concreto é que hoje nós estamos vendo o que aconteceu durante 26 anos neste País, em que a economia esteve atrofiada, em que a gente não formou sequer a quantidade dos profissionais que precisavam ser formados. Não tem navios hoje no mundo para transportar todas as cargas que precisam ser transportadas, e isso exige de nós muito mais competência do que nós tivemos até ontem.

O que eu queria desafiar vocês é que uma nação só cresce quando a gente acredita nela, só cresce quando a gente se levanta todo dia de manhã dizendo: eu vou fazer acontecer, eu vou fazer dar certo, eu vou comprar, eu vou vender. Se nós nos levantarmos todos os dias: “Ah, boa é a Alemanha, bons são os Estados Unidos”, sempre com inveja do que acontece nos outros



lugares e não projetarmos a nossa nação, nós vamos ficar um tempo mais sendo um país de economia eternamente emergente.

Eu já tenho 62 anos de idade, já aprendi muita coisa na vida e a coisa que eu aprendi, mais recente, depois de lançar o PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, eu me convenci de que nós encontramos o caminho e que esse caminho não tem retorno. A indústria automobilística aprendeu. Bastou aumentar um pouquinho o tempo que o cidadão pode ter para pagar um carro, que todo mundo quer ter carro. Tem três coisas que todo mundo quer: todo mundo quer ter uma casa própria, todo mundo quer ter uma namorada e todo mundo quer ter um carro. A casa, precisa-se de dinheiro, a namorada precisa ter charme, e o carro precisa ter dinheiro. Ora, deles, o carro é o mais barato, foi preciso apenas fazer com que a prestação coubesse dentro do holerite do cidadão que vive de salário.

Agora, a renovação dos caminhões. Senhores empresários, fabricantes de caminhões: ou nós pensamos num plano para renovar a frota de caminhões, e aí vocês podem até, num primeiro momento, deixar de se preocupar com o crescimento das exportações, porque o mercado interno vai absorver durante muito tempo a capacidade produtiva instalada neste País, ou nós pensamos em como fazer um caminhão que custa 350 mil reais, 400 mil reais, 200 mil reais... não é para qualquer um comprar, parece impossível. Mas primeiro, o cidadão tem um pequeno patrimônio que é o seu caminhão já usado e que ele pode dar de entrada. Vamos ver se a gente vai cuidar do desmanche desse caminhão. Segundo, se essa prestação couber dentro do ganho mensal dele, posso dizer a vocês, se eu bem conheço este País, que vocês vão ter uma surpresa extraordinária com a vontade que os caminhoneiros autônomos têm de trocar de caminhão. Aí sim, eu acho que nós poderemos, Schneider, introduzir não apenas a renovação da frota, mas começar a introduzir a renovação da frota de caminhão com a renovação de um combustível, um combustível menos poluente, mais gerador de empregos, mais



desenvolvimentista para as regiões mais pobres deste País. E o que é mais importante, nós vamos perceber que o Brasil não está precisando seguir os passos da matriz europeia, de precisar ter o Euro-4, o Euro-5, ou o Euro-6. Como eles não criaram o biodiesel, como nós estamos criando, para cada Euro que eles criarem nós aumentamos 5% de biodiesel e vamos jogar menos CO2 na atmosfera do que eles jogam com esses instrumentos novos que aumentam o preço do carro e não resolvem o problema da poluição.

Quero terminar dizendo para vocês: nós vamos construir, estou convencido disso, a mais forte parceria que este País já viu entre governo, trabalhadores e empresários, porque o governo é passageiro, os empresários e os trabalhadores são praticamente infinitos. Se vocês estiverem bem e o governo for apenas o indutor dessa boa política, no fundo, no fundo, todos nós sairemos ganhando, e quem ganha mais é o Brasil.

Meus parabéns a todos que organizaram esta Feira, e quero dizer para vocês que saio daqui para viajar com o sentido duplamente honroso e orgulhoso de saber que eu presido um país que tem a competência de organizar uma feira como esta, com indústrias que têm competência de produzir máquinas como estas.

Muito obrigado, bons negócios e boa Feira para vocês.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da Semana do Cinema Brasileiro em Ouagadougou

Ouagadougou – Burkina Faso, 15 de outubro de 2007

Senhor Ministro da Cultura, do Turismo e da Comunicação e Porta-Voz do governo do Burkina Faso,

Companheiros ministros brasileiros que me acompanham nesta viagem, Embaixador Luiz Fernando, embaixador do Brasil em Burkina Faso,

Senhor diretor do Festival Pan-Africano de Cinema de Ouagadougou,

Meu caro Aníbal Massaíni, diretor do filme “Pelé Eterno”, que abre esta Semana do Cinema Brasileiro,

Companheiro Milton Gonçalves, ator brasileiro,

Meus amigos e minhas amigas de Burkina Faso,

Inaugurar a Primeira Semana de Cinema Brasileiro em Ouagadougou tem um significado especial. Aqui se realiza uma das mais importantes mostras de cinema africano. Há vinte anos o Festival Pan-Africano de Cinema vem revelando talentos e apresentando a realidade da África ao mundo.

O cinema brasileiro abre-se cada vez mais para o público internacional. É assim um privilégio que alguns dos nossos filmes possam ser vistos nesta cidade, que é a capital do cinema africano.

Os filmes que serão projetados aqui revelarão as complexidades da sociedade brasileira, os desafios de uma nação ainda em formação, e as aspirações do povo alegre, curioso e aberto ao mundo.

Os filmes selecionados neste festival, “Pelé eterno”, “Macunaíma”, “Cafundó”, “Atlântico negro: Na Rota dos Orixás” e “Quase dois irmãos”, apresentam esse Brasil rico, diverso e colorido. Retratam um país que muito deve à miscigenação de povos e raças. Ajudam a decifrar uma cultura, um modo de ser e de se expressar fortemente marcados pela herança africana.

Estou certo de que muitos espectadores de Burkina Faso se reconhecerão nos filmes que compõem esta pequena seleção.

Temos aqui dois convidados especiais para esta Semana. O diretor Aníbal Massaíni, do filme “Pelé Eterno”, vem de uma família de tradicionais produtores de cinema no Brasil. E Milton Gonçalves, um querido ator presente na nossa cena cultural desde os anos 60, quando floresceu o movimento brasileiro do Cinema Novo e a renovação de nosso teatro.

Essa mostra é apenas o primeiro passo que estamos dando para estreitar a colaboração cultural entre Burkina Faso e o Brasil.

Estou seguro de que a Semana do Cinema Brasileiro irá provocar a curiosidade e o interesse da platéia em conhecer não apenas outros filmes, mas também outras manifestações artísticas brasileiras. E posso assegurar que, no Brasil, estaremos esperando a oportunidade de conhecer o cinema de Burkina Faso e todos os encantos que ele revela da gente e da cultura deste belo país.

Meu caro ministro da Cultura de Burkina Faso,

Meu caro ministro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Meus amigos e minhas amigas,

Esta mostra do cinema brasileiro em Burkina Faso pode ter um desenlace que nenhum de nós ainda pode ter a dimensão do que pode acontecer. Não existe nada na humanidade que estreite as relações entre os povos, que aumente a nossa relação de amizade e que faça com que nos conheçamos muito melhor do que a cultura.

Em se tratando de cinema, vocês, meus amigos e minhas amigas de Burkina Faso, irão ver algumas coisas extraordinárias. Irão ver “Macunaíma”, que é uma das obras-primas do cinema brasileiro. Irão ver o Grande Otelo ainda muito jovem, o Milton muito jovem. E eu penso que vocês terão contato direto, através do filme, com uma das realidades brasileiras.

Para quem gosta de futebol, assistir “Pelé Eterno” não é apenas ver um filme sobre um jogador de futebol. Eu digo isso porque já assisti umas quatro vezes, e cada vez que assisto, sinto vontade de assistir outra vez porque é a amostra inigualável, não de um jogador, mas de um gênio, de um homem que fazia com a bola e com os pés aquilo que muitos de nós não consegue fazer com os dois pés e com as duas mãos.

No Brasil, a gente dizia que iria demorar um século para aparecer um outro Pelé. E eu fico pensando quantos séculos teremos que esperar para que

surja um outro atleta como Pelé. E qual é a minha tristeza? É que eu não poderei viver mais um século para ver surgir um outro Pelé. Portanto, eu assisto muitas vezes o mesmo filme, para saber se um dia, aos 70 ou 80 anos, conseguirei fazer pelo menos uma jogada que ele faz.

Certamente vocês estão em casa. Não tem Flamengo, não tem esse time que você torce, Celso, você torce para o Palmeiras. Mas vocês estarão em casa porque esse povo de Burkina Faso, embora fale francês e não português, a alma deles, o jeito deles, o sorriso deles é o jeito dos brasileiros e brasileiras que nós conhecemos tão bem.

Espero, Celso, e espero, Ministro da Cultura de Burkina Faso, que a nossa resposta seja imediata e organizada, que possamos promover o cinema de Burkina Faso e o cinema africano no Brasil, porque será bom para nós e será bom para a África.

Muito obrigado e boa semana.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura do Encontro Empresarial, em Burkina Faso

Ouagadougou – Burkina Faso, 15 de outubro de 2007

Com satisfação participo deste encontro empresarial. Empresários e representantes de governo podem e devem explorar as oportunidades de negócios que se abrem para dois países que começam a se conhecer melhor.

Os laços históricos e culturais com a África nos aproximam de Burkina Faso e nos fazem trilhar caminhos comuns na luta para superar os desafios do desenvolvimento em um mundo de profundas desigualdades.

Ao assumir o governo brasileiro, em 2003, dei prioridade à aproximação com nossos irmãos africanos e com os países da América Latina.

O potencial de crescimento dos países em desenvolvimento abre possibilidades excepcionais para a cooperação, o comércio e os investimentos Sul-Sul.

Visitei 18 países deste continente, sempre acompanhado de meus ministros e de expressivas delegações empresariais. Graças a essas viagens, à multiplicação de missões técnicas e à abertura de numerosas embaixadas na região, lançamos uma nova etapa nas relações entre África e Brasil.

O presidente Compaoré foi o primeiro chefe de Estado africano a visitar o Brasil durante meu governo. Eu sou o primeiro presidente brasileiro a visitar Burkina Faso.

Senhoras e senhores empresários,

Sei que a economia burquinabesa está baseada, em boa medida, em atividades agropecuárias. O Brasil possui um agronegócio competitivo e moderno, líder nas exportações de produtos como café, soja, açúcar e carnes. Estamos dispostos a cooperar nessa área, por meio de investimentos e transferência de tecnologia. Queremos ajudar nossos irmãos aqui a



complementarem atividades típicas da agricultura de subsistência com outras que sejam mais rentáveis e produtivas.

Burkina Faso é o maior produtor africano de algodão, o principal produto de exportação do país. Podemos compartilhar nossa experiência na produção, escoamento e comercialização desse produto. Podemos mostrar como o setor do algodão superou crise gravíssima, que quase acabou com essa cultura no Brasil.

O acordo de cooperação técnica que assinaremos durante a visita dará a moldura necessária para a modernização do setor algodoeiro de Burkina Faso.

Nas negociações comerciais multilaterais, estamos juntos na luta contra os subsídios dos países ricos.

Burkina Faso, junto com Malí, Chade e Benín, atua na OMC em sintonia com o G-20, no combate aos subsídios aos produtores de algodão nos países desenvolvidos. Tais subsídios deprimem os preços do produto no mercado internacional e ferem diretamente a economia de países pobres da África. Por isso, a vitória brasileira no contencioso do algodão na OMC foi também uma vitória de Burkina Faso.

A aproximação entre nossos países já começa a se refletir no nosso comércio bilateral. Mas as cifras ainda estão muito abaixo do que podemos almejar. Devemos aprofundar o diálogo entre esta União Econômica e Monetária do Oeste da África e o Mercosul. Temos a oportunidade de multiplicar as vantagens comparativas de um espaço econômico integrado através do Atlântico.

A área monetária comum desse bloco africano oferece valiosas lições.

Confio em que os empresários brasileiros saberão aproveitar as oportunidades de negócios que se abrem no seu país e nesse mercado comum que se forjou no coração da África.



Podemos ajudar na implantação de uma nova matriz energética, que seja capaz de atender às necessidades econômico-sociais da África. É esse o sentido do compromisso que assinamos com a União Econômica e Monetária do Oeste da África, em matéria de biocombustíveis.

O etanol e o biodiesel são a alternativa energética para um Planeta ameaçado pelos efeitos da mudança climática e pela alta no preço do petróleo. Para países pobres, essa aposta representa geração de empregos e renda, autonomia energética e aumento de exportações.

Todos sabem do meu firme compromisso com o combate à fome e à pobreza. Jamais defenderia projetos que tirassem alimentos da mesa dos trabalhadores. O debate sobre a relação entre biocombustíveis e segurança alimentar é necessário, mas deve ser feito com critério. A experiência brasileira mostra que a produção de biocombustíveis não afeta a segurança alimentar. A cana-de-açúcar ocupa menos de 2% de nossas terras agricultáveis e se expande graças aos crescentes índices de produtividade.

O flagelo da fome no mundo não decorre da falta de alimentos, mas da falta de renda, inclusive para comprar alimentos. Se produzidos de forma adequada, os biocombustíveis podem gerar renda e contribuir para a segurança alimentar das famílias mais carentes.

Sei também que os empresários burquinabês têm interesse na experiência brasileira em sojicultura, pecuária e técnicas de irrigação. Estou certo de que há espaço para troca de informações e de experiências nessas e noutras áreas. Lembro que o Brasil já instalou em Gana escritório de seu centro de pesquisas agropecuárias, a Embrapa, para cooperar com os países da região.

A abertura da Embaixada do Brasil em Ouagadougou será fator adicional de estímulo a maiores contatos entre nossas comunidades empresariais. Contribuirá assim para aprofundar nossas relações no campo econômico-comercial.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Convido, portanto, os empresários dos dois países a examinarem as oportunidades que se apresentam. Tenho certeza de que neste encontro farão bons contatos e excelentes negócios. Todos ganharão - nossas economias, os empresários e, sobretudo, o povo de nossos países.

Quero desejar aos empresários de Burkina Faso e aos empresários brasileiros boa sorte neste encontro, e que os negócios frutifiquem para o bem do povo de Burkina Faso e para o bem do povo do Brasil.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Colóquio “Democracia e Desenvolvimento na África”, em Burkina Faso

Ouagadougou – Burkina Faso, 15 de outubro de 2007

Senhoras e senhores,
Meus amigos e minhas amigas,

É uma honra e uma alegria participar, a convite do presidente Compaoré, deste colóquio sobre democracia e desenvolvimento na África.

A África está em pleno ressurgimento. Desenha seu próprio destino. Quer deixar para trás uma história de desencontros e de conflitos provocados ou agravados pela herança colonial.

Com a Nova Parceria Econômica para o Desenvolvimento da África, os países do continente demonstram uma maturidade que revigora a democracia e planta as sementes do crescimento sustentável: transparência administrativa, fortalecimento institucional, proteção dos direitos humanos e prioridade governamental para a educação e a saúde.

A consolidação da União Econômica e Monetária da África Ocidental – com sede aqui, em Ouagadougou – sinaliza algo que nós, na América do Sul, também estamos experimentando. A integração regional, com a criação de um espaço econômico comum, é uma ferramenta indispensável no caminho do desenvolvimento.

Esses objetivos só se tornarão realidade se houver paz e segurança para todos. A União Africana está na dianteira das iniciativas regionais para superar tensões sociais, políticas e étnicas que, por décadas, frustraram as aspirações de todo o continente.

O Brasil apóia esse esforço. Demos apoio político e recursos logísticos e de pessoal às missões das Nações Unidas que ajudaram a construir a paz em Angola e em Moçambique. Por intermédio da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, contribuimos para a reconciliação e a consolidação da democracia em Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. Nos juntamos também

aos esforços da comunidade internacional em favor da estabilidade da República do Congo.

Nas sete viagens que fiz à África, em meu governo, estabeleci uma agenda de trabalho e de cooperação centrada na busca do desenvolvimento solidário e na promoção do bem-estar dos nossos povos.

Privilegiamos a democracia, o combate à fome, a promoção da saúde, a valorização da educação e o respeito ao meio ambiente. Buscamos construir sociedades menos desiguais. Liberdade política, com desenvolvimento e justiça, é a meta que deve unir e inspirar africanos e brasileiros.

A despeito dos avanços tecnológicos que a humanidade alcançou no século XXI, um grande número de homens, mulheres e crianças em todos os continentes ainda se defronta com os desafios históricos da pobreza, da negação de seu direito a oportunidades de vida e de emprego dignos.

Ainda nos deparamos com o exercício abusivo do poder em muitas partes. Vemos a incompreensão e a ausência de diálogo degenerarem em conflitos. Desperdiçam-se em armas recursos que poderiam estar ajudando a construir um mundo mais justo e solidário.

Precisamos moldar uma ordem internacional que responda aos anseios desta e de futuras gerações. Isso passa pela reforma e fortalecimento das instituições multilaterais.

A ONU precisa adaptar-se à realidade contemporânea. Cento e trinta dos 192 membros da ONU são da África, América Latina e Ásia. Esses países não estão adequadamente representados no Conselho de Segurança, onde muitas vezes seus destinos são traçados. É preciso corrigir urgentemente essa distorção.

Na OMC, estamos empenhados em que as negociações de Doha possam verdadeiramente merecer o nome de “Rodada do Desenvolvimento”. Com o apoio imprescindível de países africanos, o G-20 impediu que as potências industrializadas continuassem a ignorar nossas legítimas aspirações. Devemos continuar trabalhando juntos para garantir que nossos agricultores tenham a oportunidade de provar sua competência e competitividade no mercado internacional.

Os países africanos souberam exercer essa capacidade de mobilização em defesa de milhares de pessoas que dependem da indústria do algodão.

Burkina Faso, Benín, Chade e Malí têm demonstrado ao mundo que é possível recorrer aos mecanismos multilaterais na luta contra subsídios abusivos e injustos. O Brasil também tem levado, com êxito, esse pleito à OMC. Vamos continuar juntos nessa campanha.

Está em curso uma batalha pelo futuro das instituições de Bretton Woods. O Brasil conta com o apoio da África para democratizá-las, de forma a colocar seus recursos financeiros e técnicos a serviço do desenvolvimento e não de uma ortodoxia desumana.

Por meio da Ação Internacional de Combate à Fome, que lançamos em 2004, estamos criando mecanismos financeiros inovadores para alcançar as Metas do Milênio mais fundamentais: democratizar o acesso à alimentação e à saúde.

O Brasil também convida Burkina Faso e toda a África a participar na revolução dos biocombustíveis. Por meio da implantação, na África, América Latina e Ásia, de cultivos próprios para a produção de etanol e biodiesel em larga escala, podemos democratizar o acesso à energia sustentável. Ao mesmo tempo, estaremos combatendo o impacto do aquecimento global, que atinge desproporcionalmente os países mais pobres. E, isso, sem colocar em risco a segurança alimentar. É o que demonstra a experiência brasileira.

Caros amigos,

Sinto orgulho de poder visitar um continente que tanto contribuiu para a formação da sociedade brasileira e para determinar o modo de ser dos brasileiros.

O Brasil é a segunda maior nação negra do mundo. Só isso já seria justificativa suficiente para não darmos, jamais, as costas à África. Mas também estamos aqui para estabelecer parcerias e aproximar nossos países porque acreditamos no potencial deste continente.

No Brasil e na América do Sul, queremos ajudar a construir esse futuro. A realização da Cúpula África-América do Sul, em Abuja, no ano passado, foi um passo pioneiro e decisivo para nos conhecermos melhor.

Hoje, temos o desafio de traçar estratégias e formular propostas para que nossos continentes sejam definitivamente unidos na luta comum pela consolidação da democracia e do desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Quando falamos em democracia e desenvolvimento precisamos ter em conta uma palavra mágica, que é, na minha opinião, aquela que pode permitir que a gente possa, com mais rapidez, resolver os problemas do mundo e, dentro do mundo, dos países mais pobres. Essa palavra chama-se paz. Sem paz, nenhum país do mundo vai se desenvolver. Se em vez de estarmos pensando em resolver os problemas das crianças que estão fora da escola e passando fome, se em vez de ficarmos pensando em resolver os problemas das mulheres e dos homens que estão desempregados, se em vez de tudo isso, tivermos que gastar a nossa energia nas lutas internas em cada país, nas guerras internas em cada país, se em vez de comprar pão, tivermos que comprar um canhão, se em vez de comprarmos arroz, tivermos que comprar fuzis, se em vez de abraçarmos um companheiro, tivermos que ficar atirando nele, certamente esse país nunca irá se desenvolver.

Por isso, é com muito orgulho que venho visitar este país irmão, Burkina Faso. Cada visita que faço a um país africano é quase como o pagamento de uma dívida histórica que não tem valor monetário, que não se paga em terra, mas que se paga com amizade e com solidariedade. O Brasil, a cara do povo brasileiro, o jeito amável de ser do povo brasileiro, o futebol brasileiro, o samba brasileiro são resultado de uma miscigenação que deu certo, de uma mistura de africanos, de índios e de portugueses, inicialmente. Essa mistura criou, certamente, um dos povos mais amáveis e mais alegres do mundo. Essa gratidão, o Brasil deverá eternamente ao continente africano, porque foram 300 anos em que jovens, os mais saudáveis, eram tirados da África, como cidadãos livres, e transformados em escravos no meu País, em outros países da América Latina e nos Estados Unidos.

Por isso é que decidi visitar a África, para falar de democracia, porque eu sou o resultado mais vivo da democracia no meu País. Se não fosse a democracia no meu País, dificilmente um torneiro mecânico chegaria à Presidência da República.

A América Latina vive um momento excepcional de democracia. Os governos progressistas estão ganhando as eleições em quase todos os países numa contrariedade ao que aconteceu na década de 80 e na década de 90. Mas nós estamos convencidos de que, como a África, a América Latina não pode desperdiçar o século XXI. O século XX nós perdemos, a Europa ganhou

grande parte do século XIX, os Estados Unidos ganharam, praticamente, o século XX, e agora os países africanos, os países latino-americanos, a China, a Índia e outros países asiáticos, que não tiveram chance no século XX, precisam conquistar o século XXI como o século da consolidação da democracia nos nossos países, como o século da consolidação de um desenvolvimento com justiça social, como o século em que a gente possa combater as graves doenças existentes nos nossos países. Mas, sobretudo, como o século em que a gente devolva para o nosso povo, não apenas a liberdade de gritar que está com fome, mas o direito de estudar, o direito de trabalhar, o direito de tomar café, almoçar e jantar todos os dias. Afinal de contas, o direito de ter orgulho e de fazer valer esse regime, que é cheio de defeitos, mas é o melhor que nós temos até agora, que é a democracia.

Muito obrigado e boa sorte.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura do Encontro Empresarial, durante visita à República do Congo

Brazzaville-Congo, 16 de outubro de 2007

Meu agradecimento aos organizadores deste encontro pelo convite para participar de um evento inédito.

Temos aqui reunidas, pela primeira vez, importantes lideranças governamentais e empresariais da República do Congo e do Brasil para dialogar sobre oportunidades de comércio e investimentos entre nossos dois países.

Sou o primeiro presidente brasileiro a visitar a República Popular do Congo, e estou retornando à África pela sétima vez, desde o início de meu governo.

Faço isso por estar convencido de que o Brasil precisa diversificar suas parcerias e alargar seus horizontes.

Precisa, sobretudo, aprofundar os laços com países que partilham os mesmos desafios que nós. Sempre defendi que o desenvolvimento e a superação da pobreza e da desigualdade são objetivos que nos aproximam de nossos irmãos do Sul.

O potencial de crescimento dos países em desenvolvimento abre possibilidades excepcionais para a cooperação, o comércio e os investimentos Sul-Sul. São as bases de uma nova geografia econômica e comercial hoje em curso no mundo.

O Brasil ainda tem participação reduzida no total do comércio da África. Mas os números do intercâmbio entre a República do Congo e o Brasil são uma demonstração eloqüente do quanto podemos avançar. Em poucos anos, desde o início de meu governo, nossas trocas comerciais aumentaram quase quinze vezes: passaram de US\$ 22 milhões para US\$ 324 milhões.

Mas podemos fazer muito mais. A República do Congo é uma porta de acesso aos mercados da África Central. O desafio, agora, é ampliar a pauta de exportações congoleesas para o Brasil e estimular os investimentos neste país.

Quero convidar o Congo a enviar uma missão empresarial ao Brasil para explorarmos esses novos horizontes.

A República do Congo, como o Brasil, é um país em construção, cuja infra-estrutura de transporte, energia, saneamento básico e comunicações deverá se expandir em forma exponencial.

A larga experiência das empreiteiras brasileiras nesse campo tem sido comprovada em numerosos projetos em países africanos. Inclusive na República do Congo, em anos passados. Elas podem retornar a esse país que hoje trilha o caminho do crescimento.

Projeto que chama a atenção, pelo seu alcance social, é o que envolve a edificação de 10 mil habitações populares.

Por sua vez, a Petrobrás detém tecnologia de ponta na prospecção de petróleo em águas profundas onde, sabemos, está o grande potencial petrolífero deste país.

A Companhia do Vale do Rio Doce, dentre as maiores mineradoras do mundo, enxerga excelentes oportunidades para participar de projetos aqui.

Para facilitar a chegada desses investimentos brasileiros, meu governo está estudando transformar a dívida bilateral do Congo em linhas de financiamento para a compra de bens e serviços brasileiros.

Por meio da cooperação técnica, podemos multiplicar as oportunidades para fazer bons negócios e reforçar a produtividade e a competitividade da economia congoleza.

Oferecemos nossos conhecimentos na área de construção de habitações sociais, desenvolvimento urbano e saneamento básico, e em tecnologias não-convencionais para a construção civil.

Podemos, ainda, trocar experiências na implementação de políticas públicas.

Uma possibilidade seria na regulamentação do setor petrolífero, no qual a República do Congo tem amplo potencial e o Brasil tem tido reconhecido sucesso.

A República do Congo é auto-suficiente em combustíveis fósseis, mas quero convidar seu país a ingressar na revolução energética do futuro: os biocombustíveis.

O etanol e o biodiesel podem complementar o petróleo e o diesel e

contribuir para gerar empregos e renda no campo, diversificando a estrutura produtiva. Ao mesmo tempo, ajudam a reduzir as emissões de gases que causam o aquecimento do Planeta.

Após trinta anos de experiência, o Brasil mostrou os benefícios dessas fontes de energia renováveis como instrumentos de desenvolvimento e de superação de pobreza e de dependência.

Reitero, hoje, nossa disposição para prestar cooperação nesse setor estratégico.

O Congo detém amplas terras potencialmente agricultáveis. A Embrapa, empresa brasileira de pesquisa agropecuária, está disponível para fazer no Congo a mesma revolução na produção agrícola que realizou no Brasil.

Por meio do escritório que recentemente abriu em Acra, os conhecimentos técnicos e a ampla experiência da Embrapa estão disponíveis para ajudar a fazer do Congo um grande produtor de alimentos.

Num mundo cada vez mais globalizado, o pleno aproveitamento dessas oportunidades passa, necessariamente, pela reforma das relações econômicas e comerciais internacionais. Defendemos a redução de barreiras protecionistas e a revisão de práticas superadas dos organismos financeiros multilaterais.

Caso contrário, o Brasil e demais países em desenvolvimento não poderão beneficiar-se deste momento de grande expansão do comércio internacional. É isso o que o Congo e o Brasil defendem na OMC.

Tenho me colocado à disposição para reunir-me com outros líderes mundiais para buscar uma conclusão das negociações de Doha, a primeira Rodada para o Desenvolvimento. É o que a comunidade internacional e, especialmente, os países mais pobres esperam de nós.

Senhores empresários,

Os governos estão fazendo sua parte. Na esfera bilateral, estabelecemos um mecanismo de consultas políticas. Assinamos uma série de acordos de cooperação.

Com a próxima abertura de embaixadas em Brazzaville e em Brasília, facilitaremos os contatos e a realização de negócios.

Para atingir resultados ambiciosos em termos de comércio e investimentos, precisamos contar com a criatividade e visão empresarial dos homens de negócio aqui reunidos. Aos senhores cumpre o desafio de explorar

novas oportunidades, desenvolver parcerias.

Minha presença aqui reflete o compromisso do governo brasileiro de apoiar a todos aqueles que apostam nas potencialidades das relações e dos negócios entre nossos países.

Estou confiante em que este evento servirá de estímulo para bons negócios e constituirá o alicerce seguro sobre o qual estamos construindo uma nova etapa nas relações econômicas e comerciais entre a República do Congo e o Brasil.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da II Cúpula do Ibas**

Johanesburgo, 17 de outubro de 2007

Meu caro amigo presidente da República da África do Sul, Thabo Mbeki,
Meu caro amigo primeiro-ministro da República da Índia, Singh,
Senhores ministros integrantes das delegações da África do Sul, da
Índia e do Brasil,

Parlamentares representando aqui o Poder Legislativo dos três países,
Demais convidados,

Primeiro, Mbeki, quero lhe dar os parabéns porque em 2010 teremos aqui a realização da Copa do Mundo, e felicita-lo porque a África do Sul resolveu contratar um técnico brasileiro, com experiência em ganhar títulos mundiais, e eu acho que a África do Sul contratou um bom técnico, que é o Parreira. Boa sorte.

É uma alegria poder retornar à África do Sul e reencontrar meus amigos, o presidente Mbeki e o primeiro-ministro Singh, nesta segunda Reunião de Cúpula do Ibas.

Desde sua criação, em 2003, nossa aliança atraiu curiosidade e enfrentou ceticismo. Mas, sobretudo, suscitou esperanças.

A primeira Cúpula, que o Brasil teve a honra de acolher, acelerou o processo e mostrou o acerto de nossa iniciativa.

O Ibas expandiu suas atividades e se firmou como instrumento de aproximação entre nossos três países. Constituímos um foro de diálogo que confere a nossos países uma presença ainda mais relevante neste mundo cheio de injustiças e desigualdades. Mostra que os países em desenvolvimento podem ter uma inserção internacional altamente qualificada.



Neste momento de transição que estamos vivendo desde o fim do século XX, é necessário construir novas instâncias decisórias, sobretudo no plano multilateral.

Os países em desenvolvimento têm de estar representados de modo compatível com sua importância no mundo. É uma mudança necessária para assegurar legitimidade e eficácia aos foros internacionais.

Senhoras e senhores,

O Ibas vem mostrando capacidade de interlocução em vários temas da agenda global. Isso reflete nossa credibilidade, nossa presença diplomática e nossa capacidade de contribuir para a construção de uma ordem internacional mais justa e democrática.

Juntamos nossas vozes em defesa da reforma das Nações Unidas, que precisa refletir a realidade atual, sob pena de se desacreditar. A ampliação do número de membros permanentes do Conselho de Segurança tornou-se um dos imperativos da nova correlação de forças.

O tema já foi longamente debatido. Agora chegou a hora de tomar decisões. Foi esse sentido de urgência que nos uniu no co-patrocínio à iniciativa indiana de dar renovado ímpeto à reforma da Organização.

Integramos o grupo de países em desenvolvimento, que mantém um diálogo estruturado com o G-8. Mas este mecanismo tem de ser aperfeiçoado de modo que nossa voz tenha influência real no tratamento dos grandes temas mundiais. De pouco vale sermos convidados para a sobremesa no banquete dos poderosos.

Na OMC, a existência do Ibas e o bom entendimento entre nossos países contribuíram para a formação do G-20. Os países do Sul decidiram unir-se e fazer valer seu peso nas negociações multilaterais. Juntamos forças por nossos interesses na Rodada de Doha. E ousou dizer: mudamos para sempre o padrão das negociações na OMC.



Essa Rodada já mostrou que as negociações internacionais não podem ser mais o reflexo puro e simples das agendas de um número reduzido de países desenvolvidos.

Com o G20, nossos países deram mostras da capacidade de dar voz e consistência aos reclamos do mundo em desenvolvimento na questão central da Rodada, a agricultura.

Sigo com a convicção de que o objetivo de um resultado justo e equilibrado é desejável e possível. Mantemos a disposição para chegar a um compromisso satisfatório para todos. Mas esse compromisso deve beneficiar, sobretudo, os países mais pobres. Afinal, trata-se de uma Rodada para o desenvolvimento.

Neste momento crucial, o diálogo e a concertação entre nossos países e com as outras nações em desenvolvimento são ferramentas essenciais para levar as negociações a bom termo. Na área de meio ambiente também temos muito a dizer.

Devemos dar tratamento político integrado a toda a agenda ambiental. Apresentei há três semanas, nas Nações Unidas, a proposta de sediar no Brasil, em 2012, uma Conferência Rio+20. Nossa proposta é avaliar o que fizemos desde a Rio-92 e definir o caminho a seguir.

Amigo Presidente e amigo Primeiro-Ministro,

Estamos ampliando a cooperação trilateral e diversificando nossas áreas de interesse.

O Fundo Ibas para Combate à Fome e à Pobreza é um motivo de orgulho. Traduz, de forma concreta, uma nova proposta de solidariedade internacional. Somos países em desenvolvimento que unem suas forças para ajudar os mais pobres. Provamos que não é preciso ser rico para ser solidário.

Foi com justificada satisfação que recebemos o prêmio da ONU aos projetos desenvolvidos pelo Ibas no Haiti e na Guiné-Bissau. Estão em estudo



iniciativas que beneficiarão Burundí e outros países pobres da África, da Ásia e da América Latina.

Como prova de nosso empenho em aprofundar a cooperação e ampliar o número de beneficiários, o Brasil fez nova contribuição ao Fundo Ibas, no valor de um milhão de dólares. Com isso, já passa de três milhões e meio de dólares o aporte brasileiro.

Amigas e amigos,

Os contatos entre empresários, em Johannesburgo, contribuirão para o crescimento de nossas economias e a ampliação do comércio trilateral. Índia e África do Sul são, individualmente, parceiros comerciais de primeira linha do Brasil.

É preciso, agora, agirmos com decisão para viabilizar um acordo trilateral que envolva o Mercosul, a Sacu e a Índia. Enviei mensagens a todos os líderes dos países potencialmente envolvidos nesta iniciativa. Mas conto com o apoio do presidente Mbeki e do primeiro-ministro Singh neste esforço.

Esse acordo formará a maior área de livre comércio do mundo em desenvolvimento, com quase um bilhão e meio de pessoas e um Produto Interno Bruto de mais de dois trilhões de dólares. Será, se quisermos, o Grande Espaço Econômico do Sul.

Reitero o compromisso brasileiro de oferecer, nas negociações trilaterais, tratamento diferenciado aos países africanos com economias mais vulneráveis. Também as pequenas economias do Mercosul merecem tratamento especial.

Temos de ampliar o impacto social e redistributivo de nossas ações. Devemos também privilegiar a inclusão tecnológica como parte do processo educativo que dará cidadania plena às nossas populações.

O Ibas avançou na área de ciência e tecnologia, com a constituição de um fundo para pesquisas integradas em diversos campos.



É igualmente importante que nos ajudemos mutuamente no fortalecimento de nossas instituições e na modernização do Estado. Os acordos que vamos firmar em administração pública e tributária são passos nessa direção.

Temos que continuar envolvendo a sociedade civil de nossos países nas atividades do Ibas. Saúdo a realização, no contexto desta Cúpula, do Fórum de Mulheres, do Encontro Parlamentar e do Seminário Acadêmico.

Amigas e Amigos,

África do Sul, Índia e Brasil se associaram no Ibas para consolidar seus respectivos projetos nacionais e garantir uma presença internacional comum.

Estamos unidos por visões comuns de mundo, inspiradas em sociedades democráticas, multiétnicas e multiculturais.

Nossas ações de cooperação têm tido impacto real na vida de populações carentes, estejam elas em nossos próprios países ou em países em desenvolvimento mais pobres, onde temos projetos.

O Ibas é um instrumento para encurtar distâncias físicas, políticas e econômicas.

Como disse o primeiro-ministro Singh, é uma associação que beneficia não só os nossos países, mas toda a Humanidade.

Tenho certeza de que esta Cúpula será mais um passo para alcançar esse ideal.

Obrigado, Presidente.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão plenária de encerramento do Ibas

Johanesburgo-África do Sul, 17 de outubro de 2007

Minhas primeiras palavras, presidente Mbeki, são de agradecimento e de reconhecimento pelo esforço que o seu governo fez para realizar tão bem organizado, ou melhor, tão bem organizada a Segunda Cúpula do Ibas. Em segundo lugar, para mais uma vez reconhecer publicamente o carinho com que somos tratados aqui na África do Sul cada vez que aqui visitamos.

Eu penso que... eu queria até fazer um apelo para a imprensa brasileira, de que seria importante que a África do Sul fosse melhor divulgada no Brasil, fosse melhor divulgada na Índia, que a Índia fosse melhor divulgada no Brasil e na África do Sul, e que o Brasil fosse melhor divulgado nos dois países para que a nossa gente se conheça.

Segundo, fazer um apelo para a imprensa da África do Sul, da Índia e do Brasil lerem com atenção as decisões desta Segunda Cúpula do Ibas, porque eu acho que merece uma profunda reflexão.

A terceira coisa, primeiro-ministro Singh e presidente Mbeki, é o depoimento. Quando a gente toma posse na Presidência de um país e a gente vai participar da primeira reunião internacional, é um momento de encantamento, ou seja, a primeira reunião internacional tem sempre uma novidade, uma curiosidade, você vai encontrar com pessoas que você viu na televisão, pessoas que você gostava, pessoas que você não gostava.

O segundo momento na vida de um governante é que a partir da segunda reunião ele começa a ter decepções, porque percebe que as coisas que são deliberadas têm uma muralha de obstáculos quase que intransponível, que não permite que as decisões fluam. É como se fosse uma hidrelétrica com as comportas fechadas – de vez em quando precisamos abrir as comportas – e muitas decepções. Confesso a vocês que não foram poucas as vezes, os momentos em que eu disse ao ministro Celso Amorim que eu não tinha mais interesse de ir naquelas reuniões.

O terceiro momento na vida de um governante é o contato que ele tem

com a realidade, no momento em que ele atinge a maturidade de ter paciência, de compreender que as decisões nunca são como a gente deseja. Dentro da nossa burocracia interna elas nunca funcionam com a rapidez que nós gostaríamos, sempre tem um funcionário que deixa as nossas decisões na gaveta mais do que o tempo necessário, sempre tem um outro que não trata com a prioridade com que nós tratamos quando nos reunimos. E essa realidade, ela começa a mudar quando a gente começa a dar um certo ritmo à burocracia dos nossos países. E isso leva tempo. Quem chega ao poder pela via democrática e resolve participar dos fóruns internacionais democraticamente sabe que tudo leva tempo.

Eu, às vezes, Mbeki, acho que nós, governantes, somos um trem, e a máquina burocrática é a estação do trem. Ela existe há 500 anos e ali passam centenas de trens, uns fazem mais barulho, outros menos barulho, mas a estação está lá e os trens vão passando. Passa o trem Mbeki, passa o trem Lula, passou o trem Mandela, passa o trem Singh e vai passando trem.

Bem, mas há um momento em que nós amadurecemos e as coisas começam a funcionar. O Ibas é uma delas. Eu estou surpreso com a qualidade das decisões de uma 2ª Cúpula. Estou muito feliz porque nesta 2ª Cúpula nós conseguimos produzir coisas que não produzimos em tantas outras em que nós participamos. O que aconteceu aqui de fato? Eu vou dar a minha opinião.

Primeiro, a afinidade política entre África do Sul, Índia e Brasil. Segundo, o perfil ideológico muito semelhante entre o presidente da África do Sul, primeiro-ministro e o presidente Lula. Terceiro, a seriedade dos nossos companheiros ministros e funcionários. Quarto, nós confiamos uns nos outros, por isso fomos capazes de produzir um documento da qualidade que nós produzimos.

Eu penso que começa a haver uma afinidade tão grande entre Índia, Brasil e África do Sul, que em muitos assuntos polêmicos nós não precisamos nem nos telefonar, porque quando a gente fica sabendo da resposta de um companheiro, é igual a do outro, porque temos interesses comuns, objetivos comuns, queremos o melhor para o nosso povo e queremos o melhor para os países que, sequer, atingiram o padrão de países em desenvolvimento e ainda continuam países pobres.

Por isso eu saio desta Cúpula triste porque o Mbeki não nos deu almoço. Eu não sabia que tínhamos tomado a decisão no Brasil de que a reunião seria sem almoço, senão eu teria trazido uma marmitinha para comer aqui, mas eu saio desta reunião feliz. Feliz Mbeki, porque a participação do movimento social foi de uma contribuição excepcional e eu sei que na África do Sul, na Índia e no Brasil, tem tantos movimentos sociais que podem contribuir, que dificilmente nós erraremos nas nossas decisões se tivermos humildade para ouvir aqueles que são a razão pela qual nós governamos os nossos países.

A partir dessa reunião de hoje, eu não tenho dúvida de que a próxima na Índia, será muito melhor e não tenho dúvida de que o Ibas, pode ser um bloco, pode ser um movimento, seja o que quiserem, mas o Ibas vai dar resultados extraordinários naquilo que nós nos propusemos fazer.

Primeiro-Ministro Singh, eu quero lhe dizer da minha alegria de poder tê-lo conhecido e poder manter essa relação que estamos mantendo. Meu caro Mbeki, você sabe da alegria de participar das reuniões com vocês. Eu acho que nós atingimos um momento importante na nossa vida política. Nós sabemos o que queremos, sabemos como conquistar e sabemos que podemos muito mais do que conquistamos até agora. Para isso, nós três precisamos dizer ao nosso povo que a partir da África do Sul, da Índia e do Brasil, a gente pode criar um novo modelo de participação multilateral no mundo.

Muito obrigado e parabéns.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de abertura do encontro bilateral com o Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos

Luanda-Angola, 18 de outubro de 2007

É um prazer retornar a Luanda e reencontrar o presidente José Eduardo dos Santos. Sinto-me em casa nesta terra, um dos berços da nossa nacionalidade.

Vim a Angola na minha primeira visita à África. Retorno no início de meu segundo mandato, para ver de perto os progressos de nossa parceria.

Angola começa a realizar o imenso potencial de sua natureza e de seu povo. A economia cresce a taxas elevadas, com inflação e dívida externa decrescentes. É uma nação em paz, que fortalece suas instituições democráticas.

Desde minha última vinda, nosso comércio aumentou quase cinco vezes, com exportações angolanas anuais de 460 milhões de dólares. Angola é o terceiro maior fornecedor africano do Brasil e quarto maior importador de produtos brasileiros na África.

Este ano, os números são ainda mais promissores. Até julho, o fluxo total já ultrapassou um bilhão de dólares.

Nossas relações são históricas. Em 1975, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola. Financiamentos brasileiros tornaram possível a construção da Hidrelétrica de Capanda, o mais importante projeto de infra-estrutura do país. Nossos créditos ajudaram o país a se modernizar. Hoje, mais do que nunca, o Brasil redobra essa aposta. Por isso, anunciei nova ampliação de um bilhão de dólares desta linha de crédito. Tomei essa decisão, pois confio na capacidade das empresas brasileiras de ajudar a encontrar soluções apropriadas a Angola.



São obras de infra-estrutura viária, habitacional, de saneamento básico, de exploração e produção de energia. A Petrobrás triplicou o número de blocos em que está explorando petróleo.

Os investimentos angolanos também estão presentes no Brasil: a Somoil venceu disputa para explorar petróleo e gás na Bacia do Recôncavo, na Bahia, tornando-se a primeira empresa petrolífera angolana a trilhar o caminho da internacionalização.

A expressiva participação brasileira na Feira Internacional de Luanda, em julho deste ano, ajudou a identificar novas parcerias, na agricultura e construção naval, por exemplo. Esse também é o objetivo da missão empresarial que me acompanha hoje.

A abertura de um Consulado-Geral angolano, em São Paulo, em abril deste ano, foi outro passo importante para estreitar contatos.

Angola é uma potência petrolífera. O Brasil é auto-suficiente na produção de petróleo. Não obstante, podemos, juntos, participar da próxima revolução energética: a dos biocombustíveis. Há mais de 30 anos, o Brasil produz carburantes que combinam segurança energética com amplos benefícios econômicos, sociais e ambientais.

A mistura de 25% de etanol à gasolina e o uso do álcool combustível em veículos *flex fuel* permitiram diversificar nossa matriz energética.

A indústria de biocombustíveis já criou 6 milhões de postos de trabalho no Brasil. Gera renda e colabora para evitar o êxodo rural e o inchaço urbano. Entre os beneficiados estão pequenos agricultores em zonas semi-áridas deprimidas.

A cooperação em biocombustíveis é somente um exemplo do que podemos fazer juntos. O Brasil ajudou a estabelecer um centro de formação profissional em Cazenga, hoje plenamente administrado pelos angolanos.

Assinaremos hoje acordos sobre iniciação científica, prevenção e controle da malária, reforma curricular e execução do Projeto “Escola de



Todos”. São iniciativas destinadas a habilitar o povo angolano a apropriar-se das conquistas da tecnologia moderna.

Vamos ampliar os programas de graduação e pós-graduação para estudantes angolanos no Brasil, com a vinda mais 100 estudantes por ano para cursos de verão em instituições científicas brasileiras.

O aprofundamento de nossas afinidades e parcerias passa também pela instalação de Casas de Cultura nos dois países. O Mecanismo de Consultas Políticas que estamos estabelecendo espelha a maturidade alcançada em nossas relações bilaterais. Concordamos que essa coordenação deve incluir os grandes temas globais, desde as negociações comerciais multilaterais até a mudança de clima.

A expansão do Conselho de Segurança é, nesse contexto, inadiável. O apoio de Angola a que o Brasil assumira assento permanente no Conselho é gesto de confiança que muito apreciamos. Expressa a excelente colaboração que nossos países mantiveram no recente período em que estivemos juntos no Conselho. Reflete também a época em que o Brasil esteve à frente da luta pela pacificação de Angola nas deliberações do Conselho de Segurança.

Angola é hoje reconhecida como um fator de estabilidade no continente africano. Exerceu papel fundamental na assinatura dos acordos de paz na República Democrática do Congo, em meados de 2003, e empenha-se pela estruturação das forças de paz regionais na África.

No âmbito da CPLP, nossos países estão trabalhando pela normalização política e recuperação econômica em Guiné Bissau. Com este fim, consideramos fundamental que Guiné Bissau passe a integrar a agenda da Comissão de Construção da Paz da ONU.

Para aprofundar a união entre Angola e Brasil, estamos revigorando a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul. A iniciativa angolana de organizar a reunião ministerial de junho deste ano foi passo importante nessa direção.

Caro amigo José Eduardo,



Nunca o Brasil buscou tanto se aproximar dos países africanos. Estive em dezenove países do continente – em alguns, mais de uma vez – e recebi grande número de chefes de Estado africanos no Brasil. Determinei a abertura de Embaixadas e o envio de múltiplas missões de cooperação.

É com o compromisso de aproximar mais nossos países que volto a este país tão querido dos brasileiros. O “Renascimento Angolano” servirá de exemplo e inspiração para as demais nações do continente que buscam estabilidade política e desenvolvimento econômico e social.

É com essa convicção que faço sinceros votos pelo continuado êxito de Angola e sua história de lutas e vitórias. Contem com o Brasil.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em
sessão solene da Assembléia Nacional de Angola**

Luanda-Angola, 18 de outubro de 2007

Senhor deputado João Manuel Gonçalves Lourenço, presidente em
exercício da Assembléia Nacional,

Senhores e senhoras membros da mesa diretora,

Senhores e senhoras deputados,

Companheiros da delegação brasileira que me acompanham nesta
viagem,

Embaixador do Brasil em Angola,

Meus amigos e minhas amigas

Que minhas primeiras palavras sejam para expressar a emoção e o
agradecimento pela oportunidade de dirigir-me a esta Sessão Solene da
Assembléia Nacional de Angola.

Por meio de seus representantes, aqui reunidos, desejo transmitir ao
povo deste grande País uma mensagem de fraternidade, respeito e
solidariedade dos brasileiros.

Expresso meu reconhecimento pelo admirável exemplo de perseverança
e superação que Angola tem demonstrado ao longo de sua história.

Nesta Assembléia Nacional, os herdeiros de Agostinho Neto continuam
a travar a luta pela autodeterminação e progresso de seu país e de todo o
continente africano. Esta Assembléia soube cicatrizar feridas e superar divisões
acumuladas ao longo de décadas de conflito. Guiou o país no caminho da
reconciliação política e da reconstrução econômica.

Minha experiência parlamentar ensinou-me o papel decisivo do Poder
Legislativo na concretização de nossos sonhos.



Aprendi que é no contato pessoal, na conversa franca, na arte do convencimento, que temos condições de superar diferenças e preconceitos. No Parlamento, construímos consensos e damos forma e expressão à vontade coletiva.

No Brasil, como aqui, aprendemos a importância de buscar respostas democráticas, de insistir no diálogo, de rechaçar os apelos ao argumento da força. É, portanto, com satisfação que vemos Angola se preparar para um novo ciclo de eleições.

Meus senhores e minhas senhoras,

Angola e Brasil estão consolidando a democracia ao fortalecer suas instituições políticas e econômicas. Nossos países colhem os frutos de uma estratégia que combina crescimento sólido, reduzida inflação, forte aumento do comércio exterior e notável expansão do mercado interno.

São visíveis o crescimento do emprego e da renda, com impacto direto na superação da pobreza e da desigualdade. Em Angola, como no Brasil, estamos assegurando a participação de todos nas conquistas econômicas e sociais do país.

Estamos, também, determinados a forjar uma parceria que traduzirá nossa rica cooperação bilateral em ganhos ainda maiores para os cidadãos dos dois países. Os acordos que estamos assinando hoje renovam e intensificam nosso compromisso de fazer da capacitação técnica em matéria de saúde, educação e alimentação um instrumento de superação da pobreza e da marginalização.

Em 1975, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola. Hoje, estamos reafirmando essa aposta. Ampliamos a linha de crédito para que as empresas brasileiras engajem-se nas obras de infra-estrutura que estão transformando Angola.

Os empresários que me acompanham nesta visita estão empenhados em diversificar nosso comércio e ampliar nossos investimentos.



Senhoras e senhores,

Nunca o Brasil buscou se aproximar tanto de Angola e da África como em meu governo. Já visitei dezenove países do continente e recebi no Brasil inúmeros chefes de Estado.

A África está em pleno ressurgimento. Como outros líderes africanos, o presidente José Eduardo dos Santos está à frente da luta deste continente para construir uma África mais unida e solidária.

A África está determinada a traçar seu próprio destino. Dá provas de maturidade e determinação para superar décadas de conflito, agravadas pela herança colonial. Angola sabe que esses esforços não frutificarão sem paz e segurança. Por isso, está na vanguarda das iniciativas regionais para pacificar as tensões sociais, políticas e étnicas que tanto retardaram o progresso do continente. O Brasil deseja ajudá-la a vencer esse desafio.

Nossos países estão determinados a moldar uma ordem internacional que responda aos anseios desta e das futuras gerações. É preciso democratizar e fortalecer as instituições multilaterais, para que seja ouvida e respeitada a voz dos países em desenvolvimento.

O apoio do governo angolano para que o Brasil tenha assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas muito nos honra.

O Brasil foi chamado a liderar a força de paz das Nações Unidas no Haiti. Aceitamos o desafio, imbuídos do ideal de resgatar a paz e a dignidade de uma nação cuja história é tão significativa para os povos da América e da diáspora africana.

Lançamos na ONU, em 2004, a Ação contra a Fome e a Pobreza. A Central Internacional de Compra de Medicamentos já conseguiu para os países africanos reduções de até 45% nos preços dos remédios contra Aids, malária e tuberculose.

Confio que estamos dando um passo extraordinário na direção de um sistema internacional de comércio mais aberto, justo e equitativo. Não



queremos depender de arranjos privilegiados com países desenvolvidos e que distorcem o sistema internacional e perpetuam dependências.

O Brasil vem lutando para que os benefícios do livre comércio cheguem a todos. Para que cheguem, sobretudo, aos pequenos produtores agrícolas competitivos dos países mais pobres, penalizados por práticas comerciais injustas e distorcidas.

Senhoras e senhores,

Em nossa campanha para fazer do comércio agrícola mundial um instrumento de prosperidade para todos, os biocombustíveis podem dar uma importante contribuição.

O mercado internacional de bioenergia poderá dar à África uma fonte excepcional de renda e de empregos e contribuirá, também, para democratizar o acesso a fontes renováveis de energia e para responder ao desafio do aquecimento global.

Nossa experiência de três décadas mostra que, com os biocombustíveis, e o etanol, em particular, chegamos a uma opção viável, limpa, barata e acessível a boa parte dos países do Sul.

Mesmo para países auto-suficientes em petróleo, como é o caso de Angola e do Brasil, dinamizar os setores sucroalcooleiro e de biodiesel oferece excelentes oportunidades comerciais, sem prejuízo para a produção de alimentos.

Caros parlamentares,

Contamos com os senhores para transformar em realizações concretas nossas múltiplas afinidades e potencialidades.

Sei que são freqüentes as visitas de legisladores angolanos aos seus colegas no Brasil. Sugiro que busquem um diálogo, também, com o Parlamento do Mercosul, no qual pretendemos dar voz e direção ao nosso processo de integração regional. Essa cooperação permite o intercâmbio de experiências e fortalece nossas democracias. Traduz o propósito comum de reforçar os elos



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

entre nossos povos, na busca de um mundo mais próspero, justo e solidário.
Esse é o desafio para o qual, todos, somos convocados.

Mensagem lida em nome do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de imposição de comendas da ordem do Mérito Aeronáutico

Brasília - DF, 23 de outubro de 2007

É com muita honra e satisfação que, como Comandante Supremo das Forças Armadas, estou presidindo esta cerimônia da Aeronáutica. Estamos aqui para comemorar o Dia do Aviador, o Dia da Força Aérea Brasileira, o aniversário do primeiro voo do 14 BIS, nos campos de Bagatelle, em 1906, e para reverenciar valorosos brasileiros que sonharam, ousaram, venceram e entraram para a história.

Estou falando de Alberto Santos Dumont, patrono da Aeronáutica; do Marechal-do-Ar Eduardo Gomes, patrono da Força Aérea Brasileira; do Major-Brigadeiro-do-Ar Lysias Augusto Rodrigues, pioneiro do Correio Aéreo Nacional; do Marechal Casimiro Montenegro Filho, patrono da Engenharia Aeronáutica, e de muitos outros brasileiros que ajudaram a escrever as brilhantes páginas desta Arma.

Não é possível separar os caminhos da aviação do nosso País dos caminhos da Força Aérea Brasileira. Criada durante a II Guerra Mundial, esta Instituição já nasceu combatendo pela democracia e contra o autoritarismo. Até hoje a FAB desenha no horizonte a imagem do Brasil que todos desejamos, um país mais justo e mais desenvolvido, integrado com soberania no cenário globalizado que vivemos, mas de forma pacífica e solidária.

De abrangência nacional, a Força Aérea Brasileira, faz-se presente nos Pampas, no Pantanal, na Caatinga, nos cerrados, no nosso extenso litoral e nos longínquos rincões da Amazônia. Ninguém entende melhor do que esses homens e essas mulheres de farda azul, a real dimensão geográfica do País. A verdade é que o Estado brasileiro só chega a muitos dos pontos de nosso País graças à Aeronáutica. O imediato e eficiente auxílio da FAB é fundamental, por exemplo, para o socorro às vítimas de calamidades públicas.

Suas aeronaves também se transformam em veículos especiais da cidadania e da democracia ao transportarem as urnas eletrônicas durante as eleições e ao dar suporte às campanhas nacionais de vacinação. E,

certamente, é muito difícil pensarmos em integração nacional sem valorizarmos o papel do Correio Aéreo Nacional.

Se analisarmos o desenvolvimento científico e tecnológico do País, a Aeronáutica é sempre lembrada pelos seus centros de excelência em estudos e pesquisas. Estou falando do Comando-Geral de Tecnologia Aeroespacial, o CTA, e do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, o ITA, ambos conhecidos e respeitados internacionalmente.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estou consciente da atual situação vivida pela frota da Aeronáutica. Conheço as suas carências e estou comprometido com o ministro Jobim e o brigadeiro Saito na busca de soluções de curto, médio e longo prazos. Todos nós sabemos que o Brasil, por suas dimensões continentais, pela complexidade de sua sociedade, pelas imensas riquezas que possui, necessita sempre ter uma Força Aérea à altura de sua missão constitucional.

Todos estamos trabalhando por uma FAB cada vez mais compatível com a estatura político-estratégica do País, que tenha plena capacidade operacional, que salve vidas e continue a participar na superação das injustiças sociais e na consolidação de uma nação democrática, forte, dinâmica, solidária e soberana.

Hoje é dia de festa e temos muito a comemorar. Como Grão-Mestre da Ordem do Mérito Aeronáutico estou particularmente feliz e orgulhoso por estar aqui admitindo e promovendo, nesta ordem, homens e mulheres que tanto têm feito pelo nosso País. São militares das três Forças Armadas e civis representantes dos três Poderes da República, empresários, educadores, jornalistas e autoridades estrangeiras. Esta solenidade é um momento cívico da maior relevância. Uma verdadeira aula de democracia com instituições fortes, consolidadas e respeitadas.

Aos senhores e senhoras que receberam a comenda, meus cumprimentos pelo merecido reconhecimento, meus votos de felicidade pessoal e de muito sucesso profissional.

Aos integrantes da Força Aérea Brasileira, do mais novo soldado até seu comandante, meus cumprimentos pela data, minha admiração pessoal, meu respeito ao seu profissionalismo e meu reiterado compromisso de, juntos, continuarmos buscando a renovação da frota e a consolidação de uma Força

Aérea Brasileira à altura das suas missões e do valor profissional de seus quadros.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com empresários brasileiros

Palácio do Planalto, 24 de outubro de 2007

Bem, primeiro eu queria agradecer a presença de vocês aqui, porque há muito tempo eu estava interessado em fazer uma reunião com um grupo de empresários que tem incidência na política econômica e na política de desenvolvimento do País.

Eu sei que o convite foi feito de última hora, ou seja, na verdade o convite foi feito na sexta-feira, muitos de vocês tiveram que desmarcar compromissos, outros empresários telefonaram que não tiveram como desmarcar. Mas eu acho que é um bom início para que nós adotemos uma certa prática no governo, de falar e ouvir as pessoas, para que possamos discutir um pouco o futuro do nosso País.

É importante também salientar que numa reunião como essa, os números apresentados pelo Ministério da Fazenda ou pelo Ministério da Indústria, ou se fosse o Luciano Coutinho, a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil ou a Petrobras, seriam todos números, eu diria, com uma forte dosagem impressionista, porque são números grandes em função de nós estarmos desabituaados a trabalhar com números positivos no Brasil.

Toda vez que a gente vem discutir o Brasil, nós precisamos partir de um patamar do que foi o Brasil nos últimos 26 anos ou nos últimos 30 anos, para a gente lembrar o quanto de tempo nós perdemos neste País, o que nós poderíamos ser hoje, se nós tivéssemos feito as coisas certas nesses últimos 30 anos. Então, nós pagamos o preço. O Brasil paga o preço de não ter feito coisas certas em momentos certos, em que a história permitia que nós déssemos um passo adiante e nós não demos um passo adiante.

Não vou nem falar dos ajustes das políticas econômicas nos mais diferentes governos, em que as pessoas se deixaram levar pela glória do momento ou pelas pesquisas de opinião pública e esqueceram que governar não é trabalhar com base em pesquisa, com pesquisa você trabalha uma eleição, para governar você trabalha com resultados concretos do crescimento econômico, da geração de empregos e da distribuição de renda.

E é esse momento que nós precisamos construir juntos. Ou seja, eu tenho uma preocupação, porque daqui a três anos quem está no governo não será mais governo, mas vocês continuarão sendo empresários, os trabalhadores continuarão sendo trabalhadores. E se nós não plantarmos o Brasil que nós queremos colher daqui a uma ou duas décadas, a gente pode viver outra vez os dissabores dos sonhos frustrados. Os empresários que já nos procuraram para anunciar grandes investimentos certamente não me procurarão ou não procurarão o outro governo para dizer que não vão investir mais, apenas não investirão. E o sonho será, outra vez, um sonho frustrado.

Como nós já temos, no século passado, muitas décadas de experiências de momentos importantes e de momentos frustrantes, o desafio de fazer com que as coisas dêem certo no País não é mais da responsabilidade do governo. É importante ter isso em mente, porque se criou, também, a pecha de que cabe ao governo decidir as coisas quando, na verdade, o que nós queremos ser é apenas indutores de um processo que tenha empresários, trabalhadores e outros segmentos da sociedade participando da construção desse processo.

Quando a economia vai bem e um setor vai mal, nós precisamos cuidar daquele setor que vai mal para ver se tem perspectiva de recuperação, para ver se o problema é que o mercado dele está exaurido, para ver se a empresa precisa passar por um processo de inovação tecnológica, para saber se o produto que ele está fabricando é correto ou não. Quando um setor é responsável pela inflação, nós não poderemos mais punir a sociedade, tentando aumentar a taxa de juros ao invés de punir o setor que está sendo responsável pela inflação. Você não pode levar o conjunto da sociedade a um sacrifício porque alguém está exagerando.

Quer dizer, esse tipo de comportamento é que nós precisamos construir juntos. Por quê? Porque o que é importante, e é isso que faz com que as democracias sejam sólidas, é que independe de quem seja o governo que esteja lá. Nos Estados Unidos independe se é republicano ou se é democrata, na Alemanha independe se são conservadores ou progressistas, na Inglaterra a mesma coisa. Tem um balizamento construído ao longo de décadas na sociedade, que as coisas vão para a frente. Elas podem melhorar um pouquinho, podem piorar um pouquinho, mas nunca nada que possa abalar. E aqui, no Brasil, nós aprendemos a viver assombrados: "Vai ter eleição. Quem

vai ganhar a eleição? Vai ser um desastre. Quem vai perder? Vai ser um desastre”. Ou seja, nós fomos educados a viver assombrados a vida inteira.

E o que nós estamos vivendo hoje, muito mais importante do que o crescimento econômico, é o crescimento do comportamento de credibilidade que todos nós construímos neste País. Nós construímos uma credibilidade entre nós, de nós para os outros países e de nós para outros segmentos da sociedade, que permite agora, com muito mais tranqüilidade e sem emoção, a gente pensar os próximos passos e discutir claramente quais os setores da economia brasileira que nós queremos fazer com que se destaquem em função de uma conjuntura nacional e de uma conjuntura internacional.

Vamos pegar alguns exemplos: a indústria automobilística brasileira. Ou seja, o Brasil não pode mais se contentar em estar produzindo 2 milhões e 800 mil, 2 milhões e 700 mil carros, quando nós temos condições de, além do atendimento do nosso mercado interno, que é um mercado vigoroso, a gente transformar o Brasil numa grande plataforma de exportação de carros para competir com os países mais exportadores. E não pode ser difícil ou proibido um país como o Brasil pensar em produzir 5 ou 6 milhões de carros ao ano.

Da mesma forma que a nossa indústria siderúrgica não pode ficar olhando a China a cada ano aumentar 30, 40, 50 mil toneladas e a gente se contentar com 40 mil toneladas, já que nós somos os maiores exportadores de minérios. A Vale do Rio Doce vai ter que pensar, junto com as empresas brasileiras, se nós vamos apenas ser exportadores de minérios ou vamos ser exportadores de valor agregado. E isso nós vamos ter que discutir juntos.

Eu tenho discutido com os setores de papel e celulose, é incompreensível que um país que tem as vantagens comparativas, primeiro dadas pela natureza, depois dadas pela dimensão territorial, depois dadas pelo conhecimento tecnológico. Que a gente não seja o primeiro país do mundo na produção de papel e celulose, não tem explicação. Somente um pensamento pequeno é que faz com que a gente fique se arrastando e não ocupe um espaço que poderia ser nosso. Daqui a pouco estaremos admirando a China crescer nessa área e nós ficamos para trás nos contentando em ver a China crescer.

A nossa indústria da construção civil, sobretudo a indústria da construção civil pesada, e aqui tem Odebrecht, Queiroz Galvão, Camargo

Correa, Andrade Gutierrez, tem um par delas aqui. Na verdade, as últimas grandes obras feitas neste País foram, de um lado, Itaipu, em 74, de outro lado, Xingó, que terminou em 94, e depois nós paramos. Os empresários das grandes construtoras brasileiras sobreviveram procurando mercado no exterior. É por isso que hoje a gente vai ao exterior, primeiro a gente encontra um representante dessas empresas, depois encontra o embaixador brasileiro. E eu acho isso ótimo, mas eu acho ótimo que um país que tenha a necessidade e a demanda que tem o Brasil, faça a tarefa de casa para que a gente se dote da mesma possibilidade que os chamados países desenvolvidos.

Pois bem, nós, enquanto governo, resolvemos dar um pontapé. É sempre muito difícil, é sempre muito complicado, porque sempre as possibilidades do governo são menores do que a expectativa que o próprio governo gera, e menores que a expectativa do que a demanda exige que a gente possa atender. Para que a gente pudesse discutir o investimento de 504 bilhões de reais no PAC foi uma obra de engenharia que levou meses, envolvendo tudo que é instância do governo, empresas públicas, para que a gente começasse a dar um pontapé inicial, que as pessoas percebessem que é possível e que, a partir daí, a gente criasse um novo ciclo de comportamento do próprio governo. É não é pouca coisa o que nós estamos tentando fazer para os padrões de um país que conheceu a última demanda de investimento em infra-estrutura na década de 70, com o governo Geisel. Foram 30 anos em que este País um pouco ficou pagando a conta dos desacertos daqueles próprios investimentos. Mas o dado concreto é que 30 anos na vida de um país é uma geração e meia, uma geração e meia que não teve oportunidades.

E veja que engraçado: cresceu um pouquinho a economia, já tem necessidade do Gerdau produzir mais vergalhões, tem necessidade da Usiminas produzir mais não sei o quê, tem necessidade da Votorantim anunciar mais fábricas de cimento ou a Camargo Corrêa mais fábricas de cimento, não sei mais quem mais fábrica de cimento. Por quê? Porque nós não estávamos preparados para isso. O que eu ouço dizer é de empresas que tinham fábricas que tinham funcionado e estavam desativadas e que agora as pessoas estão ativando essas fábricas.

Me assusta quando a gente ouve dizer que a capacidade produtiva do País, a capacidade instalada já chegou a 87%. E nós sabemos que não pode

chegar a mais do que isso se não houver concomitantemente os investimentos que o Estado precisa para que a gente não tenha a volta da chamada demanda maior do que a oferta. E o resultado disso é o surgimento de mercado paralelo, o resultado disso é a volta da inflação, ou seja, é o desajuste da economia brasileira. É este País que nós precisamos construir daqui para a frente. E por que precisamos construir daqui para a frente? Porque hoje a situação nacional e a situação internacional nos permite discutir os assuntos sem nervosismo, discutir os assuntos com mais tranqüilidade, sentar numa mesa e não ficar o debate ideológico se o País precisa ou não de uma política industrial. Essa discussão, hoje, depois de tantas décadas perdidas, todo mundo chega à conclusão de que o Brasil precisa ter uma boa política industrial, de que o Brasil precisa ter um projeto, ter uma prateleira de projetos de infra-estrutura para atender a demanda na hora em que ela se apresenta. E nós não temos. O Brasil desmontou tudo que ele tinha de planejamento nos últimos 25 anos e, ao invés de fazer planejamento, contratou empresas de consultoria para fazer *powerpoint*. Esse é o dado concreto. E vocês perceberam que no *powerpoint* tudo é muito bonito, porque você faz um número maior ou menor, às vezes 1% de diferença parece que tem 50 de diferença, quando, na verdade o País precisa estar preparado para a gente fazer as obras que nós precisamos fazer.

De vez em quando eu fico vendo na imprensa: “Vai faltar energia”. Companheiros, se me permitem chamá-los assim, nós acabamos de contratar, no dia 16 de outubro, os leilões de quase 5 mil megawatts, quatro mil e poucos megawatts, entre hidrelétricas e termelétricas, para 2012. Ou seja, para 2012 nós já contratamos 110% das necessidades energéticas deste País. Mas vira e mexe a gente está vendo pessoas do próprio Brasil, não é estrangeiro não, é brasileiro mesmo, dizendo: “Olha, vai faltar energia”. Ora, a primeira condição para eu tomar a atitude de não fazer investimento é se me contarem que vai faltar energia. Eu vou fazer uma fábrica e vou ligá-la onde? Eu vou fazer o quê com essa fábrica?

Bem, nós, então, precisamos discutir demanda interna. A demanda interna que o Brasil precisa discutir é o seguinte: houve um tempo em que eu ouvia de alguns companheiros economistas que o Brasil só pode exportar o excedente. Ou seja, é uma teoria talvez simplista, mas era aquela que dizia o seguinte: primeiro a gente enche a nossa barriga, depois, se sobrar, a gente vai

chamar o vizinho que está lá fora para comer. Mas com a globalização, nós temos que pensar num jogo combinado tanto de atender o mercado interno quanto o nosso propósito de ter uma demanda de exportação quase fixa ou, como diria alguém do Banco Central, com viés de crescimento. Até porque quem deixar de exportar, achando “bom, agora eu vou deixar de exportar, vou atender o mercado interno”, quando voltar, é que nem em política, já ocuparam o espaço dele. Ele não vai ter mais aquele espaço.

Então, o que nós queremos é ter uma combinação perfeita entre as necessidades de ocupar um espaço no mundo, que está à nossa disposição, e manter a economia brasileira crescendo, sem permitir que falte aqui a essência das coisas que nós precisamos para crescer. Se nós combinarmos esse jogo, nós vamos ter, então, que andar um pouco o mundo e saber o seguinte: onde tem perspectiva para este País.

Eu digo algumas coisas aqui, e eu não quero que vocês vejam nisso nenhum problema contra quem quer que seja, mas hoje, no mundo globalizado, ou a gente coloca a cara e os pés no mundo para disputar espaço ou nós perderemos esse espaço. Não existe amigo, não existe companheiro nesse mundo negocial internacional. O que existe é ousadia, qualidade e preço competitivo que vão nos fazer ocupar esse mercado.

De vez em quando eu fico imaginando o seguinte: se nós olharmos o Planeta, vamos perceber que os Estados Unidos são um mercado, eu não diria exaurido, porque é sempre o mercado maior do mundo, aquele negócio todo, mas é como se fosse... Eu sou obrigado a fazer essa comparação meio chula aqui, porque é a forma que eu faço na rua para as pessoas entenderem. Os Estados Unidos são como se você fosse a um baile, um homem, e tivesse 30 mulheres e 100 homens, ou seja, a chance de você dançar uma musiquinha é difícil porque tem muita disputa. É verdade. Agora, tem outros países em que você chega no baile e tem 100 mulheres e apenas 30 homens. Aí a chance de você dançar é maior. Também pode ser 30 homens e 100 mulheres, pode ser o inverso da comparação.

Por que eu estou dizendo isso? Porque a experiência que nós vivemos nesses primeiros quatro anos e meio de governo, de tentar fazer uma diversificação no mundo negocial brasileiro, tentando estabelecer novas relações, tentando discutir nichos de oportunidade tanto para o Brasil exportar

quanto para importar, mas também para que o Brasil possa fazer investimentos em determinados setores, está fazendo com que a gente enxergue um caminho excepcional para o Brasil entrar e ajudar, não apenas o Brasil, mas ajudar a economia daqueles países a crescer.

Eu vou dar um exemplo. Estou com uma viagem marcada, acho que para abril ou maio, para a Indonésia. A Indonésia é um país com 210 milhões de habitantes. Como nesses países asiáticos a população cresce muito rapidamente, até chegar a nossa ida lá, vai estar com 220 milhões de habitantes. A balança comercial do Brasil com a Indonésia – o Brasil que tem quase a mesma população – é de apenas 1 bilhão de dólares. Eu não sei quantos empresários que estão aqui já foram à Indonésia, não sei quantos ministros, ao longo da história do Brasil, foram à Indonésia, não sei quantos presidentes foram à Indonésia. Ora, se nós não tomarmos a iniciativa de ir à Indonésia e dizer que nós existimos, que nós temos índios, que temos a Amazônia, mas que também nós produzimos avião, que também temos indústria de máquina moderna, produzimos os ônibus do Martins, da melhor qualidade... A Feira do Transporte que fui ver esses dias, no Anhembi, é motivo de orgulho para qualquer governante de qualquer país do mundo. Ver o que nós somos capazes de produzir, ter uma indústria como a Petrobras, ser o maior produtor de soja, o maior produtor de carne, o maior produtor de etanol, o maior vendedor de suco de laranja... Tem muita coisa em que a gente pode ser o maior, se a gente quiser.

Agora, para eu ir à Indonésia, eu não posso chegar lá, ser recebido no aeroporto pelo embaixador brasileiro, ir para o hotel, dormir, encontrar com o presidente indonésio, assinar três ou quatro protocolos que depois voltam para cá, a burocracia te segura dez anos para funcionar e está resolvido. Não. Quando eu for à Indonésia, nós temos que fazer uma ocupação da Indonésia, nós temos que ter uma feira dos produtos brasileiros na Indonésia, nós temos que chegar lá uma semana antes, mostrar o que nós produzimos, levar a maioria dos empresários brasileiros uma semana antes para fazer debates, para conversar com os segmentos sociais deles, para que a gente possa estreitar uma relação competitiva com os chineses.

Houve aqui, durante muito tempo, pessoas que falavam “porque a China é um bom parceiro”. A China é um bom parceiro, mas é um bom parceiro que

faz a gente ficar 24 horas com um palitinho no olho para não dormir, porque se dormir, o bicho pega. Vamos pegar o caso de Angola, está aqui a Petrobras. A Petrobras ganha leilão aqui no Brasil, os blocos que ela faz leilão, ela ganha por 100 milhões de reais. Ela foi a Angola, botou 600 milhões de dólares, a Índia botou 700 milhões de dólares, a China colocou 1 bilhão e 300 milhões de dólares. O Brasil tem relação de 300 anos com Angola. Nós estamos nos vangloriando que estamos lá com investimentos de 2 bilhões e 100 milhões. A China chegou com 3 bilhões e meio e colocou lá. E é assim no Congo, é assim na República Popular do Congo, é assim no Gabão, ou seja, esse é um espaço em que nós poderíamos ter uma participação muito maior.

Meus companheiros, Angola importa material de construção de Portugal, e aqui tem empresário de construção se queixando apenas da taxa Seconci. Vá investir em Angola, ganhar dinheiro, vamos diversificar o nosso centro de atuação. Abílio Diniz, você precisa montar um Pão de Açúcar em Angola. Não sei se já tem, se não, monte. Se não, a Odebrecht vai montar, você tome cuidado. A Andrade Gutierrez, eles estão diversificando muito a participação deles. E isso vale um pouco para a América do Sul, para a América Latina. Eu tenho falado com os companheiros produtores de etanol: a gente ficar brigando para os Estados Unidos reduzirem a taxa do nosso etanol, a gente não vai conseguir, porque os americanos, como nós, disputam a eleição e precisam de voto, e lá os produtores de etanol e de milho dão voto.

Agora, por que a gente, ao invés de ficar brigando com eles, a gente não vai fazer parceria com os países da América Central e vender o nosso álcool junto daqueles países que têm livre comércio com os Estados Unidos? Depois, quando eles estiverem dependendo do etanol pronto, aí vão comprar de onde tiver, porque já estão dependentes mesmo. Não é assim que fazem, Abílio, as grandes cadeias, que vão para um país, vendem tudo mais barato até ganhar e depois ajustam os preços de acordo com o seu poder de monopólio?

Então, o Brasil vive um momento em que vai precisar de nós um pouco mais de ousadia. Primeiro, internamente. Este País, ele não vai dar certo porque o presidente da República acredita que ele vai dar certo, ele não vai dar certo porque o ministro da economia de vez em quando mostra uns números aí, que são motivo de orgulho para nós. Ele vai dar certo na hora em que todos nós acreditarmos que o País é isso, e que o País pode ser melhor do que isso.

E depende muito, mas muito, muito, de cada um de nós.

Eu sou um homem gratificado até pela informação que os meus ministros me dão e, às vezes, os empresários vêm aqui anunciar os investimentos, combinando isso com o PAC. Eu percebo que o Brasil está entrando numa fase importante. Agora, para a gente chegar a isso, foi preciso quebrar barreiras. A muralha do Muro de Berlin era pouco diante daquilo que a gente teve que quebrar aqui. Mudar costumes.

A nossa companheira tem razão, a Luíza, ou seja, o BNDES está se preparando para emprestar dinheiro para a grande empresa brasileira, isso depois de o empresário esperar 300 dias para eles estudarem. Agora está melhorando, mas é preciso pensar num financiamento para o conjunto. Esses dias eu fui a BNDES e eu disse: “Luciano, para o BNDES cumprir com a sua função, a que todos nós esperamos, ele não pode ficar se vangloriando de ter apenas 60 bilhões de reais para investir, ele tem que ter 80, 90, 100 bilhões, e não pode faltar o dinheiro”. E aí tem que entrar a combinação com o Tesouro. Eu digo sempre para o Guido, o Guido precisa tratar o BNDES, agora que ele é ministro da Fazenda, como ele queria que o Palocci tratasse quando ele era presidente do BNDES e o Palocci ministro da Fazenda. É só isso, não precisa nem mudar de comportamento, é só não esquecer a sua origem e o passado, as coisas vão embora, as coisas fluem com muita facilidade.

Bem, obviamente que nós temos que construir este País. O Miguel Jorge, o Luciano Coutinho vão ter que começar a chamar o setor de papel e celulose e discutir com eles um grande projeto para este País, vão ter que discutir com a indústria automobilística, discutir com várias cadeias produtivas, o setor siderúrgico, para a gente começar a pensar o Brasil nos próximos 15 ou 20 anos. Fazendo um prognóstico do que vai ser a China, do que vai ser a Índia e do que vão ser os países africanos, porque aquela gente está aprendendo a fazer democracia e estão aprendendo que somente com paz é que eles podem crescer. Isso leva tempo, mas eles estão aprendendo.

A possibilidade de um país como o Brasil ter ascendência no desenvolvimento de Angola é algo extraordinário. Estou dizendo Angola porque está aqui mais perto. Agora, para isso nós precisamos fazer um jogo combinado. Nós já abrimos um pouco, o BNDES já está, hoje, financiando a indústria brasileira a comprar indústria estrangeira no exterior, já é um passo

extremamente importante. Mas nós precisamos ver o que mais é possível fazer para que a gente possa fazer esse jogo combinado, ou seja, aonde o Brasil quer chegar? E para o Brasil chegar lá, tem a responsabilidade do governo, e algumas vocês colocaram aqui.

O Brasil, certamente, precisa fazer reforma. Reforma é uma coisa que a gente faz, eu diria, se não cotidianamente, a gente faz de tempos em tempos. Reforma não é uma coisa que a gente faz hoje e que vai durar a vida inteira, ou seja, a reforma é você ir adequando o Estado brasileiro e as coisas do País à realidade, aos avanços tecnológicos, aos avanços científicos, você vai adaptando. E, aí, nós precisamos de algumas reformas.

Eu só queria chamar a atenção de vocês para a gente não vender gato por lebre e achar que as coisas dependem apenas de uma reforma. Dependem de um conjunto de coisas. Eu lembro do tempo em que venderam que a solução dos problemas do Brasil era a Constituinte. Nós passamos 10 anos andando por este País, o cara falava: “Estou com fome”. “É a Constituinte”. “Eu quero não sei o quê”. “É a Constituinte”. Ou seja, nós passamos a vender que a Constituinte era a solução de todos os problemas. Ela veio, ela nos deu muitas garantias nos direitos civis, nos direitos humanos, mas na economia... E vocês sabem que democracia é muito boa quando a gente come, quando a gente estuda, quando a gente tem acesso à cultura, ao lazer. É o que eu digo sempre: democracia é importante quando a gente pode gritar que está com fome, mas é muito mais importante quando a gente pode comer.

Bem, como é que a gente vai continuar esse processo se as nossas empresas de transporte aéreo estão numa situação crítica? Eu não diria que as empresas estão num momento crítico. Eu diria que nós temos dificuldades, ou seja, como é que pode um país da África precisar ir a Paris para vir ao Brasil? Como é que pode alguém da América do Sul ter que ir a Miami para vir ao Brasil? Qual é a lógica deste País que quer ser um país com maior incidência e com uma incidência determinante na política internacional, se a gente não garante o direito de ir e vir das pessoas? E o mais grave, Guido Mantega, é que a gente não só não tem os aviões para ir lá, como a gente proíbe de eles virem. É impressionante.

Essa é uma discussão em que eu quero voltar a chamar as indústrias, chamar as instituições para a gente discutir o que tem que fazer para o Brasil

voltar a ter a importância que já teve no transporte aéreo. Não vamos criar nada de novo. E aí, Guido, a verdade é essa, é que se num primeiro momento o Estado tiver que garantir o número de assentos, nós vamos ter que garantir. Vai ter crítica? Vai. Mas senão não tem como, o presidente do Equador para vir ao Brasil fazer negócio, tem que ir a Miami. Ou um presidente da África, que está aqui... dá quase para vir a nado do Atlântico aqui, ele tem que ir a Londres para vir ao Brasil. É a mesma coisa de um turista do Pará precisar ir a São Paulo para ir para Miami, ou alguém de Pernambuco ter que vir... Não, hoje não dá, porque tem os vôos charters.

A verdade é que tudo isso faz parte de uma teia de aranha que nós temos que consertar para o Brasil definitivamente acabar com os seus problemas. E eu penso que isso é o que nós poderemos discutir daqui para a frente.

A reforma tributária, eu queria só chamar a atenção de vocês para uma coisa: da parte do governo federal não tem nenhum “senão” com a reforma tributária. Nós a mandaremos para o Congresso Nacional no momento em que entendermos que o Congresso Nacional está preparado para votar e que os governadores vão aceitar, porque o problema hoje não está mais no governo federal. Se o Guido já conversou com vocês, já fez a apresentação, o problema da reforma tributária, do nosso lado, está resolvido. Agora, é preciso convencer os entes federativos de que isso está resolvido para que eles possam aprovar, e vocês podem ser parceiros importantes nisso. Se a gente deixar pelo discurso de cada um, cada um tem uma reforma tributária na cabeça. Junte dois empresários no cafezinho, que tem duas políticas tributárias; junte dois políticos, que tem duas políticas tributárias; junte o prefeito da capital e o governador, que eles entram em guerra quando se fala em política tributária. Então, nós precisamos construir, se não a perfeita, aquilo que é possível melhorar a vida do País. E o projeto está, da nossa parte, Guido, pronto para ser apresentado.

A segunda coisa: a questão trabalhista. Eu tenho dito aqui nas reuniões com o Conselho e tenho dito aos dirigentes sindicais que é importante começar a pensar que tipo de reforma trabalhista nós queremos. Mas a gente quando fala isso, não pode esquecer que nós acabamos de aprovar uma Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que tem outra lógica tributária e outra lógica na

questão trabalhista. Agora, quando nós falarmos em reforma trabalhista, nós precisamos saber o que pensa o outro lado. É por isso que nós criamos um Fórum Nacional do Trabalho, por isso que nós criamos um fórum para que a gente pudesse votar a reforma sindical, por isso criamos um fórum agora para discutir a questão da reforma da Previdência Social, porque nós não podemos fazer uma reforma trabalhista que signifique negar o que tem, e não podemos pensar em reforma, mantendo tudo o que tem.

Qual é a possibilidade que nós temos de discutir uma reforma trabalhista em que você estabeleça o padrão básico para os trabalhadores e estabeleça a relação contratual no contrato coletivo para você mudar e fazer a flexibilização? Essa é uma coisa que não está bem digerida pelos empresários e que não está bem digerida pelos trabalhadores. E só vai ser digerida se colocarem na mesa de negociação, as duas partes. E a gente tem que sempre pensar que nós temos que construir essa maioria na sociedade. Sempre vai ter uma ou outra categoria que não vai estar satisfeita, mas essa história de construir 100% de consenso, não existe. Na dúvida, manda para o Congresso Nacional e ele vota. Entre mortos e feridos, o Brasil ganha. E vocês sabem da minha disposição de construir esse fórum para discutir isso.

A questão da educação, companheiros. Vamos ver o que já foi feito na educação neste País? Primeiro, nós aumentamos, de oito para nove anos, o número de permanência de crianças na escola, no ensino fundamental. Segundo, nós aprovamos o Fundeb, que introduz mais de 4 bilhões na educação, agora, inclusive, melhorando o salário dos professores. Terceiro, nós acabamos de lançar o PDE, que é o Programa de Desenvolvimento da Educação, que é a grande revolução na educação brasileira. Além disso, nós chegaremos a dezembro de 2010, com 10 universidades federais novas construídas no Brasil, 48 extensões universitárias pelo interior do País, e 214 escolas técnicas novas construídas no País. É importante lembrar que em 93 anos foram construídas apenas 140. Nós vamos construir, em oito anos, mais 214 escolas técnicas. E por quê? Porque, com o pouco crescimento da economia, os empresários já estão sentindo falta de mão-de-obra qualificada. Eu não sei se os nossos órgãos, tipo Senai, estavam preparados para o crescimento. Na hora em que a economia está estagnada, todo mundo vai entrando na mesmice, aí fica que nem o time do Corinthians, precisa lutar hoje

para não cair. Na verdade, a gente poderia ter mão-de-obra já preparada, o que depende do governo, mas também depende de vocês, porque se cada empresário investir na mão-de-obra que ele vai precisar, nós estaremos um pouco mais tranquilos. Mas se os empresários não fazem e nós não fazemos, aí ninguém vai ficar tranquilo neste País.

A última coisa que eu queria falar para vocês é a questão dos biocombustíveis. Para mim, esta é uma discussão que não tem volta. Esta não tem volta, meu caro Néelson, o mundo vai se curvar aos biocombustíveis, até porque o barril de petróleo a quase 100 dólares é injustificável. Então nós, entre mortos e feridos, precisamos investir mais. Vocês não imaginam a tarefa que nós temos, que é criar um conceito de que a nossa querida Petrobras não seja apenas uma empresa de petróleo, ela tem que ser uma empresa de energia neste País para ser muito mais do que isso. Ninguém tem mais credibilidade no exterior para colocar sua marca num produto do que a nossa Petrobras. Então, ela precisa assumir a responsabilidade mais forte na questão do biodiesel, mais forte na questão do etanol. Como? Não me perguntem. Mas nós vamos ter que construir essa necessidade de fazer a Petrobras ser mais do que uma empresa de petróleo, ela tem que ser mais do que isso. E, para isso, nós vamos precisar de reformulação de conceitos, de práticas administrativas, de demandas políticas, para que a gente possa dar ao Brasil a dimensão que o mundo espera que nós tenhamos. Teve um tempo em que muitos de vocês tinham medo do PT e eu dizia assim: “As pessoas têm medo do PT porque não conhecem o PT”. Eu acho que as pessoas, hoje, têm uma respeitabilidade com o Brasil e nós mesmos ainda não criamos dentro de nós essa respeitabilidade. Vocês sabem qual é o resultado de uma figura colonizada conversar com o colonizador? Vocês sabem qual é o efeito cultural disso na cabeça das pessoas? Basta que vocês brasileiros negociem com empresários americanos. Eles, às vezes, são menos que nós, mas na arrogância certamente eles têm 100% a mais do que nós. Sabem por quê? Porque é uma cultura que não é a cultura da arrogância, é a cultura do cara acostumado a fazer valer aquilo que ele quer. E nós, brasileiros, temos a mania de nos acharmos inferiores. Eu tenho companheiros que negociaram com o FMI há 20 anos, há 25 anos, eles diziam para mim: “Oh, Lula, é uma vergonha a gente negociar no FMI, a gente já chega lá rastejando, a gente não tem condições de dizer não, ou seja, eles já

baixam o tãção em cima da gente”.

Eu fui agora na República do Congo, o presidente me disse o seguinte: “Presidente Lula, está difícil, se vocês não nos ajudarem como é que a gente vai salvar o nosso País?” Eu vou fazer uma estrada, vem o FMI e diz: “Não pode fazer”. Eu quero fazer uma escola, o FMI vai lá e diz: “Você não pode fazer”. Tudo pelo ajuste fiscal. Ou seja, nós vamos ter que gritar que quem seguiu as orientações do FMI, na década de 90, quebrou. Nós temos que seguir é a nossa orientação, até porque não precisamos de ninguém para nos dar lição de seriedade, lição de competência. Como é que um país que tem o sistema financeiro moderno como o nosso vai precisar de orientação do Fundo Monetário, que hoje não tem essa credibilidade toda? Quem está ganhando credibilidade são os fundos soberanos, dos quais o Brasil faz parte com muita honra.

Bem, então nós precisamos, meus amigos, daqui para frente começar... Eu quero ver se todas as viagens que eu for, eu não vou convidar para a Copa do Mundo porque essa é na segunda-feira, não dá tempo, mas cada viagem que nós formos fazer, Miguel Jorge, é preciso que a gente acerte com um conjunto de empresários, não precisa levar todos, mas em função da peculiaridade daquele país, que a gente acerte com um conjunto de empresários para que a gente faça um barulho naquele país alguns dias antes, que a gente possa se mostrar. Nós não sabemos fazer isso direito ainda e também temos pouca vocação. A palavra não é expansionista, não, não quero dizer isso não. Mas eu me lembro, quando eu fui a Angola, em 2003, que eu falei que os empresários brasileiros precisariam não ter medo de ser empresas multinacionais, que era importante as empresas brasileiras fincarem o pé em outros países e servir de bandeira lá. A empresa brasileira me criticou, mas o dado concreto é que hoje nós já temos exemplos bem-sucedidos de muitas empresas brasileiras que estão ocupando espaços importantes. Desde a Argentina à Guatemala, na África, no Canadá, hoje o Brasil é o maior investidor no Canadá, quem diria. Então, eu penso que nós construímos esse momento.

Daqui para frente eu queria pedir duas coisas a vocês, não vou pedir cinco, como disse o Luciano Coutinho. O que eu queria era que houvesse entre nós uma relação de seriedade extrema. Por que eu digo seriedade extrema? É porque nós temos que construir as coisas juntos. Se o Luciano Coutinho e o

ministro do Desenvolvimento comecem a chamar setores da sociedade brasileira para dizer: “Bom, nós vamos construir que setor agora, qual o setor em que nós vamos criar políticas de incentivo, em que vamos fazer desoneração tributária, em que vamos fazer investimentos?” Que a gente assuma aquilo como um compromisso de fazê-lo, sobretudo nas áreas que nós consideramos que o Brasil tem vantagens competitivas, em que o Brasil será imbatível no curto, no médio e no longo prazo. Se nós contribuirmos entre nós, nós poderemos fazer num curto espaço de tempo um País muito maior.

E, por último, dizer para vocês que o exemplo das licitações que nós fizemos das sete rodovias é o exemplo de que o Brasil mudou de verdade. Mudou o Brasil, mudaram os empresários, mudaram os consumidores e nós poderemos fazer muito mais. Ontem, eu tive uma surpresa, porque eu fico acompanhando essas notícias pelos jornais e estava aquele negócio: “O preço da energia vai subir, vai para 140, vai para 160”. Ontem, o leilão foi a 125 para 2012. E, certamente, nos próximos leilões, os preços serão mais baratos, porque as pessoas também estão aprendendo que se nós formos mais justos com o nosso País, todos vão ganhar. Nós queremos ver se entramos agora – ainda este mês, Dilma, ou o mês que vem? – com o leilão do rio Madeira. Então, o que eu vou dizer para vocês? Energia não vai faltar. Infra-estrutura... os portos estão sendo consertados. Foi difícil, primeiro tomar a decisão de que não teria mais representante de partido nos portos, ou seja, os portos seriam administrados por profissionais, seja de onde vierem. Segundo, quebrar o monopólio de três dragas, de um grupo de empresários que determinavam a dragagem neste País, ou seja, abrir para que empresas estrangeiras venham participar desse processo, porque são coisas que você decide e, três anos depois, pergunta como estão, não estão, porque não aconteceram ainda.

Então, essas coisas de infra-estrutura... o que nós fizemos em ferrovia, a gente fala dos pedágios, mas não fala da ferrovia. Nós tivemos, neste País, concessão de ferrovias para 90 anos, sem o compromisso de fazer nada. Eu, agora, quero fazer um trecho até Cosmópolis e a resposta que me deram – não, Cosmópolis, não, Rondonópolis – é que não tem projeto. Não tem projeto, não, não tem interesse econômico. O projeto está lá. Aí nós fomos obrigados a dizer: se vocês não fizerem, o Estado vai fazer. Porque não é possível.

Mas eu queria dizer o seguinte: nós acabamos de fazer o leilão da

ferrovia Norte-Sul, 720 quilômetros. Enquanto nas concessões passadas saiu a 70 mil dólares o quilômetro – é esse o número, Dilma? 40 mil dólares o quilômetro – neste agora saiu a 1 milhão e 128 dólares o quilômetro. E vamos fazer, viu Emílio, também a da Bahia. Vamos fazer um teste na Bahia, de ferrovia, para que a Bahia não fique chorando que não tem ferrovia. Eu vou ver se o Benjamin quer fazer em parceria, quem sabe a primeira PPP, depois da experiência da Transnordestina.

Então, eu quero dizer isso para vocês. Olhem, eu quero que vocês construam uma parceria com este País, mais do que vocês já construíram. O Banco do Brasil já não está tão duro para emprestar dinheiro – inflexibilizou ainda os meus caminhoneiros que estão com problema –, a Caixa Econômica já não está tão dura – tem uns problemas que foram levantados aqui, de que é mais fácil comprar um carango do que comprar uma casa, pela papelada. Mas essas coisas, certamente nós vamos consertar, porque eu, depois de quatro anos, estou convencido de que nós precisamos destravar qualquer empecilho que crie dificuldades para o País. Aliás, eu não sei a quem interessa criar tantos empecilhos. Certamente não é ao povo brasileiro, certamente não é aos empresários, certamente não é aos consumidores, existe alguma coisa obscura que não permite que as coisas andem.

E eu quero que vocês construam, de verdade, esse compromisso conosco, de que nós vamos fazer as coisas andarem. Nenhum de vocês pode ter qualquer dúvida de cobrar de nós o que tiver que cobrar, de reclamar o que tiver que reclamar, de pedir para um ministro as mudanças que nós tivermos que fazer. Eu acho que nós só iremos fazer este País que eu quero e que vocês querem, se houver, entre nós, muita, mas muita lealdade. Não lealdade política, não lealdade ideológica, não lealdade religiosa, mas lealdade no compromisso com este País. A verdade é essa, é que todos nós somos passageiros e o País é infinito.

Muito obrigado pela presença de vocês e espero que o Miguel Jorge faça outra reunião desta. Nós, agora queremos chamar os microempresários, depois vamos querer chamar os médios empresários, para que a gente vá acertando e termine, de uma vez por todas, com os problemas que atrapalham o nosso País.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar – Edição 2007

Brasília-DF, 25 de outubro de 2007

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,
Minha companheira Marisa,
Deputados Celso Maldaner, Elcione Barbalho e Zenaldo Coutinho,
Meu caro Francisco de Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,
Meu caro Toninho Trevisan, presidente do Comitê Gestor da Ação Fome Zero, um baixinho gordinho de Rio Bonito,
Meu querido Daniel Balaban, presidente do FNDE,
Meu caro Francisco Antônio da Fonseca,
Nosso querido Chico Menezes, presidente do Consea,
Meus amigos e minhas amigas,

Na verdade, quem deveria estar falando aqui era o Patrus e não eu, por justiça de ser o ministro que cuida da questão mais importante, que é cuidar de combater a fome. Mas eu quero dizer para vocês, já que o Cerimonial me colocou para falar e não o Patrus, que quando nós começamos essa premiação, em 2004, a gente não tinha muita certeza se os prefeitos iriam atender ou não ao chamamento do governo federal. Muitas vezes as pessoas têm medo de competir e não ganhar ou, muitas vezes, as pessoas não têm confiança, como se diz na linguagem popular, “no seu taco”, ou seja, às vezes estão fazendo uma belíssima política mas ainda acham que tem gente que faz melhor do que elas e ficam com vergonha de se inscrever.

O dado concreto é que nós pulamos de 383 municípios que se inscreveram e 10 foram premiados, em 2004, para 751 municípios inscritos e o número de premiados também aumentou para 24. Eu queria dar os parabéns ao Conselho Gestor que escolheu as pessoas para serem premiadas, que escolheu as políticas públicas premiadas. É importante que os meios de comunicação registrem isso, porque essa prática republicana de não olhar a

sigla partidária ou o credo religioso permite que a gente possa acertar mais, ser mais isento e ir formando uma consciência republicana no nosso País.

Dos premiados, nós temos prefeitos do PMDB – são seis prefeitos do PMDB – nós temos cinco prefeitos do PT, nós temos cinco prefeitos do PP, nós temos dois prefeitos do PSDB, nós temos dois prefeitos do DEM, nós temos dois do PTB, um do ex-PL, hoje PR, e um do PPS. É extremamente importante porque isso mostra a coloração partidária que administra os nossos municípios sendo premiada, tendo em conta que as meninas e os meninos que fizeram a seleção não levaram em conta essa questão partidária, mas levaram em conta a boa política que vocês adotaram nos municípios e, certamente, tem muito mais outros que poderão ganhar no próximo ano.

Tem um companheiro que é o prefeito de Paragominas, o Adnan Demachki, que é do PSDB, inclusive. Acho que ele não veio aqui, não sei se está aí, mas ele é tricampeão porque já recebeu o prêmio em 2004, 2005 e 2006. Eu penso que não posso deixar de registrar aqui a seriedade com que as pessoas que escolheram as políticas se comportaram. Se alguém fizer queixa “ah, aquilo é feito para homenagear prefeito amigo do presidente”, pode constatar, pelas premiações, que aqui não tem amizade. Amizade à parte, política pública é uma outra coisa que nós precisamos valorizar cada vez mais. Por quê? Porque cabe a nós, agora, do governo federal, cabe ao ministro da Educação, ao ministro do Desenvolvimento Agrário, do Desenvolvimento Social e de Combate à Fome, a todo o governo ir divulgando as boas práticas premiadas, para ver se outros prefeitos e outras prefeitas se sentem estimulados a colocar em prática.

Seria extraordinário se a gente pudesse abrir uma competitividade entre vocês, se a gente pudesse dar um prêmio em dinheiro para a melhor política pública. Mas a gente acha que, muito mais do que o dinheiro, é o prazer e a satisfação de ter uma ação governamental de um ente federativo premiado com uma boa política pública, porque muitas vezes se trabalha tanto e muitas vezes não existe nenhum reconhecimento. Muitas vezes não existe reconhecimento. Neste caso, eu penso que há um cumprimento, viu Toninho, eu queria parabenizar porque há um reconhecimento. Eu penso que, nesses próximos três anos, nós vamos chegar a dois, três mil prefeitos se inscrevendo, quem sabe precisaremos aumentar o número de prefeitos premiados, quem

sabe criar um prêmio extra para os melhores dos melhores, porque são com exemplos assim que a gente vai estimulando outras pessoas a acertarem.

Eu queria dizer para os companheiros prefeitos que estão aqui presentes, que as coisas só tendem a melhorar. Eu posso garantir para vocês que o Brasil entrou numa linha de comportamento, num ciclo de desenvolvimento, que não tem mais retorno. Eu digo sempre que, a quem vier depois de nós, tem como paradigma uma política que pode não ser a melhor do mundo, mas, certamente, é uma das melhores que já foi colocada em prática neste País. O nosso desafio agora é transformar essas políticas em forte organização social e institucional para que as pessoas que venham depois nunca fiquem mudando, acabando com essa, acabando com aquela, porque nós aprendemos que a melhor forma da gente acertar é a construção da parceria entre o governo federal e os prefeitos deste País. Nós estamos convencidos disso. Vai ter um ou outro prefeito que comete desatino, como tem na humanidade sempre muita gente que comete desatinos. Mas a nossa experiência nesses quase cinco anos de governo é que essa ligação entre o governo federal e as prefeituras, na maioria dos casos, tem dado certo. De vez em quando a imprensa pega um erro de um prefeito ou de um gestor e coloca aquilo como se fosse regra quando, na verdade, o erro neste caso é uma exceção.

Então, eu quero, Toninho, parabenizar a nossa ONG, quero parabenizar os prefeitos e as prefeitas e dizer para vocês que eu estou participando disso desde 2004, eu quero ver se em 2008 estarei aqui com vocês, em 2009 estarei aqui com vocês, em 2010 estarei aqui com vocês e em 2011, se alguém me convidar, eu estarei aqui com vocês.

Parabéns e que Deus abençoe os nossos prefeitos e que possam servir de exemplo para o Brasil.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de sanção do projeto de lei que cria Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais

Palácio do Planalto, 25 de outubro de 2007

Bem, companheiros e companheiras, eu penso que o que o Ministério da Educação está fazendo, em nome do governo, com a contribuição dos deputados e dos senadores, pode marcar o tempo de deputado que vocês exerceram, e de senadores, entre 2003 e 2010, sobretudo nesse final, nesse segundo mandato. Porque vocês já aprovaram o Fundeb, que era uma coisa extremamente necessária para que nós começássemos a resolver o problema na educação, colocaram mais 4 bilhões de reais. Depois, vocês ajudaram a construir, e o Fernando disse bem, já aprovaram quase tudo, falta parece-me que uma única coisa a ser votada, do nosso PDE, que é o que vai consolidar o processo de reforma na educação. Vocês aprovaram o ProUni, e quem mora em alguma cidade que tenha universidade neste País, e no interior, sabe o ganho extraordinário da quantidade de jovens que estão entrando na universidade.

Agora mesmo, terminada essa conversa aqui, eu vou conversar com o Fernando Haddad e com todo o pessoal do seu Ministério para continuar discutindo o aprimoramento da questão da educação neste País.

E quando o Fernando fala que vocês aprovaram quase tudo por unanimidade, demonstra que tem determinados assuntos que passam pelo Congresso Nacional que ninguém está preocupado a que partido pertence, quem é o ministro da Educação. Muitas vezes são bandeiras que vocês levantaram ao longo de décadas e décadas, uns começaram a levantar quando eram estudantes, outros começaram a levantar quando viraram vereadores, outros quando viraram prefeitos, outros quando viraram senadores, como o Lobão, governadores.

E essas coisas estão fluindo, agora, com mais facilidade. E por que as coisas estão fluindo com facilidade? Porque eu acho que o Brasil encontrou um caminho que durante décadas nós procurávamos. Ou seja, o Brasil parece que se encontrou consigo mesmo, as coisas estão andando, eu diria, de forma

extraordinária, as coisas estão acontecendo com muita fluidez. E eu penso que quando a gente não tem a loucura de ficar discutindo coisas inócuas, como muitas vezes a gente discute, por falta de assunto ou apenas por rixa política, e a gente tem tempo de pensar um pouco melhor o Brasil, a economia estando ajustada, a inflação estando controlada, a gente, então, a gente tem condições de pensar muito mais livremente em coisas que em tempo de confusão política você não pensa.

Portanto, o que está acontecendo nessa legislatura de vocês e no nosso mandato? É que nós estamos construindo um Brasil que poderia ter sido construído na década de 60, poderia ter sido construído na década de 70, poderia ter sido construído na década de 80, mas não foi. Imaginem vocês que se nós tivéssemos dado seqüência ao que o Nilo Peçanha começou em 1909, com a construção de escolas técnicas, hoje, certamente, nós teríamos milhões de jovens brasileiros com boa formação profissional. Depois de uma escola técnica, com a melhoria no salário do trabalhador, certamente ele iria fazer universidade, ou pública ou privada, mas ele iria fazer.

Então, nós temos aí 30 ou 40 anos em que a educação não foi tratada como prioridade. E hoje nós estamos colhendo os números que foram plantados há meio século atrás. De vez em quando eu me pergunto quanto custou a gente não ter feito as coisas neste País, no momento que precisavam ser feitas. Quanto custou? Então, nós não fizemos a reforma agrária no tempo que precisava ser feita, nós não fizemos as reformas que precisavam ser feitas, no tempo que era preciso ser feitas, não investimos, por quê? Porque sempre que a gente pensava em fazer qualquer investimento levava-se em conta que era gasto, o Orçamento da União não comportava, você não fazia, ao passo que não tem investimento mais digno para o País do que o investimento em educação. Não tem nada que valorize mais uma nação do que a própria formação do seu povo, o grau de conhecimento que o seu povo tem.

Tem outras coisas que vão aparecer para vocês votarem lá, relativas à educação, a gente não pode parar. Eu acho que todos nós, na medida em que a gente vota a primeira coisa importante, a gente vê que dá certo, vota a segunda, vê que dá certo, eu acho que nós vamos ter mais coisas para preparar para a educação. Certamente, cada vez que o pessoal do Ministério pede uma reunião comigo, eles têm uma novidade para apresentar, e essa

novidade, se for para aprimorar o processo educacional do País, vamos fazer, porque nós achamos que o Brasil não tem outro caminho. Certamente, nós poderemos nos deparar com gente dizendo: “Ah, mas está contratando gente”. E vai precisar contratar. Eu quero dizer para vocês que vamos mandar medida provisória para vocês pedindo para contratar gente, porque com essa quantidade de escolas que a gente quer fazer, nós vamos precisar de professores, vamos precisar de doutores, vamos precisar de mestres, vamos precisar de técnicos, vamos precisar de merendeiras e vamos contratar. Porque esse discurso de que o Estado não pode contratar é o discurso daqueles que querem que o Estado seja inoperante. Inoperante na fiscalização ambiental, inoperante na Polícia Federal, inoperante nas instituições que foram criadas para funcionar. Então, nós vamos fazer.

Nós, logo, logo, estaremos discutindo a Emenda 29, portanto, ela vai exigir mais recursos para a saúde e vai exigir também mais contratações de médicos, mais contratação de enfermeiros, mais contratação de funcionários. Se não for assim, o Estado sempre será manchete dos jornais por maus serviços prestados à população. Então, eu prefiro que alguns críticos digam que nós estamos contratando gente, mas esses mesmos críticos reconheçam que os serviços públicos essenciais estão sendo prestados com muita qualidade. Ou nós fazemos isso ou este País não vai para frente.

E nós vamos destravar tudo que está travado neste País, porque o que nós construímos nesse período foi muita coisa. Quem mora no interior, quem é deputado no interior sabe que as coisas estão acontecendo e que, muitas vezes, nem a imprensa consegue acompanhar, a não ser a imprensa local, e as coisas estão acontecendo em cada cidade deste País e vão acontecer mais. No que diz respeito à educação, vocês podem ficar certos de que nós não mediremos nenhum sacrifício para fazer este País recuperar os 30 ou 40 anos que ele perdeu no passado.

Por isso, meus parabéns a vocês. E eu espero que na semana que vem tenha mais coisas para eu sancionar aqui, na outra, um pouco mais, e no final a gente vai perceber que os nossos filhos sentirão orgulho daquilo que nós fizemos para o nosso País.

Muito obrigado, gente.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração de um milhão de veículos da Ford**

Camaçari-BA, 29 de outubro de 2007

Companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,
Embaixador dos Estados Unidos,
Ministros que me acompanham nesta visita à Ford,
Meu caro presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,
Meu caro senador César Borges,
Deputados federais aqui presentes, Joseph Bandeira, Uldorico Pinto e
Nelson Pelegrino,

Meus amigos e amigas deputados estaduais e deputadas estaduais,
Secretários de estado,
Meu caro Caetano, prefeito de Camaçari,
Companheiros sindicalistas,
Quero cumprimentar o Márcio de Oliveira, presidente da Ford Brasil e
Mercosul,

O Rogério Golfarb, diretor de Assuntos Corporativos da Ford para a
América do Sul,

Quero cumprimentar o diretor global da Ford, de Estratégias da Ford,
senhor Jorge Lins Freire, presidente da FIEB,

Quero cumprimentar o Martiniano, presidente estadual da Central Única
dos Trabalhadores,

O Aurino Pedreira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos,

E quero cumprimentar os fornecedores da Ford, os revendedores da
Ford, aqueles que, em função desta empresa, estão sobrevivendo e ajudando
outras pessoas a sobreviverem,

Meus amigos e amigas trabalhadores e trabalhadoras da Ford,

Como vocês estão percebendo, nós estamos aqui para comemorar um
milhão de carros produzidos na Bahia. Para vocês, que estão aqui dentro, isso
tem um significado infinitamente maior porque cada carro que vocês vêm

andando pelas ruas deste País ou em alguns países do mundo, vocês sabem que foi produzido na Ford, vocês sentem uma ponta de orgulho ainda maior de saber que a baianidade brasileira está movendo carros pelo mundo inteiro.

Agora, é importante que não percamos de vista que o Brasil está vivendo um momento em que todos nós precisaremos refletir qual a nossa responsabilidade para garantir que o Brasil finalmente, no século XXI, dê todos os saltos de qualidade que ele não conseguiu dar no século XX.

O Brasil, durante 50 anos, foi a economia que mais cresceu no mundo. De 1950 a 1980, o Brasil causava inveja a muitos países do mundo, tal o crescimento do nosso Produto Interno Bruto. Entretanto, quando chegou no final dos anos 70, que nós tivemos que pagar um pouco a conta desse crescimento, nós percebemos que o Brasil tinha jogado fora ou tinha perdido grandes oportunidades de se transformar numa nação altamente desenvolvida.

O Brasil não fez a reforma agrária quando o mundo inteiro fez, jogamos fora a oportunidade. O Brasil não acabou com o analfabetismo, quando grande parte do mundo desenvolvido acabou, jogamos fora outra oportunidade. O Brasil cresceu, em média, 7% nos anos 50, mas a inflação crescia, em média, 21% nos anos 50. O Brasil cresceu até 14,3% nos anos 70, mas a inflação chegava a 20% e nós contraímos uma dívida e depois passamos 26 anos para pagar essa dívida. No Brasil habituava-se a dizer que não se podia fazer os investimentos necessários no desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade brasileira, porque custava caro. Alguns até diziam que se gastava muito dinheiro quando se falava em investir em educação.

E hoje nós nos perguntamos toda noite: quanto nós perdemos por não fazer as coisas certas no momento certo? Quanto nós perdemos de tempo neste País por não termos coragem de tomar as atitudes que deveríamos ter tomado para fazer o País se transformar, definitivamente, numa nação muito desenvolvida?

Pois bem, eu estou vendo aqui como trabalhadoras e trabalhadores da Ford, primeiro uma quantidade enorme de mulheres, coisa que a gente não via num tempo não muito distante, me parece que 35% ou 30% dos empregados da Ford são mulheres. E vejam a evolução da sociedade: há 20 anos era impensável uma mulher exercer determinadas funções que eu vi no Senai hoje, mulher aprendendo a soldar, isso era coisa de homem. Era proibido mulher

trabalhar com solda. E hoje o avanço tecnológico foi de tamanha grandeza, e as conquistas e a evolução política de participação das mulheres é de tal magnitude que a mulher hoje se dá ao luxo de trabalhar na solda, e ninguém diz que é um trabalho penoso. Ganhei no Senai uma peça feita por uma moça ferramenteira. Até os anos 70, ferramenteiro também era coisa para homem, não era coisa para mulher. Ora, essa evolução que nós estamos conquistando na sociedade e no mundo do trabalho, numa empresa como esta que tem uma maioria imensa de pessoas com menos de 30 anos de idade, pode me permitir sair daqui acreditando que o Brasil não desperdiçará as oportunidades do século XXI. Primeiro, porque quando eu ganhei a Presidência – e é importante que os companheiros da direção da Ford saibam disso, o Rogério já conhece – nós tomamos uma atitude de que governar um país não é diferente de governar a casa da gente. Só que a família é maior, não é só um, nem dois, nem três, são 190 milhões de filhos que você tem e você precisa sempre levar em conta que o resultado do bolo produzido precisa ser distribuído de forma mais equânime para todo mundo.

E nós também chegamos à conclusão de que era plenamente possível a gente combinar o crescimento econômico deste País com uma forte política de inclusão social. Não é apenas por conta dos programas sociais que o governo tem, é porque há muito tempo neste País os dirigentes sindicais não conseguiam fazer acordos de salários ganhando acima da inflação. E faz quatro anos consecutivos que os acordos salariais, 88% deles, são feitos com ganhos reais acima da inflação. Quero lembrar a vocês que fiz as maiores greves que os sindicalistas já puderam fazer neste País. E quantas vezes, Rogério, voltava a trabalhar sem ganhar absolutamente nada, porque naquele tempo nem os trabalhadores tinham a organização que têm hoje, nem o governo agia democraticamente como age hoje, porque naquele tempo quando a gente fazia uma greve era o ministro do Trabalho que tentava interceder contra os trabalhadores, era o comandante do Exército que intercedia para causar medo aos trabalhadores, era a Polícia Militar que estava colocada muito mais para pressionar os trabalhadores. Hoje, a questão do movimento dos trabalhadores é uma questão entre as empresas e os trabalhadores, não é um problema do governo. O governo não se mete, porque nós achamos que a liberdade sindical e o direito de greve são conquistas universais e que precisam

ser mantidas para o bom funcionamento da democracia.

Mas mais importante do que isso é que nós estamos convencidos também de que ou nós investimos em educação, e investir em educação significa a gente, primeiro, abolir a palavra de que investir em educação é gasto e dizer, claramente, que educação é o mais sagrado investimento que uma nação pode fazer. É por isso que nós criamos o ProUni, onde 420 mil jovens pobres da periferia conseguiram chegar à universidade. Quando nós criamos o ProUni alguns críticos diziam que nós estávamos nivelando a educação por baixo. No teste feito, no ano passado, em 14 áreas, os melhores alunos de engenharia e de medicina foram exatamente os alunos do ProUni que tiveram uma oportunidade e conseguiram mostrar que têm competência para estudar.

Ora, quando o governo federal, o Senai, o Sesi e o governo estadual duplicam o número de vagas no Senai aqui, na Bahia, é porque nós acreditamos que somente a qualificação profissional vai permitir que vocês conquistem a cidadania plena e vai permitir que vocês possam ter emprego, seja aqui em Camaçari ou seja em qualquer outro lugar do Brasil. Porque com uma carteira profissional na mão, com uma profissão, a chance de ter emprego é muito maior. E quando falo de profissão, eu falo para as mulheres: não tem nada pior, no mundo feminino, quando a gente vai discutir a situação das mulheres e a gente percebe que uma mulher é dependente do marido. Se a mulher depender do salário do marido, é obrigada a se subordinar às coisas de que ela não gosta. Mas se ela tiver uma profissão e ganhar um salário para de sustentar, quando o marido fizer um desaforo para ela, ela faz dois desaforos para ele e ele vai ter que respeitá-la. Da mesma forma é um homem sem profissão. Um homem sem profissão, quando sai para procurar emprego, se não tem profissão, ele chega numa fábrica, entrega a sua carteira, o diretor de recursos humanos pega a carteira e pergunta: “Tem profissão?” “Não”. “Então, passa outro dia”. Esse outro dia nunca chega. É o dia de São Nunca. Agora, se ele tiver profissão, certamente o diretor de relações humanas vai fazer uma fichinha dele e vai deixar no computador, quando precisar, saberá onde mora esse cidadão.

É por isso que nós estamos criando no Brasil 10 novas universidades federais, 48 extensões universitárias, e é por isso que estamos fazendo, no Brasil, mais 214 escolas técnicas profissionalizantes. É importante lembrar que

de 1903, ou melhor, de 1909 até 2003 foram construídas 140 escolas técnicas. Nós vamos fazer, de 2003 a 2008, 214 escolas técnicas espalhadas por este País para que a gente possa garantir às pessoas o direito de estudar, porque essa é a conquista maior. Podem ter certeza, meninas e meninos que estão aqui, que a coisa mais sagrada para o pai e para a mãe de vocês não é deixar uma casa de herança ou dar um carro de presente. É dar uma formação profissional para vocês, porque aí eles saberão que a vida inteira vocês nunca mais serão dependentes de ninguém, mas serão dependentes apenas da inteligência de vocês.

A Ford sabe e as empresas brasileiras sabem: nós vivemos um momento privilegiado neste País. O consumo, no Nordeste brasileiro, e o comércio varejista são o exemplo maior: crescem há 23 meses consecutivos. O Produto Interno Bruto cresce há 22 trimestres consecutivos, numa demonstração de que nós encontramos um denominador comum para este País. Hoje, o Brasil se orgulha de estar entre os dez maiores países com reservas nas suas contas: são 165 bilhões de dólares de reserva; o Brasil se orgulha de ser um país que tem superávit na balança comercial, acima de 45 bilhões de dólares; o Brasil se orgulha de ter convidado o FMI e ter dito “nós não precisamos mais de vocês, por favor, tome aqui o que nós lhe devemos e nós queremos tomar conta da nossa economia”.

O Brasil vai produzir, este ano, uma safra agrícola recorde: 136 milhões de toneladas de grão, e o Brasil tem um espaço imenso para ocupar este mundo globalizado. O Brasil, finalmente, está aprendendo que nós somos grandes, mas que uma nação só será maior se o povo estiver melhor preparado, se a gente tiver orgulho, se a gente tiver respeito próprio e se a gente não andar de cabeça baixa neste mundo globalizado, onde duas ou três nações pensam que são donas do Planeta.

O Brasil aprendeu a gostar de si e eu posso dizer para vocês: o mundo que eu vislumbro para o Brasil é um mundo de muito crescimento. Acho que o Brasil vai ter um ciclo extraordinário. O que aconteceu com a Ford aqui, de vir hoje inaugurar a produção de 1 milhão de carros... daqui a pouco tempo ela vai ter que inaugurar 2 milhões, porque a produção será crescente, o mercado será crescente e, na medida em que vai crescendo o poder aquisitivo do povo, mais gente vai poder comprar mais carros; na medida em que as empresas

automobilísticas e os bancos aumentaram o número de prestações, estourou a venda de carros no mercado interno brasileiro, o que era um desafio. O Rogério se lembra, há dois anos discutíamos e o Rogério falava: “Presidente, precisa crescer o mercado interno, se não crescer o mercado interno, como vai ser?” Bastou aumentar de 36 para 72 prestações, estourou o mercado de carros brasileiros, porque todo mundo tem o sonho de ter um carro. Todo homem quer casar com uma mulher bonita e quer ter um carro bonito. Toda mulher quer casar com um homem bonito e ter um carro bonito. Ora, na medida em que facilita a vida da gente e a gente pode colocar a prestação dentro do nosso contracheque, todo mundo vai ter um carro.

Portanto, agora a Ford vai ter que se preparar porque vai exportar mais do que já exportou, não tem volta, a indústria automobilística brasileira não pode se conformar em produzir dois milhões de carros, dois milhões e 900 mil. Nós precisamos nos preparar para produzir cinco milhões de carros, seis milhões de carros e encher a América Latina de carros brasileiros, a África e, quem sabe, a Europa começar a comprar os nossos flex-fuel, porque eles vão perceber que o Brasil é o único país do mundo que conseguiu construir um carro em que a gente pode colocar 100% de gasolina, 100% de álcool, ou pode colocar 50-50. Agora estamos criando o biodiesel, daqui a pouco a gente começa, em janeiro, a colocar 2% de biodiesel no óleo diesel, daqui a pouco vão ser 5%, daqui a pouco vão ser 10%, daqui a pouco vão ser 100%, e o Brasil vai passar a ser o primeiro país do mundo a ter carros e caminhões em que as pessoas se darão ao luxo de chegar num posto de gasolina e escolher “qual é o combustível mais barato e ambientalmente mais correto? Eu vou encher o tanque do meu carro”. E é isso que vai permitir que o Brasil ocupe um lugar de destaque.

Eu estou convencido, meus companheiros diretores da Ford, de que a indústria automobilística brasileira finalmente encontrou o seu caminho de combinar o crescimento do mercado interno com o crescimento do mercado externo, vender lá fora e vender aqui dentro para alegria dos revendedores da Ford, que estão sorrindo como ninguém, e lamentando porque este carro, em vez de ser vendido, foi doado para uma instituição, porque alguns já queriam vender.

No mais, quero dizer para vocês, companheiros da Bahia, que vocês

elegeram um governador de estado, meu companheiro, meu amigo de muito tempo, quando ele era só sindicalista, como eu. Nós temos grandes planos para a Bahia. Podem ficar certos de que nós queremos não apenas para a Bahia, nós queremos dar ao Nordeste brasileiro aquilo que o Nordeste brasileiro sempre teve direito e que lhe foi negado durante décadas e décadas, em que o desenvolvimento era pensado apenas para algumas regiões do País.

Um presidente da República não pode ter preferência por estado, não pode. Mas um presidente da República tem que saber que são exatamente as regiões mais necessitadas do País que precisam de maior aporte de incentivo do governo federal, para que a gente possa tornar o País mais equânime. Por isso precisamos cuidar do Rio Grande do Sul, mas precisamos cuidar do Acre, precisamos cuidar do Paraná, mas precisamos cuidar de Rondônia, precisamos cuidar de São Paulo, mas precisamos cuidar de Roraima. Porque somente com essa visão de um País de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, e de um País com um potencial extraordinário, é que a gente vai construir este País justo.

A Bahia tem potencial de se industrializar. O papel do governo federal é ajudar o governo da Bahia a ter um investimento em infra-estrutura. E vocês sabem que aqui na Bahia nunca faltou ajuda, da minha parte, pelo fato de o governador não ser do PT. Todo mundo aqui sabe que eu tratei com toda a deferência do mundo o governador Paulo Souto, o prefeito, se fosse do PT ou não fosse do PT, porque um presidente da República não olha a cor do partido, o presidente olha a cara do povo. Se o povo está precisando, é ali que a gente tem que fazer investimentos.

Agora, certamente que olhar a cara do povo e, dentro desse povo, olhar um governador que é companheiro da gente há 40 anos, fica muito mais fácil a gente fazer as coisas com muito mais boa vontade com o governador.

Por isso, eu quero desejar a você, Wagner, toda a sorte do mundo. Você está começando, o primeiro ano é sempre um ano que gera muita expectativa e frustração, mas eu te conheço e sei que você vai mudar a cara da Bahia, estou convencido de que você vai mudar a cara da Bahia. Afinal de contas, um carioca que vem para a Bahia e deu certo só pode fazer o bem para a Bahia daqui para a frente. Até porque você deve a cidadania à Bahia, a esse povo extraordinário.

Segundo, quero dizer para a Ford que podem ficar tranqüilos que se depender das políticas do governo a Ford vai continuar crescendo, como vai continuar crescendo toda a indústria automobilística brasileira.

Terceiro, quero dizer aos meus queridos prefeitos: por favor, utilizem bem o dinheiro do PAC, porque nós queremos ver obras e mais obras neste País, porque nós estamos cansados de esperar.

Parabéns à diretoria da Ford e, sobretudo, parabéns aos trabalhadores e às trabalhadoras da Ford. Um grande abraço.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração de unidade do Cimatec/Senai**

Salvador-BA, 29 de outubro de 2007

Meu caro companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,
Meus companheiros ministros presentes a este evento,
Ex-ministro Waldir Pires,
Meu caro Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,
Desembargador Benito Figueiredo, presidente do Tribunal de Justiça da
Bahia,

Senadores João Durval e César Borges,
Deputados estaduais,

Companheiros deputados federais e deputadas. Eu não sei se estão
todos aqui mas, companheira Alice Portugal, Antônia Magalhães, Colbert
Martins, Daniel Almeida, João Bacelar, João Leão, José Carlos Araújo, José
Rocha, Joseph Bandeira, Jusmari Oliveira, Lídice da Mata, Luiz Bassuma,
Mario Negromonte, Nelson Pellegrino, Sérgio Carneiro, Uldurico Pinto, Zezéu
Ribeiro. Não tem nenhuma votação importante lá no Congresso Nacional não?

Meus companheiros prefeitos,
Vereadores aqui presentes,

Meu querido companheiro João Henrique, prefeito de Salvador,

Meu caro amigo e companheiro Armando Monteiro, presidente da
Confederação Nacional da Indústria,

Meu caro general Paulo Komatsu, diretor de Obras de Cooperação do
Exército,

Meu caro Jorge Lins Freire, presidente da Federação das Indústrias do
Estado da Bahia,

Meu caro José Manuel de Aguiar Martins, diretor-geral do Senai



Nacional,

Meu caro Gustavo Leal Sales Filho, diretor do Senai da Bahia,

Meu companheiro Pagot, do Dnit,

Meus amigos, minhas amigas,

Queridos alunos e alunos do Senai/Cimatec Bahia

Primeiro, Armando, você já sabe disso, creio que o presidente da Federação das Indústrias da Bahia, creio que os responsáveis pelo Sesi e pelo Senai também, sabem a importância que eu dou à formação profissional. Não há nada mais sagrado para uma mãe ou um pai do que ver o seu filho se formar. Eu digo sempre que a um pai e a uma mãe o que menos interessa deixar para o filho é um conjunto de bens materiais. Todos nós já somos felizes quando podemos deixar para os nossos filhos uma formação profissional, se possível um diploma de doutor na universidade. Mas, muitas vezes, um curso profissional garante muito mais a um adolescente a oportunidade concreta de um posto de trabalho do que um curso universitário, dependendo no que o jovem se formou.

E vocês viram a cara da menina que me deu aqui a placa. A cara dessa menina, o sorriso dela, a expectativa de vida que ela construiu em torno da possibilidade que ela está tendo de se formar aqui é algo que não tem preço, é algo que possivelmente ela será eternamente agradecida, como eu sou, no dia em que a minha mãe me pegou pelo braço, em 1960, e me levou numa caminhada de oito quilômetros para me inscrever no Senai. E eu digo em todo santo lugar que foi exatamente a oportunidade que eu tive de estudar no Senai que me abriu a cidadania para uma profissão, por conta disso, para um emprego melhor, por conta disso para outros passos até chegar à Presidência da República. Obviamente que o Senai não prepara para isso, o Senai apenas abriu a possibilidade de que eu tivesse acesso a outros lugares que me permitiram chegar aqui.



Mas eu fico gratificado porque eu vivi, Armando, a grande crise do desemprego de 1965. Vocês são todos jovens e não lembram, mas em 1965 houve uma crise profunda de desemprego neste País. Eu fiquei um ano e dois meses desempregado, Armando. Eu era recém-formado do Senai e quando a gente é recém-formado, não tem a credibilidade que tem depois de sete, oito, nove ou 10 anos de profissão.

Eu me lembro quanta gente desempregada e lembro a diferença em procurar emprego com uma carteira com profissão e uma carteira sem profissão. Todo mundo aqui, quem não procurou emprego ainda, vai saber o seguinte: quando a gente tem uma profissão e a gente chega numa empresa, mesmo que não tenha vaga, ela vai anotar o nome da gente, vai fazer uma ficha, porque na hora em que começar a crescer, certamente ela vai atrás de um profissional competente. Mas se você não tem profissão, é simplesmente um “não” que você recebe na cara.

Passados tantos anos, desde que eu me formei no Senai, foi em 1963, já faz, portanto 43 anos que eu me formei no Senai, eu fico mais feliz ainda de perceber que a inovação tecnológica chegou na nossa cabeça, na cabeça do presidente da República, na cabeça do presidente da Confederação Nacional da Indústria, na cabeça dos nossos ministros, nas cabeças dos empresários, para compreender que o Senai do século XXI tem que ser realmente um Senai capaz de atender à revolução tecnológica que está acontecendo no mundo e preparar os nossos jovens para as indústrias cada vez mais modernas e mais atualizadas.

Eu saio daqui com a sensação de que não há dinheiro que pague a esperança estampada na cara desses meninos e dessas meninas que eu tive a oportunidade de visitar. Portanto, meu caro Armando, todo o sistema Senai e o sistema Sesi, estejam certos de que contarão com o governo naquilo que estiver ao nosso alcance, para que a gente possa fazer mais escolas, formar melhores profissionais, porque é isso que vai fazer o Brasil se transformar



numa grande nação no século XXI. Esse é o caminho e se nós perdemos, durante muito tempo, a chance de fazer o que estamos fazendo agora, nós agora temos que correr muito mais, eu diria muitas vezes, atrás do prejuízo, para que a gente possa atender a um novo ciclo de desenvolvimento no Brasil, combinado com um novo ciclo de crescimento, que todos nós iremos trabalhar para que seja duradouro, eu diria, que dure duas, três décadas, para que a gente possa recuperar as duas décadas e meia perdidas que nós tivemos de 1980 até outro dia.

Dito isso, eu queria dizer aos companheiros que nesses últimos 15 dias eu tenho tido motivo para acreditar ainda mais no nosso País. Primeiro, porque o meu ministro de Ciência e Tecnologia, junto do Conselho Nacional que discute Ciência e Tecnologia, me apresentou a proposta para o Brasil até 2010. Até 2010 serão investidos 41 bilhões de reais na área de Ciência e Tecnologia para que a gente dê um salto de qualidade de forma extraordinária e na construção de uma parceria com as empresas brasileiras, o que até então era difícil, porque houve um tempo em que os nossos cientistas não gostavam dessa combinação: ciência/empresas. Houve um tempo em que o nosso pessoal se contentava em produzir as suas teses acadêmicas para ficar na gaveta para estudo e não transformar aquilo num produto que pudesse gerar riqueza e conseqüentemente mais investimento. Graças a Deus há uma evolução e todos estão compreendendo que esse é o caminho que o Brasil tem que trilhar e, se não trilhar, nós jogaremos outra vez mais uma oportunidade de o Brasil se desenvolver.

A outra informação importante, ainda no campo da educação, é que nós estamos fazendo votações em todos os conselhos universitários e estamos discutindo a elevação do número de alunos por professores de 12, que é hoje no Brasil, para 18 alunos por professor. Se nós concretizarmos isso, nós estaremos, nos próximos quatro anos, colocando 1 milhão e 28 mil de alunos a mais nas universidades públicas federais brasileiras, fazendo com que a gente



possa combinar essa formação universitária com a nossa formação técnica profissional e recuperar o tempo perdido de décadas em que também não se investiu corretamente na educação.

Meu caro Geraldo, eu queria dizer meu caro, já que você veio de Itabuna para Salvador, dizer o seguinte: quando nós em 2010 estivermos fazendo a última prestação de contas para este País, nós vamos estar entregando ao País, 10 universidades federais novas, vamos estar entregando ao País 214 escolas técnicas profissionais espalhadas por todo o território nacional e estaremos entregando ao País 48 novas extensões universitárias, levando as universidades para o interior do nosso País. Isso tudo somado aos números que a CNI mostrou aqui, somado ao Programa ProJovem, somado a todos os programas que nós estamos lançando para atendermos em 2010 até 4,5 milhões. Somados aos programas que muitas empresas estão fazendo porque sabem que elas também precisam formar a sua própria mão-de-obra, eu acho que nós poderemos, em pouco tempo, recuperar o atraso a que fomos submetidos.

O Armando sabe que cada vez que eu vejo um gráfico, viu governador, cada vez que eu vejo um gráfico que diz que a capacidade instalada está se esgotando, eu começo a ficar preocupado, porque na hora em que a capacidade instalada está atingindo o seu nível mais superior, significa que urgentemente nós precisamos convencer as empresas brasileiras a fazerem mais investimentos, porque a etapa de uma empresa fazer um novo investimento é o seguinte: primeiro a economia começa a crescer, o empresário começa a vender um pouco mais. Nesse momento, o empresário ainda não tem coragem de construir um galpão a mais, porque ele não sabe se vai ser duradouro. Então, o primeiro passo dele é contratar umas horas-extras, duas horas a mais por dia ou quem sabe trabalhar um sábado até meio-dia. Aí, se aquilo vai se consolidando, a economia continua crescendo e o empresário está vendo a sua demanda crescer cada vez mais, o que ele vai fazer? Ele vai



abrir um terceiro turno. Se isso se consolida, aí sim vem uma nova planta, um novo projeto, novas máquinas.

Eu fui sexta-feira, junto com o Sérgio Rezende, à Petrobras, no Centro de Pesquisa da Petrobras, e está acontecendo uma coisa que está me deixando preocupado. É que os fornecedores da Petrobras estão demorando 470 dias para entregar as encomendas que antes entregavam em 270 dias. Por quê? Porque as empresas de petróleo estão crescendo muito no mundo, a demanda é muito grande, não há capacidade instalada para atender a demanda nem da Petrobrás e nem de outras empresas do mundo. E nós, Armando, vamos ter que construir muito discurso, o BNDES estará à disposição para a gente construir linhas de financiamento, porque agora chegou a hora dessas empresas voltarem a crescer.

Eu vou dar um exemplo para vocês: nós temos algumas regiões do País em que está faltando cimento. Está faltando cimento, que é uma matéria-prima que desde 1980, até outro dia nós tínhamos várias empresas que tinham desativado fornos inteiros porque há 26 anos a indústria da construção civil não crescia neste País. Pois bem, agora está faltando cimento, agora está faltando vergalhão, agora já está faltando engenheiros em algumas regiões, já está faltando pedreiro, já está faltando gente para colocar azulejo. Ora, a gente poderia dizer que é uma falta boa, não é? É melhor do que quando está faltando vagas para essas pessoas trabalharem, mas é ruim porque se a gente não tomar a atitude seguinte, que é a de criar política de incentivo para que essas empresa possam voltar a produzir... até 2010 serão instaladas neste País mais 12 fábricas de produção de cimento, porque há muitos anos não se construía nenhuma.

Este País só será construído se nós tivermos algumas coisas em mente. Primeiro, é preciso consolidar definitivamente a democracia no nosso País; segundo, é preciso que a gente continue baixando as taxas de juros; terceiro, é preciso que a gente tenha cada vez mais linhas de crédito para financiamento e



que esse crédito esteja disponibilizado em menos tempo, porque muitas vezes a burocracia demora muito para que esse crédito saia, às vezes em um ano, às vezes em um ano e meio, às vezes em 4 meses, depende do tipo de empresa. Mas este País não pode esperar porque, por vacilação, nós já tivemos momentos extraordinários em que íamos crescer e de repente nós não crescemos, veio a crise e o País voltou atrás. Nós agora estamos seguros de que não tem como voltar atrás.

Vocês estão lembrados de que até outro dia qualquer discursinho do presidente do Banco Central americano criava uma crise aqui. Agora, nem a crise deles abala mais a gente. Por quê? Porque a economia está sólida, e a economia estando sólida permite que a gente possa discutir os novos passos. Por exemplo, como recuperar a indústria cacaueteira na Bahia, como fazer uma combinação para recuperar um setor extraordinário de uma região extraordinária deste estado que há muito tempo vem sobrevivendo às custas de muito antibiótico? Nós estamos construindo um programa para recuperar, numa combinação do setor cacaueteiro, o setor seringueiro e o setor de palmeira africana – o nosso famoso dendê, para a gente pode inaugurar, em Candeias a fábrica de biodiesel que a Petrobras tem que construir aqui e tem que construir em outros estados do Nordeste. Essa política de desenvolvimento do Nordeste tem como objetivo recuperar o atraso a que o Nordeste foi submetido. Vamos ser francos, vocês que são baianos, Wagner – agora é que estou me lembrando que você é um baiano do Rio de Janeiro –, mas vamos ser francos, o último grande momento de investimento na Bahia foi na década de 70, com o Pólo Petroquímico de Camaçari, o último grande momento.

Outros estados do Nordeste passaram décadas sem que houvesse um pensamento de recuperar esta região e tornar o Brasil mais justo. O momento é esse. Por isso é que é preciso investir muito na educação aqui. Se vocês pegarem os indicadores da formação de doutores, Zezéu, você vai perceber que para cada 100 que a gente monta no Sudeste, monta-se um no Nordeste,



monta-se um no Norte do País.

Então, com esse desnivelamento de oportunidades, a gente não vai a lugar nenhum. Aqui não tem nada contra nenhuma região, pelo contrário, nós somos a favor de um Brasil mais equânime, mais justo, onde todos tenham oportunidade de ver este País crescer de forma uniforme.

O que nós vamos fazer para a Bahia, nos próximos três anos, não é apenas porque o Wagner é meu amigo, é porque a Bahia necessita de uma ferrovia, é porque as ferrovias precisam ser recuperadas, senão o nosso discurso de desenvolvimento não tem credibilidade. Você anuncia o crescimento mas não anuncia a ferrovia, não anuncia a rodovia, então não vai para a frente.

Eu queria dizer para vocês, meus companheiros, que o futuro deste País está nas nossas mãos, se a gente não tiver atitude mesquinha, se a gente não for pequeno e se a gente pensar, independentemente do partido a que as pessoas pertençam. Acho que tem hora para a gente ser do partido, quando a gente está disputando eleição, mas tem uma hora em que a gente tem que votar não é apenas porque o meu partido quer que vote, é votar porque aquilo é de interesse do País, quem perde ou quem ganha com aquilo. Se a gente pensar grande e se a gente não permitir que a pequenez política tome conta da nossa cabeça em momentos em que a gente acha que pode prejudicar A ou B, este País tem, neste começo do século XXI, a chance que ele teve quando Getúlio pensou em industrializar este País, tem a chance que teve o Juscelino quando pensou no Plano de Metas, tem a chance que teve no Plano Cruzado, tem a chance que teve no Plano Real. E que não tiveram seqüência por quê? Porque muitas vezes a pequenez política, o pensamento nas próximas eleições atrapalharam a continuidade de um programa duradouro para este País.

Da minha parte, eu quero dizer ao governador da Bahia: Wagner, a Bahia não tem política de relação de favor com o governo federal, a Bahia tem direitos. E por ter direitos, eu acho que tanto os deputados, os senadores,



quanto o governador precisam, diuturnamente, estar cobrando o governo federal, porque você sabe que a gente também fica à mercê das pressões lá. Se você não for muito lá, Pernambuco vai; se você não for muito lá, São Paulo vai; se você não for muito lá, Minas Gerais vai. Então, é preciso estar sempre na trilha, fazendo pressão, porque às vezes a gente sai de lá às 10h da noite com governador pedindo uma coisa, se chega um outro às 10h30 e pede, depende do pedido e do projeto.

Pois bem, como nós temos disposição, e o PAC é a demonstração do jeito republicano de governar, ou seja, todos os governadores, independentemente do partido político, todos os prefeitos, independentemente do partido político, todos estão aquinhoados com uma fatia do dinheiro do PAC, porque nós pensamos, definitivamente, que esse é o momento do Brasil.

Então, meus parabéns, Wagner, a tua última visita a Brasília valeu. Se chorar um pouquinho as coisas acontecem.

Mas eu queria terminar parabenizando a CNI e esta escola aqui. Olhem, eu saio daqui acreditando que nós só não damos certo se formos muito incompetentes.

Eu queria que a nossa menina ficasse de pé e viesse aqui para a gente ver a cara dela. Dá uma olhada nesse sorriso aqui. Se a gente imaginar o que nós colocamos de esperança e expectativa nessa “cachola” aqui, e se a gente imaginar a alegria com que ela está aqui, Armando, nós não temos o direito de não dar certo. Nós temos a obrigação moral e política de fazer do Brasil o grande país do século XXI.

Parabéns, Armando. Parabéns, Jaques Wagner, e parabéns a todos vocês.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014

Zurique-Suíça, 30 de outubro de 2007

Eu queria dizer ao presidente da Fifa, presidente Blatter, da alegria de ver o nome do Brasil aparecer naquela papeleta.

Quero agradecer aos governadores do Brasil e às governadoras que estão aqui, são 13, mas certamente tem 27 querendo levar a Copa do Mundo para seus estados.

Quero agradecer a todo o Comitê Executivo da Fifa, aos presidentes de federações e agradecer ao Ricardo Teixeira pelo empenho, não agradecer, dar os parabéns pelo empenho.

Eu dizia ao presidente Blatter, antes de começar esta reunião, que o fato de o Brasil ter sido escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2014 era motivo de muita alegria e de muita festa mas, sobretudo, era motivo para que nós regressássemos ao Brasil sabendo o que está pesando nas nossas costas: muito mais responsabilidade do que quando nós chegamos aqui. Realizar uma Copa do Mundo é uma tarefa imensa, é uma tarefa, eu diria, incomensurável, mas se o Brasil já foi capaz de realizar uma, em 1950, quando eu tinha apenas quatro anos e seis meses de idade, imagine o que o Brasil não pode fazer quando eu já terei 69 anos de idade. Portanto, poderemos fazer essa Copa do Mundo.

Eu quero tranquilizar os dirigentes da Fifa. Essa não é uma responsabilidade do atual presidente – que já não serei mais em 2014 –, não é apenas responsabilidade do presidente da Confederação, não é apenas responsabilidade dos governadores que estão aqui. No fundo, no fundo, nós estamos aqui assumindo uma responsabilidade enquanto nação, enquanto Estado brasileiro para provar ao mundo que nós temos uma economia crescente, estável, que nós somos um dos países que está com a sua estabilidade conquistada. Somos um país que tem muitos problemas, sim, mas somos um país com homens determinados a resolver esses problemas.

Vocês verão no Brasil jogadores espetaculares como Dunga e Romário,

e tantos outros que apareceram na televisão. Vocês verão no Brasil coisas maravilhosas produzidas pela natureza, vocês verão no Brasil a capacidade que teremos de construir bons estádios. Mas eu tenho certeza, sete anos antes, de dizer para vocês: a coisa que mais irá empolgar os jogadores, os jornalistas e os dirigentes de futebol do mundo, mais os torcedores, não será Ricardo Teixeira, não serão os governadores, nem o presidente da República, não serão os estados, mas será o comportamento extraordinário do povo brasileiro. O tratamento que esse povo dará, estejam certos que marcará a história das Copas do Mundo.

Eu estou aqui meio dividido, um pouco presidente, um pouco amante do futebol. E o povo brasileiro é mais ou menos igual a mim, ou seja, o futebol não é para nós apenas um esporte, é mais, o futebol é uma paixão nacional. Choramos, Platini, quando você marcou um pênalti no Brasil, choramos. Mas também rimos quando o Romário marcou um gol, rimos quando o Dunga levantou a Taça. Eu, que sou amante do futebol, quando vejo o Beckenbauer aqui... e saber que eu e, certamente, os brasileiros que gostam de futebol temos no Beckenbauer um dos maiores jogadores que o mundo produziu. Só não é maior porque quis Deus que o Brasil produzisse o Pelé.

Então, eu quero dizer a vocês: estejam certos de que o Brasil saberá, orgulhosamente, fazer a sua lição de casa, realizar uma Copa do Mundo para argentino nenhum colocar defeito.

Nós não vamos escolher quem vai ser o finalista com o Brasil. Certamente iremos trabalhar, não é, Dunga, para que o Brasil esteja na final. Se tudo der certo ganharemos, outra vez, uma Copa do Mundo.

Muito obrigado a todos vocês. O Brasil agradece.